

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FACULDADE DE ARQUITETURA,
ARTES E COMUNICAÇÃO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Camila de Paula Gallate

Mulheres e Espelhos

Ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina

Bauru
2018

Camila de Paula Gallate

Mulheres e Espelhos

Ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista – Unesp como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Suely Maciel.

Bauru
2018

CAMILA GALLATE

Mulheres e Espelhos

Ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina

Projeto Experimental de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista – Unesp como exigência parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientação: Profa. Dra. Suely Maciel.

Bauru, 18 de junho de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juarez Tadeu de Paula Xavier
Membro da Banca Examinadora

Profa. Mestre Michelle Moreira Braz dos Santos
Membro da Banca Examinadora

Prof.a Dr.a Suely Maciel
Membro da Banca Examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Suely Maciel, por me guiar durante processo de produção do livro, por seus incríveis feedbacks e por acreditar no meu projeto.

Agradeço à minha mãe, sempre por sempre se fazer presente de alguma forma, por me inspirar e me motivar.

Aos meus amigos, pelo eterno apoio, alguns desde os dois anos de idade. Em especial Matheus Ferreira, pelo carinho fraternal e por sua ajuda no projeto.

Ao Luiz Guilherme, por tanto amor, apoio e paciência.

Agradeço finalmente à UNESP, pelos quatro anos de graduação e principalmente aos professores que estiveram sempre presentes, com seus feedbacks que corroboraram para meu aprendizado e formação.

RESUMO

O produto *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina* é um livro de perfis, construídos a partir de entrevistas, de mulheres de diferentes idades, formação, profissão e personalidade, ilustrados com imagens fotográficas em preto e branco. Ele tem como objetivo contribuir com o debate sobre padronização estética e comportamental feminina, buscando exaltar mulheres que fogem à imagem constantemente reproduzida pelos grandes veículos de comunicação voltados para o público feminino. O trabalho encontra sua justificativa em meio à relevância do tema, no contexto atual, sobre diversidade, identidade e respeito às diferenças, discutindo inclusão social e buscando uma abordagem jornalística menos tendenciosa em relação à imagem da mulher comumente construída e reproduzida na mídia em geral.

Palavras-chave: autoestima feminina; padrão estético; mídia e consumo; perfil jornalístico; reprodução imagética.

ABSTRACT

The product *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina*, is a book of profiles, constructed from interviews, of women of different ages, backgrounds, profession and persononality, illustrated with black-and-white photographic images. It aims to contribute to the debate on aesthetic and behavioral feminine standardization, seeking to exalt women who flee from the image constantly reproduced by the great communication vehicles aimed at the female audience. The paper finds its justification amid the relevance of the theme, in the current context, about diversity, identity and respect for differences, discussing social inclusion and seeking a journalistic approach less biased towards the image of women commonly constructed and reproduced in the media in general.

Keywords: female self-esteem; aesthetic standard; media and consumption; journalistic profile; reproduction.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Tema e Definição.....	7
1.2 Objetivos	9
1.3 Justificativa	10
2. REVISÃO DOS CONCEITOS QUE NORTEARAM AS ESCOLHAS NA REALIZAÇÃO E FINALIZAÇÃO DO PRODUTO	12
2.1 A representação da mulher na mídia: traçando um perfil	12
2.2 Autoestima e representatividade: a importância da inclusão social	17
2.3 Fotografia: A informação pela imagem	18
2.3.1 <i>Fotografia Retrato: conceito, composição fotográfica e a escolha dos fotógrafos</i>	19
2.3.2 <i>Imagens preto e branco</i>	20
2.4. Fundamentos e técnicas jornalísticas empregados	21
2.4.1 <i>Jornalismo Interpretativo e Jornalismo Opinativo</i>	21
2.4.2 <i>Jornalismo de Perfil</i>	22
2.4.3 <i>Técnicas de entrevista, entrevista diálogo</i>	23
2.4.4 <i>Escolha das fontes e produção de pautas</i>	24
2.4.5 <i>Jornalismo como função social</i>	27
3. LIVRO MULHERES E ESPELHOS: ENSAIO SOBRE PADRÕES MIDIÁTICOS E AUTOESTIMA FEMININA	28
3.1 Público-alvo	28
3.2 Projeto Gráfico-Editorial	28
3.3 Estruturação do produto	29
4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO	30
4.1 Pesquisa bibliográfica e documental	30
4.1.1 <i>Livros</i>	30
4.1.2 <i>Teses e Artigos</i>	31
4.1.3 <i>Revistas</i>	33

4.1.4 Sites.....	33
4.2 Entrevistas	35
4.3 Criação das pautas	36
4.4 Ensaios fotográficos	36
4.5 Redação dos perfis jornalísticos.....	37
4.6 Edição e tratamento das fotos.....	37
4.7 Diagramação do livro	37
4.8 Equipamentos	37
4.9 Custos do projeto	38
4.10 Cronograma de execução	39
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
6. REFERÊNCIAS	42
7. ANEXOS.....	45

1. INTRODUÇÃO

1.1. Tema e Definição

O trabalho aqui apresentado busca discutir autoestima feminina em meio a um contexto de criação e perpetuação imagética de determinados padrões estéticos e comportamentais, propagados, de maneira quase hegemônica, pela maioria dos veículos de comunicação, em especial os voltados para as mulheres, e que resultam na formação de gostos compartilhados por amplo conjunto da sociedade.

Ao longo dos anos, a reprodução da imagem feminina pela mídia passou por algumas mudanças, entretanto, as revistas voltadas para a mulher, desde os primórdios, contribuem para a formação e a reprodução de padrões de beleza e comportamento, como critérios sobre o que é belo ou não, como a mulher deve se comportar socialmente e até mesmo como deve agir em um relacionamento afetivo. Essa construção de paradigmas data do início desse segmento editorial no Brasil e se verifica até hoje, quase duzentos anos depois.

Uma das publicações impressas pioneiras no meio, *O Espelho Diamantino*, do início do século 19, já trazia essa orientação. O curioso é que, apesar de ser uma publicação voltada para o público feminino, eram os homens os redatores das matérias, pois somente 14% das mulheres eram alfabetizadas na época. Diversas outras revistas apareceram ao longo do século, mas foi em 1914 que nasceu, em São Paulo, a *Revista Feminina*, que alcançou a marca de 20 mil exemplares por mês. Depois da década de 1950, com as políticas de incentivo ao consumo do então presidente Juscelino Kubitschek, o mercado editorial voltado para o público feminino se expandiu. E assim, a editora Abril lançou a revista *Manequim*, estampando em sua capa atrizes como Audrey Hepburn, estereótipo de beleza na época, com medidas de silhueta que marcavam 81cm de busto, 50,8cm de cintura e 90cm de quadril. Depois de *Manequim*, diversas revistas voltadas para mulheres estabeleceram-se no mercado brasileiro.

A pesquisadora Dulcília Buitoni, autora de *Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira* (2009), escreveu sobre as revistas voltadas para este público seletivo, afirmando que a forma como a imprensa conversa com a figura feminina é subjetiva, camuflada pela ideologia barata de

assuntos superficiais: “Porém, se sairmos da superfície, veremos que a imprensa feminina é mais ideologizada que a imprensa dedicada ao público em geral. Sob a aparência de neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes.” (BUITONI; 1981; p. 21).

Na pesquisa de iniciação científica “A construção midiática da autoestima da mulher pela expressão imagética (Estudo de caso: *Revista Vogue*)” após seis meses de análise das capas das publicações em tempo real, encontrei na revista *Vogue Brasil* um certo padrão estético presente nas modelos escolhidas para a portada da publicação:

- Altura: de acordo com uma pesquisa publicada na revista científica *eLife*, que mapeou tendências de crescimento em 187 países, desde 1914, a altura média da mulher brasileira é de 1,60m. Nas capas da revista *Vogue Brasil*, as modelos selecionadas possuíam altura entre 1,75m e 1,80m.
- Biotipo: todas as modelos selecionadas durante esse período apresentavam o padrão de olhos claros, variando entre azul e verde, pele branca e cabelos lisos ou ondulados.
- Magreza: com manequins que variavam dos tamanhos 34 ao 38, e com pesos entre 54 kg a 59 kg, todas as modelos poderiam ser classificadas como abaixo do peso normal, estabelecido a partir da equivalência altura/peso (cálculo do Índice de Massa Corporal - IMS), determinado pela Organização Mundial da Saúde.

Também entrevistei 72 mulheres - com idades entre 15 e 54 anos - questionando de que maneira tais padrões influenciam na forma como cada uma se vê esteticamente. As respostas foram significativas: 94,4% afirmaram não se sentirem representadas pelas capas da *Vogue Brasil*, enquanto 62,5% afirmaram já haver considerado realizar alguma mudança em seu corpo de forma a se aproximar dos padrões estéticos abordados pela revista.

A partir da pesquisa e tendo-a como alavanca, surgiu a ideia da elaboração de um produto que exaltasse mulheres comuns que têm também seu próprio padrão, diferente dos modelos estéticos e comportamentais repetidos incontáveis vezes pelos veículos de comunicação voltados para esse público. Uma vez

excluída a necessidade econômica de gerar lucro, o produto jornalístico em si cumpre sua função de informar, reproduzir e retratar um recorte da sociedade atual. Tendo em vista a falta de representatividade nos veículos impressos voltados para o público feminino, espera-se que o livro *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina* encontre seu lugar e relevância e, contribua para a inclusão dos sujeitos e o exercício de um jornalismo ético, num momento sociocultural de luta pela igualdade e por respeito à diversidade.

O livro apresenta oito perfis, construídos a partir de entrevistas com as personagens, além de fotografias, em preto e branco, realizadas pela autora, cujas balizas são o conceito de “momento decisivo”, cunhado pelo fotojornalista Henri Cartier-Bresson (1952), e o formato fotografia retrato. Também embasam o trabalho discussões no campo da teoria da comunicação, especialmente da semiótica imagética, que contribuem para a compreensão sobre como é feito o trabalho das imagens na capa das revistas e como isso se reflete na construção da autoimagem e na autoestima da mulher.

1.2. Objetivos

Objetivo geral:

Desenvolver um livro de perfis, construídos a partir de entrevistas, com mulheres de diferentes idades, formação, compleição física e personalidade que busque contribuir para o debate sobre padrões estéticos e comportamentais criados e/ou reproduzidos pelos veículos de comunicação, bem como sobre igualdade, respeito às diferenças e inclusão social, em especial do público feminino.

Objetivos Específicos:

- Realizar entrevistas com mulheres que fogem ao padrão estético e/ou comportamental do modelo midiático trazido pelas revistas impressas voltadas para o público feminino;

- Produzir conteúdo jornalístico composto por perfis de mulheres, ilustrados por fotografias registradas pela autora;

- Desenvolver fotos retrato e/ou espontâneas, a partir dos princípios de composição do “momento decisivo”, de Cartier-Bresson, e de valorização da figura feminina, a partir das contribuições da fotógrafa contemporânea Luisa Dorr.
- Apresentar uma alternativa aos discursos da padronização, cumprindo com a função social jornalística de representar os fatos.

1.3. Justificativa

O desenvolvimento de um livro de perfis jornalísticos voltado para o público feminino tem como mote a inclusão social de certos grupos ainda marginalizados e/ou invisibilizados pela mídia impressa voltada para o público feminino. Uma vez criados padrões estéticos a serem seguidos, é também desenvolvida uma cultura de gosto e beleza altamente influenciada pela necessidade do consumo, transformando a informação em mercadoria. A mídia cria os conceitos de "mulher ideal" e a publicidade vende os caminhos até ela, na forma de vestuário, cosméticos, medicamentos, tratamentos estéticos, alimentação, atividades físicas específicas etc.

Para analisar as consequências de dada padronização estética, na pesquisa de iniciação científica “A construção midiática da autoestima da mulher pela expressão imagética (Estudo de caso: *Revista Vogue*)”, entrei em contato com psicólogos, com vistas a compreender a importância da representatividade da mulher na mídia. A psicóloga Marcela Carvalho explicou essa relevância como um movimento do indivíduo na sociedade em busca de se encaixar em círculos sociais: "Nesse momento é que entram os julgamentos externos e a estipulação de um 'padrão' a ser seguido - de aparência, comportamento e modo de pensar. Ao fazer esse movimento, a maior parte das mulheres perdem sua 'essência' e acabam fazendo de tudo para caber naquele padrão pré-estabelecido".

Foi necessário também entender a relação da criação de padrões estéticos com o desenvolvimento de doenças como o transtorno alimentar: de acordo com estimativas do Instituto Nacional de Saúde Mental (NIMH, na sigla em inglês), dos Estados Unidos, 70 milhões de pessoas em todo o mundo sofrem de algum tipo de transtorno alimentar, sendo a maior parte constituída por mulheres.

A psicóloga Mariana Ponce, do Instituto de Desenvolvimento Emocional e Aperfeiçoamento Humano (IDEAH) explicou que a busca por um modelo, de certa

forma inatingível, pode acarretar o desenvolvimento destas doenças: "muitas mulheres desenvolvem transtornos alimentares como anorexia, bulimia, cada vez mais pressionadas a corresponder pelo corpo ideal, uma vez que esse padrão não é alcançado, desenvolve-se culpa, frustração e uma crença limitante de menos valia".

Em vista do exposto, o livro *Mulheres e espelhos* busca promover a inclusão social através de retratos que revelam uma imagem da mulher sem tantas cobranças, refletindo sobre os desafios que dada padronização impõe ao cotidiano de boa parte da população feminina. E ele também se insere num contexto de reiterado questionamento de modelos e paradigmas, em especial dos de beleza e conduta, que toma conta de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*, e busca apresentar sua contribuição para esse debate.

O produto tem a intenção de trazer à atualidade o momento de quebra de padrões, encontrando a sua relevância jornalística no âmbito da inclusão dos grupos sociais que não pertencem aos padrões vigentes e reproduzidos. Com o intuito de realçar mulheres, o produto objetiva uma comunicação mais justa e menos dependente da publicidade.

A escolha pelo perfil se justifica pelo intuito da autora de trazer uma abordagem mais aprofundada sobre experiências, vivências, impressões e opiniões de mulheres reais, a partir delas mesmas. Já a opção pelas fotos autorais se deu no intuito de reforçar a ideia da visão da autora perante o recorte de perfil, motivada também pela afinidade que a autora possui com a fotografia.

2. REVISÃO DOS CONCEITOS QUE NORTEARAM AS ESCOLHAS NA REALIZAÇÃO E FINALIZAÇÃO DO PRODUTO

2.1. A representação da mulher na mídia: traçando um perfil

No livro *Mulher de Papel, a representação da mulher pela imprensa feminina*", Dúlcilia Buitoni atravessa a história da mídia impressa voltada para o público específico e classifica diversas formas de representação da mulher, conforme a evolução da imprensa. Em seus primeiros momentos, enquanto revistas ainda não haviam sido apresentadas à fotografia, em permear do século XIX, eram dependentes das ilustrações. Então, a mulher fora representada de forma caricata e desenvolvida a partir de poesia, de forma idealizada e associada à natureza, o que Buitoni classifica como Mulher Oásis:

Metáfora em cima de metáfora, a mulher é o que já de melhor na natureza, na pintura, na música e em certas virtudes. Compara-se a mulher a elementos positivos e às vezes essenciais à ideia expressa. (...) A mulher traz mais encanto à natureza, e, no caso do oásis, é o consolo na aridez". (BUITONI, 1981, p. 37)

Concomitante aos movimentos políticos e à ascensão da campanha sufragista, a mulher insere-se, portanto, ao cenário político e decisões trabalhistas, o que trouxe grande reflexo ao conteúdo gerado para o público feminino. Segundo Buitoni, a *Revista Feminina* surge como produto e preenche as divisões (trabalhos manuais, psicologia, beleza, notas sociais, culinária, etc). Surge então o que a autora classifica como "A Mãe Sofrida": "Em sínteses, a Revista Feminina era um produto melhor dimensionado em relação a seu público específico, que estava evoluindo dentro da economia capitalista em consolidação (BUITONI, 1981, p.41)

Já no contexto de influência da arte europeia no Brasil e a eclosão da Semana de Arte Moderna em São Paulo, a imprensa afasta-se do opinativo e encontra mais espaço na reportagem. Entretanto, com a ascensão burguesa, a adoração à beleza renascentista e a cultura do belo retornam às temáticas dos produtos midiáticos impressos. Em uma mistura entre informação, proletariado e burguesia os conceitos veiculados pela mídia feminina passam a ser vagos e

Buitoni caracteriza dada representação como a mulher " Sacerdotisa da Beleza": "Embora tentando ligar a mulher ao mundo material, tratando de sua educação, de sua saúde, de seus direitos, do trabalho feminino, de sua conscientização, de sua informação, do contato com o mundo proletário é ainda uma mulher etérea, cultivadora de valores espirituais, o modelo proposto". (BUITONI, 1981, p.63)

Na década de 1930, durante o período de Revolução Constitucionalista, o departamento de Imprensa e Propaganda passa a reinar perante a cultura brasileira. O jornalismo voltado para o público feminino, encontra então os estereótipos de futilidade que assombam a categoria até os dias atuais: "A imprensa feminina se limitara aos assuntos tradicionais: moda, beleza, criança etc", explica Buitoni, classificando a relativa a dado período como "Iracema dos Lábios Grossos" (BUITONI, 1981, p.71).

Já durante a década de 1940, acontece a expansão do jornalismo norte-americano, trazendo grandes reflexos para a mídia impressa nacional: o conteúdo passa a ser importado, assinado por nomes estrangeiros e traz o que Buitoni classifica como otimismo Hollywoodiano. Assim a divagação de conteúdos é exclusiva da moda, da beleza e do estilo de vida. A autora classifica então a Mulher Celuloide, dependente da estrutura familiar: (...) não há nenhuma profissão apontada para a mulher fora do lar. Vida profissional não está dentro do conceito apresentado. A mulher é só sentimento; seu "habitat" natural é a casa; seu relacionamento interpessoal se restringe a marido e filhos. (BUITONI, 1981, p.84)

Contextualizada na década de 1950, surge depois a "Garota Moderna", resultado de um processo mais vasto de industrialização sofrido pela imprensa brasileira, as revistas femininas passam por uma fase de produção industrial. Surgindo nomes fortes de revistas como o da Capricho, trazendo novos padrões de comportamentos, pautados na expectativa de conquista do homem:

A perspectiva do querer é sempre do homem: eles querem tal tipo de mulher. Só que não percorre o caminho inverso: jamais o texto indaga o que as mulheres esperam dos homens (além do amor, é claro). (...) A mulher se vê através de outros olhos e não os seus. (BUITONI, 1981, p. 92)

Nos anos 1960, surge o que Buitoni entende como "A Dona de Casa Insatisfeita", introduzida ao mercado de consumo, tendo como consequência o aumento de anúncios nas revistas femininas. Ajudando a permear novos padrões estéticos, iniciou-se, porém, uma fase que ainda não fora registrada na mídia voltada para o público feminino, sendo ela a da protagonização da mulher na própria vida: "A fase em que a mulher passou a interrogar-se; a fase de denúncia das injustiças e discriminações das injustiças e discriminações" (BUITONI, 1981, p. 95).

E por fim, a livro encerra as classificações na década por meio da mulher "Liberada e a Marginal". No contexto do auge do consumo nas revistas brasileiras, contextualizado nos anos 1970, as revistas femininas na visão de Buitoni, transformam-se em catálogos de mercadorias e existe uma nova construção do caráter feminino: "A mulher continua bela e bem arrumada, apesar de a vontade. O que mudou além dessa pseudodescontração? Três ingredientes básicos estão sendo incluídos nessa receita de mulher moderna: sexo, prazer e consumo sofisticado" (BUITONI, 1981, p. 108-9).

A autora conclui o livro afirmando que de papel em papel, "A imprensa feminina brasileira colabora para a mitificação e a mistificação do ser feminino, ajudando a manter padrões" (BUITONI, 1981, p.144).

Desta forma, a partir das conclusões de Dulcília Buitoni, para o desenvolvimento do produto, foi realizado também um breve estudo a respeito do atual movimento na mídia impressa feminina. Para entender tal dinâmica, foram analisadas as capas de três grandes segmentos do gênero, em seis meses de publicação (de setembro de 2017 a fevereiro de 2018): *Vogue Brasil*, *Boa Forma* e *Tpm*.

A revista *Vogue Brasil* é nome de destaque entre as revistas de moda, trazendo as editorias de moda, beleza e *lifestyle* como carros chefes de suas publicações. E é responsabilizada por permear conceitos de beleza hegemônicos, sofrendo pequenas alterações ao longo dos anos, mas trazendo sempre um padrão único a respeito da imagem feminina.

Quando questionada sobre a imposição de padrões de beleza e conduta, a editora-chefe da revista *Vogue Brasil*, Patrícia Carta, declarou, para o portal de

notícias G1, que dada imposição é feita de forma intencional: "A *Vogue* tem de fato esse poder. Aliás, é essa a sua principal missão: ditar moda".

Débora Elman, em sua dissertação *Jornalismo e estilos de vida: o discurso da revista Vogue*, conclui então que a revista *Vogue* é utilizada como referência em áreas profissionais ligadas a moda, design e comportamento:

Ao apresentar determinados personagens como referenciais, *Vogue* constrói modelos de estilo. Estas pessoas não apenas dizem o que e quem é elegante, sofisticado, *hype*, *cool* e extravagante, mas influenciam modos de pensar e de se comportar. Ao selecionar estes perfis, a revista reafirma pontos de vista de uma determinada maneira de ver o mundo, alinhando valores, posições sociais e estilo de vida. (Elman, 2008, p. 106)

Quanto à revista *Boa Forma*, esta trabalha sob o pretexto de revista de saúde, abordando cardápios de dietas, manuais de exercícios e produzindo matérias relativas ao corpo feminino. Entretanto, em suas capas propaga a ideologia do "corpo ideal", promovida através de celebridades seminuas, em vestes de praia ou academia, que destacam seus músculos definidos, barrigas lisas e sem marcas de estrias, sem gorduras visíveis no corpo.

No artigo "Consumo, estética e saúde feminina nas páginas e discursos da revista *Boa Forma*", os autores Carlise Nascimento Borges, Murilo Gabriel Berardo Bueno e Talita Maria Carvalho de Lima, concluem que o conteúdo discursivo das matérias presentes na revista *Boa Forma* está diretamente relacionado com os produtos de cuidados com a saúde e beleza sugeridos às leitoras. Comercializando, desta maneira, o padrão estético ideal e o caminho até a mulher perfeita:

Assim, a *Boa Forma* vende padrões estéticos de corpos, ideais de cuidado com o corpo, modelos de comportamento, sexualidade e felicidade, elementos esses que, segundo a revista, são conseguidos com disciplina e consumo dos produtos anunciados, ou seja, controle constante do estilo de vida e dos hábitos de alimentação, exercícios e uso de cosméticos (Borges et. al., 2012, p. 12).

Já em relação à revista *Tpm*, a mesma cria o ideal da mulher livre, abrindo o espaço para debates a respeito de feminismo e sexualidade feminina. Entretanto, ainda se submete ao padrão de beleza pré-estabelecidos pelos grandes veículos

midiáticos, estampando em suas capas, majoritariamente, celebridades que se encaixam nos modelos estéticos propagados pelo mercado de comunicação em massa. No artigo "A mulher na revista Tpm: leituras e apropriações", a autora Bruna Rodrigues, afirma que existem rupturas e continuidades entre papéis tradicionais e posturas mais libertárias por parte das leitoras, todavia, as leitoras ainda reproduzem discursos de padronização feminina:

Acreditamos que as falas aqui reunidas expressam o que uma das entrevistadas disse a respeito da Tpm: "Ela é uma coisa de mulherzinha, mas que não é tão mulherzinha assim" (Laura, 24 anos). Todas as entrevistadas afirmam querer fugir do senso comum, se afastar de determinados estereótipos, em especial daqueles que recaem sobre a condição feminina. Apesar disso, eles continuam presentes, mesmo em suas falas. E elas continuam caminhando no sentido de seu distanciamento (Rodrigues, 2013, p. 12).

A partir de tal embasamento, compreende-se que dadas revistas formulam um discurso que desprestigia mulheres que não se encaixam aos padrões por elas divulgados. A problemática então, se resume à necessidade dos grandes meios em criar uma imagem que desvaloriza o público feminino que não se adequa aos padrões pré-estabelecidos. Tanto em veículos tradicionais como a *Vogue*, que fomenta o estereótipo da típica mulher europeia: branca, manequim 34, olhos claros, traços delicados e altura acima da média da mulher brasileira. Quanto na revista *Tpm*, que ao criar um discurso mascarado pela inclusão, no intuito de quebrar paradigmas, ainda cria nas leitoras a reprodução de um discurso no qual utiliza de palavras como "mulherzinha" (tendo a partícula -inho, como uso conotativo de diminuição) para classificar mulheres que não se encaixam nesse ideal de liberdade e nas publicações da Revista *Boa Forma*, as quais associam diretamente questões de saúde à beleza feminina.

Portanto, é possível definir que, seja através da busca pela liberdade, pela saúde ou pela ideologia da beleza através de um consumo voltado para altas classes, o atual movimento da mídia impressa feminina encontra o que podemos classificar como a *glamourização** da mulher, em qualquer um desses discursos, criando um modelo poderoso e inatingível (seja da mulher saudável, mãe e modelo encontrada na mídia de moda tradicional ou então da mulher livre, mulher real defendida pelas novas mídias) e gerando uma frustração na leitora que não se

encaixa nas medidas exigidas por este mercado. Assim apontado pela própria editora da revista Vogue Brasil, ainda na entrevista ao portal de notícias g1, que respondeu em relação às funcionárias da revista e a obsessão pela magreza: "Elas produzem, apontam e vendem glamour".

2.2 Autoestima e representatividade: a importância da inclusão social

Segundo a psicóloga Marina Ponces, autoestima pode ser entendida como: "A valoração intrínseca que o indivíduo faz de si mesmo em diferentes cenários e eventos da vida, que se dá de acordo com um conjunto de valores eleitos por ele como positivos ou negativo", classificando dado processo como algo mutável, em constante evolução, "como o indivíduo que a todo tempo está buscando autoconhecimento".

Como constatado no item 2.1, desde os primórdios, a mídia impressa voltada para o público feminino, influencia na construção da beleza da mulher. Segundo, os autores do artigo "A influência da mídia na construção da beleza", Daniel Weigert Cavagnari e Rosângela Pires de Paula:

A mulher vive em uma incessante busca pelo padrão de ideal divulgado pelas imagens que a mídia veicula. Muitas vezes, essa busca é justificada como parâmetro para alcançar a felicidade. Longe de naturalizar a relação mídia beleza, procura-se apontar, como a mídia pode desviar as identidades e "propagandear" o culto ao corpo (CAVAGNARI; PAULA, não datado, p. 9).

Paralelamente a essa procura, existe também, principalmente na comunidade online, através de redes sociais, movimentos clamando por um maior nível representatividade por parte da mídia. A exemplo de páginas como Representatividade *trans*, Libertação da Chapinha e Representatividade Importa, que juntas já somam mais de 287 mil curtidas. Atrizes e modelos, também participam do movimento, postando fotos em suas redes sociais com a *hashtag* "representatividade importa".

A psicóloga Marcella Carvalho explica que para qualquer mulher é muito importante para a mulher se senta representada: "Principalmente nas questões de corporais e de etnia, pois correspondem a mulheres que são tratadas como

minorias, são invisibilizadas e não detém o mesmo "poder" midiático e social que uma mulher magra e branca".

2.3. Fotografia: A informação pela imagem

Em um primeiro momento, é necessária a compreensão do material fotográfico também como um meio de expressão de mensagens, isto é, responsável por carregar conteúdos que estabelecem uma forma de comunicação. Todavia, esta apresenta maneiras mais abstratas de carregar o significado e precisa de uma análise semiótica para decifrá-la. No livro *Introdução à análise da imagem*, a autora Martine Joly explica como se dá o processo de entendimento da mensagem:

Qualquer mensagem exige, em primeiro lugar, um contexto, também chamado de referente, ao qual remete; em seguida, exige um código pelo menos em parte comum ao emissário e ao destinatário; também precisa de um contato, canal físico entre os protagonistas, que permita estabelecer e manter a comunicação. (MARTINE, 1996, p.56)

Joly também explica as características das diferentes funções da imagem, sendo dividida em:

- Denotativa, ou cognitiva ou referencial: definida por aquela que "concentra o conteúdo da mensagem naquilo sobre o que se está falando; é dominante em muitas mensagens, ou mostra-se como tal" (MARTINE, 1996, p. 57).
- Expressiva ou emotiva: a qual trabalha a mensagem de forma subjetiva
- Conotativa: segunda a autora ela serve para "manifestar a implicação do destinatário no discurso e a manifesta por todos os tipos de procedimento" (MARTINE, 1996, p. 57), sendo ela a interpelação, imperativo ou então a interrogação.
- Fática: definida por concentrar a mensagem no contato, manifestando-se através de formas ritualizadas, como o alô ao telefone ou fragmentos de conversa.
- Metalinguística: entendida como "o exame do código empregado, enquanto a função poética trabalha sobre a própria mensagem" (MARTINE, 1996, p. 57).

Perante tal análise, a fotografia de moda é interpretada pela autora como imagem implicativa, isto é, subjetiva e portanto classificada como conotativa pois "(...) navega entre o expressivo, manifestado pelo "estilo" do fotógrafo" e também pela função poética, "manifestado pelo trabalho com diversos parâmetros da imagem (iluminação, pose...) (P.58)".

A partir de tais preceitos, pode-se entender que a fotografia é parte fundamental na divagação do discurso da padronização da beleza feminina por meio dos veículos midiáticos impressos voltados para este público. Uma vez que, através da própria caracterização e das poses das modelos, vendem uma ideologia imagética.

Logo, o uso do formato imagético corrobora para a construção de um discurso adverso à formação de um único padrão de beleza. Possibilitando que o produto exerça a função social também nos campos da imagem, abrangendo, desta forma, o processo de inclusão, no intuito de criar uma maior visibilidade para grupos de mulheres invisibilizados pelo mercado editorial da moda feminina.

2.3.1. *Fotografia Retrato: conceito, composição fotográfica e a escolha dos fotógrafos*

Um retrato, segundo o historiador da fotografia John Tagg, pode ser entendido como um signo de dois objetivos fundamentais: descrição de um indivíduo e inscrição de uma identidade social. Ele também apresenta um paradoxo pois, segundo Annateresa Fabris, autora de *Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico*, embora seja entendido como um registro fotográfico passageiro do modelo, o mesmo sofre alterações e não pode ser entendido como um recorte fiel da realidade. Ela define então:

O retrato fotográfico é, sem dúvida, o agente dessa concepção, que transpõe a identidade para o âmbito de uma norma de identificação. Diante dela, todos se assemelham porque desapareceu a outra face da identidade, a alteridade (FABRIS, 2004, p. 180)

Fabris ainda defende que a fotografia é "um atestado de presença, é a contingência absoluta que testemunha a identidade e a condição civil de uma pessoa" (FABRIS, 2004, p 116). Sendo então fundamental para o projeto *Mulheres*

e *Espelhos...*, pois esta possibilita a confirmação da identidade da fonte das fontes selecionadas.

Desta forma, foi feita a escolha pela fotografia de retrato, tendo embasamento teórico de composição e direção da fotógrafa Luisa Dorr, devido aos métodos utilizados por ela e consagrados por 12 fotos de mulheres influentes nas capas da revista *Times*. Na matéria, "A fotógrafa brasileira que levou um iPhone à capa da 'Time'", publicada pelo periódico *El País*, a repórter María Martin escreve que as técnicas de Dorr apresentam "retratos simples de mulheres banhadas por facho de luz natural, em jardins, praias, igrejas, ruas e jardins. Composições às vezes espontâneas e, ao mesmo tempo, magnéticas", sendo classificadas ainda pela editora da revista Times como "incrivelmente consistentes".

Sérgio Villas Boas também apresenta no livro "*Perfis: e como escrevê-los*", que o perfil é o recorte de um momento vivido pelo personagem transcrito. Como o objetivo para produção do texto é a busca pelo momento significativo, a autora decidiu concretizar o dado momento também pela imagem, através da fotografia.

Ainda sobre as técnicas fotográficas de composição e tratamento, o fotógrafo e fotojornalista francês *Henri Cartier-Bresson* foi escolhido como base teórica devido à sua construção da frase do momento significativo e à sua excelência na área fotográfica e fotojornalista. Sempre trazendo uma naturalidade na direção, buscando intervir o mínimo na cena, para que fosse possível capturar a essência de cada perfilada:

A meta é criar a ilusão de que nada se interpõe entre o modelo e o espectador, embora, é claro a foto não existisse se o fotógrafo não estivesse presente. O meio mais confiável de Cartier-Bresson para alcançar essa meta envolvia uma perfeita combinação entre diplomacia e estilo. Suas afiadas antenas humanas permitiam que ele facilmente se ajustasse à estrutura de qualquer outra personalidade, se ajustasse à estrutura de qualquer outra personalidade, assim reduzindo a probabilidade de que sua presença em si mesma pudesse provocar uma irritação fatal para a foto. (GALASSI, 2010, p. 52)

2.3.2. *Imagens preto e branco*

A opção pela fotografia em preto e branco se deu porque, a partir da premissa de que a cor é a veracidade, abre-se um universo de criação com o preto e branco.

Uma vez que definido o objetivo de apresentar um recorte momentâneo da fonte perante a visão do jornalista, a produção da foto permite que a visão da autora

seja autenticada. Em vistas de criar um outro modelo de produto impresso para o público feminino, o preto e branco auxilia na narrativa de construir mulheres sem padrões utópicos, a partir da personalidade e gostos de cada entrevistada. Assim, dado estilo cria uma narrativa além, que não cria a ilusão do real:

Não pode haver no mundo lá fora, cenas em preto-e-branco. Isto porque o preto e o branco são situações "ideais", situações-limite. O branco é presença total de todas as vibrações luminosas; o preto é a ausência total. O preto e o branco são conceitos que fazem parte de uma determinada teoria da Ótica. De maneira que cenas em preto e branco não existem. Mas fotografias em preto-e-branco, estas sim, existem. (FLUSSER, 2002, p.38)

Assim como, tendo Cartier Bresson como base teórica de composição e tratamento de imagem, foi decidido manter-se fiel também à sua preferência pela foto em preto e branco: "A emoção, encontro-a no preto-e-branco: ele transpõe, é uma abstração, não é normal. [...] A cor, para mim, é o campo específico da pintura" (CARTIER-BRESSON, apud SOULAGES, 2010, p.46)".

2.4. Fundamentos e técnicas jornalísticas empregados

2.4.1. Jornalismo Interpretativo e Jornalismo Opinativo

De acordo com o artigo *Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório* por José Marques de Melo e Francisco de Assis, a classificação de gênero pode ser entendida através de duas características básicas: "Sua aptidão para agrupar diferentes formatos – todos com caracteres comuns, embora diferentes entre si – e sua função social". Já o formato jornalístico é entendido como: "(...) o feitio de construção da informação transmitida pela Mídia, por meio do qual a mensagem da atualidade preenche funções sociais legitimadas pela conjuntura histórica em cada sociedade nacional" (p. 50). Existindo os gêneros no formato informativo, opinativo, interpretativo, diversional e utilitário.

Segundo a classificação proposta por Marques de Melo e Assis, o perfil jornalístico escolhido para o desenvolvimento do produto insere-se no gênero interpretativo, juntamente com análise, enquete, cronologia e dossiê. Já as entrevistas, realizadas como base para a elaboração dos perfis, é entendida como gênero informativo, juntamente com a nota, a notícia e a reportagem.

2.4.2. *Jornalismo de Perfil*

Para o produto, foi escolhido realizar um livro de perfis, baseados em entrevistas, sendo tal formato responsável por apresentar um recorde do momento vivido por cada fonte. Segundo o autor de *Perfis: e como escrevê-los*, Sérgio Villas Boas, "todo momento é único, e todo perfil reflete um momento" (p. 14). Para a preparação de cada entrevista e produção textual, foi realizada uma pesquisa prévia de cada entrevistada, no intuito de explorar ao máximo cada detalhe vivido pela personagem e evitando problemas relatados por Villas Boas, como por exemplo:

Preconceitos arraigados ou ignorância em relação ao personagem. Eis outro problema que pode afetar todos nós, repórteres e editores, imprensa e universidades. Em vez de forjar teses precipitadas, não seria melhor conhecer o sujeito por meio de leituras e diálogos (VILLAS-BOAS, 2003, P.15)

Villas Boas também explica em seu livro, as quatro partes fundamentais para a produção de um perfil jornalístico:

Quantas e quais partes um perfil jornalístico pode conter para ficar retido na memória do leitor? Quatro partes também, a meu ver, porém um pouco mais abstratas: lembrança, espaço, circunstância e interação. Da lembrança flui a história de vida; o espaço é a geografia do encontro - a tela do *portrait*, digamos; a circunstância representa o tal "momento significativo" a que se referiu Cartier-Bresson; e a interação é o que leva a uma expressão (facial, gestual, opinativa etc). (VILLAS BOAS, 2003, 20)

Para abordagem de lembrança, foram feitas perguntas remetendo ao passado das fontes, buscando encontrar laços familiares, memórias de infância, no propósito de construir uma narrativa até o momento atual vivido por cada uma delas. Quanto ao espaço geográfico, optou-se em sua maioria, pela casa da entrevistada ou então o ambiente de característico da pessoa (como no perfil sobre *Crossfit*, que foi escolhido realizar a entrevista e ensaio na própria academia), a qual tem o poder de revelar a personalidade e os gostos da perfilada. Relativo à circunstância, ligada ao conceito de "Momento Significativo", realizou-se o recorte do momento atual vivido por cada personagem, em relação a imagem de si mesma (autoestima) e ao momento profissional de cada uma. Já sobre a interação, a autora buscou capturar detalhes como o sotaque característico da região da fonte, gestos significativos e a própria personalidade de cada mulher, encontrada em

pequenos detalhes. Esse último, ainda reafirmado através de fotografias registradas e dirigidas pela autora.

2.4.3. *Técnicas de entrevista, entrevista diálogo*

Foi feita a escolha de desenvolver-se entrevistas perfil para o produto. Produzindo desta forma os perfis a partir de entrevistas face a face, no intuito de garantir a veracidade das informações, tornando o produto mais completo. Sherwood, em "A entrevista jornalística" elucida a importância do formato para o ramo da comunicação social:

"(...) A entrevista é o alicerce do jornalismo. Se editores, redatores e repórteres tivessem de confiar apenas no que lessem e no que vissem, se não procurassem ouvir, face a face, as opiniões de pessoas de destaque e de pessoas modestas, o jornalismo não teria nem a metade do interesse, da importância e da influência que tem hoje". (SHERWOOD, 1981, p.116)

A escolha também se deve ao fato de que, a partir da entrevista, é possível compreender melhor a fonte, para produzir o que Cremilda Medina classifica em seu livro "*Entrevista: o diálogo possível*", como perfil humanizado:

Ao contrário da espetacularização, a entrevista com finalidade de traçar um perfil humano não provoca gratuitamente, apenas para acentuar o grotesco, para "condenar" a pessoa (que estaria pré-condenada) ou para glamorizá-la sensacionalisticamente. Esta é uma entrevista aberta que mergulha no outro para *compreender* seus conceitos, valores, comportamentos, histórico de vida. (MEDINA, 1995, p.18)

Quanto ao estilo da entrevista, optou-se pela entrevista diálogo, com algumas perguntas baseadas em uma pesquisa prévia sobre a fonte e um fluxo de conversa constante. Objetivando sempre adquirir o máximo de informações, para então produzir um recorte completo do momento vivido pela fonte. Segundo Medina, ainda em "*Entrevista: o diálogo possível*", este é o estilo mais bem-sucedido de entrevista:

"Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversa mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no

sentido de trazer à tona uma verdade que pode dizer respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema. (MEDINA, 1995, p.15)

Para maior assimilação de dados, todas as entrevistas foram capturadas por um gravador, no intuito de revisitar as falas e não deixar nenhum detalhe esquecido.

2.4.4. Escolha das fontes e produção de pautas

Para a escolha das fontes o critério utilizado deu-se através do conceito de "mulheres que fogem a padronização física e/ou de comportamento", com intuito de trazer uma inclusão social aos veículos impressos. De acordo com os padrões citados no item 2.1, as perfiladas não se encaixam ao perfil da mulher ideal veiculado pela mídia impressa feminina, possibilitando, desta forma, criar um maior nível de identificação das leitoras do produto com as perfiladas, uma vez que retratam uma imagem que carrega menos cobranças e veiculam um discurso de autoaceitação. As fontes foram selecionadas, então, através de algumas características estéticas e ou comportamentais. Elencando-se oito mulheres, sendo elas:

- **Amanda Gallate:** como apresentado no item 2.1, a moda padrão das mídias impressas apresentam modelos que variam no manequim 34 ao 38, estabelecendo dada magreza como bela. Quando o corpo não serve às (rígidas e limitadas) medidas da moda a mulher é classificada como gorda, e esta palavra por sua vez traz carrega o peso da beleza inferior. Entretanto, a moda *Plus Size* (Tamanho maior, no português), vem ganhando força, principalmente no âmbito das mídias online. Em que a beleza não se limita à cintura fina e quadris pequenos. Portanto, a fonte é de grande relevância para o produto, uma vez que é modelo e miss do movimento *Plus Size*.
- **Amara Moira:** mulher travesti, autora do livro *E se eu fosse puta?*, e militante pelos direitos da população trans e travesti. A escolha se deu em contraste aos dados que revelam que essa parte da população ainda é marginalizada e vítima de violência, sendo que, de acordo com a *ONG Transgender Europe*

(TGEu) em pesquisa divulgada em novembro de 2016, o Brasil é líder mundial no ranking assassinato de pessoas trans. E ainda, segundo uma matéria divulgada pela revista *Azmina*, uma pessoa *trans* é morta a cada 48 horas no Brasil. Comprovando que, a representatividade da mulher transexual ainda é muito necessária, para combater a violência e o preconceito.

- **Junia Kimura:** Como constatado pelo item 2;1, a sexualidade da mulher foi negada pela mídia feminina até os anos 70, quando surge o ideal da rebeldia e da mulher que gosta de sexo. Entretanto, quando se tratando de representação da sexualidade feminina ainda paira sob ela o paradigma da vulgaridade. Danças como o *poledance*, que trazem à tona a sensualidade da mulher, muitas vezes são alvo do que pode ser caracterizado como a fetichização feminina. Segundo Mariana Meloni, autora do artigo "*A Fetichização da Imagem da Mulher*" o uso do corpo feminino para incitar o desejo foi estabelecido através da distribuição de imagens: "Com o progressivo advento da fotografia e suas técnicas de reprodutibilidade, a imagem deixou de ser tratada como uma curiosidade e tornou-se cada vez mais acessível" (MELONI, não datado, p. 3). Desta forma, a escolha da fonte tem o objetivo de desmistificar o tabu criado através da mídia em relação à sensualidade e sexualidade feminina.
- **Karen Uehara:** nascida no Japão e com cidadania brasileira consolidada apenas após a maioridade, a escolha da fonte se deu devido a invisibilidade da mulher de etnia asiática na mídia brasileira. Além de ser alvo de chacota a respeito do sotaque e olhos puxados, a mulher de ascendência asiática, mesmo que nascida em solo nacional, é desconsiderada como forma de beleza devido aos seus traços. Dulcília Buitoni em *Mulher de Papel: A representação da mulher pela imprensa feminina brasileira*, afirma que: "Toda a colônia japonesa que possuímos, a oriental também não tem vez" (BUITONI, 1981, p. 142), a respeito da presença da figura oriental na mídia feminina.

- **Melina Parron:** a revista *Boa Forma*, em teoria visa discutir o tema saúde. Entretanto, carrega um padrão de beleza do corpo saudável e definido: mulher magras, que malham, mas sem perder a delicadeza e traços finos do corpo feminino. O gancho pela escolha da fonte, se deu então a partir do ideal da mulher como exemplo de força. Melina tem o corpo além dos traços finos e seus músculos são entendidos como "masculinizados" pela mídia e estereótipos físicos que rondam a padronização da beleza.
- **Michele Simões:** cadeirante desde 2006, ano em que sofreu um acidente que paralisou seus movimentos da cintura para baixo. Descobrendo então novas formas de interagir como o mundo em seu entorno, realizou um intercâmbio, fundou o blog *Guia do Viajante Cadeirante* e atualmente trabalha no projeto *Meu corpo é real*, lutando por uma maior representatividade e inclusão social do cadeirante no universo da moda.
- **Natália Mota:** o gancho encontrado na escolha da fonte foi estabelecido pela falta de representatividade da mulher negra em revistas femininas. Como por exemplo no caso da revista *Vogue Brasil*, em que a primeira mulher negra (a modelo Donyale Luna) foi escolhida para capa da revista 74 anos após seu lançamento. Além da retratação da mulher negra como beleza diferente e exótica. No artigo "A mulher negra nas capas da Vogue Brasil", o autor Nairim Liz Bernardo Marques, explica que "além de ser pouco representada, a mulher negra é retratada com um preconceito mascarado atrás das palavras e das imagens" (MARQUES, 2014, p. 8).
- **Salma Regina Gallate:** médica, mãe, lésbica e vereadora. A perfilada quebra padrões de maternidade, devido à sua orientação sexual, pois, segundo Pierre Bourdieu, "A valorização social da maternidade também está ligada ao modelo dominante de estrutura familiar, associado à sexualidade legítima, necessariamente heterossexual e orientada para a reprodução" (BORDIEU, 2010, p. 107).

Como também, exerce a quebra padrões comportamentais ao adentrar o ramo da medicina e política, exercendo posições de poder ainda não assimilados à mulheres.

2.4.5. Jornalismo como função social

O produto *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina* é voltado para inclusão social e reflexão perante aos meios, sem objetivo de gerar lucros ou responder à empresas e incentivos do mercado. Desta forma, busca-se cumprir a função de informar e retratar mulheres a partir de um recorde justo. O *Código de Ética do Jornalismo* prevê que a profissão exercesse um valor de natureza social: Art. 2º - [...] III - a liberdade de imprensa, direito e pressuposto do exercício do jornalismo, implica compromisso com a responsabilidade social inerente à profissão. (CÓDIGO..., 2007)

Assim como, cumprir os deveres propostos pelo Artigo 12 do *Código de Ética*, como a exemplo de respeitar a diversidade e as identidades culturais, por meio de um produto que prega a inclusão e tratar com respeito todas as pessoas mencionadas nas informações que divulgar.

3. LIVRO MULHERES E ESPELHOS: ENSAIO SOBRE PADRÕES MUDIÁTICOS E AUTOESTIMA FEMININA

3.1 Público-alvo

O livro *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina* tem como público-alvo principalmente mulheres, sem faixa etária previamente estipulada.

Uma vez que realiza certa reflexão a respeito de repetições constantes de um padrão estético preestabelecido e constantemente reforçado pelos meio de comunicação, o produto exerce a função de colaborar com a discussão em prol de uma representação feminina mais diversificada. Embora a princípio traga um recorte visando fomentar o diálogo relativo à imagem feminina e, portanto, dirija-se especialmente a dirigido às mulheres, o livro pode ser também objeto de leitura de todos os que se interessam pela discussão sobre padronização estética e modelos veiculados reiteradamente, em especial por revistas voltadas para o público feminino. Ele se mostra capaz de instigar o interesse de leitores, uma vez que atualmente, em especial no meio online, o assunto de padronização estética e comportamental é pauta de diversos debates, assim como a reivindicação de respeito à diversidade, através do termo representatividade, é levantada por mulheres, como apresentado no item **2.2**.

3.2 Projeto Gráfico-Editorial

O projeto gráfico do livro é marcado por um *design* minimalista, composto por espaço de branco, fontes serifadas e duas colunas de texto por página. A escolha do *design* vai ao encontro da estética das fotos, que possuem um tratamento em preto e branco. As fotos exercem a função ilustrativa do livro e são apresentadas por uma composição geométrica e bordas simples, com vistas a não prejudicar a produção fotográfica. Todas as fotografias foram produzidas pela autora, assim como o projeto gráfico, cuja execução foi realizada pelo estudante de *design* Matheus Gonçalves. O formato do livro é A5, medidas 14,8 cm x 21 cm. A paleta de cores do produto foi definida a partir da junção de outras duas paletas: Purple Haze e Kindred Spirits, originadas em função da tonalidade roxa Ultra Violet, disponível em: www.pantone.com.br/cor-do-ano/2018/.

O posicionamento editorial do livro prioriza um debate que envolve temáticas feministas e de igualdade social. As pautas foram desenvolvidas a partir do objetivo de retratar mulheres que fogem à padronização hegemônica presente em veículos de comunicação. O nome “Mulheres e espelhos” e o subtítulo “Ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina” fazem referência ao debate relativo à dada padronização e as consequências refletidas na formação da autoestima da mulher. A palavra ensaio foi escolhida em uma alusão às fotografias e à discussão estabelecida durante as entrevistas.

3.3 Estruturação do produto

A escolha do formato deu-se em busca da melhor apresentação estética do produto, que se constitui de publicação única, sem outras edições programadas. O livro *Mulheres e espelhos...* é composto por oito capítulos, cada um com um perfil construído a partir de entrevistas realizadas com oito mulheres diferentes. Juntamente com os diálogos que fundamentam os perfis, foram realizados ensaios fotográficos espontâneos, em busca da captura do "momento decisivo" de Cartier-Bresson, como exposto no item **2.3.1**.

Além de discutir autoestima e padronização estética e comportamental, o livro destaca a singularidade de cada personagem, contando histórias de pessoas comuns, com vistas a realçar o recorte de uma imagem que possa ser entendida como realidade de muitas mulheres e que as mesmas possam trabalhar a autoimagem sem cobranças extremas.

4. METODOLOGIA DE EXECUÇÃO

Para a elaboração do livro *Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina*, foram necessários os seguintes passos:

4.1 Pesquisa bibliográfica e documental

4.1.1 Livros

Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. (Dulcília Helena Schroeder Buitoni, 1981): O livro traça um perfil da representação da mulher pela imprensa voltada para o público feminino, dividindo-a por períodos e categorias, ajudando a compreender os estereótipos vigentes e propagados durante cada período.

Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico (Annateresa Fabris, 2004): O livro percorre a história da criação da fotografia até os conceitos modernos do que é uma foto, desde o surgimento dela como representação do real ao ingresso da foto no meio artístico, definindo também o conceito do que é retratado de forma conotativa e denotativa.

Introdução à análise da imagem (Martine Joly, 2010): Por meio de análises com base semiótica, a autora busca definir o que é imagem e o como se dá o processo de interpretação imagética, a partir dos conceitos que norteiam a sociedade atualmente.

Entrevista: o diálogo possível (Cremilda de Araújo Medina, 1995): O livro discute as técnicas de entrevista, apontando o que deve e o que não deve ser feito pelo repórter. Também discute as diversas formas de produzir conteúdo jornalístico a partir da entrevista.

A entrevista jornalística (Hugh C. SHERWOOD, 1981): aborda diversas técnicas para o desenvolvimento de uma entrevista jornalística, explicitando as melhores maneiras de conduzir uma entrevista e absorver o conteúdo relevante das falas das

fontes, para reportagem ou outro produto jornalístico desenvolvido a partir da entrevista.

Perfis: e como escrevê-los (Sérgio Vilas Boas, 2003): reúne as principais técnicas para desenvolvimento de um perfil jornalístico, explicando a forma como o perfil expressa a trajetória humana e como absorver da fonte lembranças, relatos, histórias e outras partes necessárias para o desenvolvimento do produto perfil. Ainda conta com 12 perfis escritos pelo jornalista, servindo como exemplo.

Henri Cartier-Bresson: o século moderno (Peter Galassi, 2010): biografia do fotógrafo Henri Cartier-Bresson, contando sua trajetória nascida no jornalismo, tangenciando a fotografia, até alcançar a relevância histórica para o fotojornalismo com o “Momento Decisivo”.

4.1.2 Teses e Artigos

BORGES, Carlise Nascimento; BUENO, Murilo Gabriel Berardo; LIMA, Talita Maria Carvalho de. *Consumo, estética e saúde feminina nas páginas e discursos da revista Boa Forma* (2012, Intercom): segundo os autores, o artigo busca "estabelecer uma relação entre o discurso midiático textual e imagético recorrentes na revista, relacionando os discursos à atual ideologia da disciplina e do controle do corpo, relacionados à cultura do hiperconsumo, que se impõem principalmente para as mulheres" (BORGES; BUENO; LIMA, 2012, p. 1). Os autores fazem uma análise do discurso por trás das ideias de saúde e padrões estéticos traçados pela revista, como também trazem um debate sobre as formas como tais padrões influenciam na autoestima feminina, com ênfase na negação do envelhecimento da mulher.

CARTIER-BRESSON, Henri. *O instante decisivo* (The Decisive Moment, New York, 1952. Copyright 1952 Cartier-Bresson, Verve and Simon and Schuster): referente às suas técnicas de fotografia, é neste artigo que o fotógrafo Henri Cartier-Bresson consagrou a sua famosa frase relativa ao momento decisivo

ELMAN, Débora. *Jornalismo e estilo de vida: o discurso da revista Vogue*. (2008, Dissertação de Mestrado): tendo como foco as reportagens da revista *Vogue*, a dissertação busca definir os estilos instituídos como modelos de vida atuais. Através de análise de reportagens, a autora define um perfil do discurso do produto *Vogue*: Inovador, Tradicional e Vanguardista.

MELONI, Mariana. A Fetichização da Imagem da Mulher (não datado): no artigo a autora discorre a respeito do termo fetichização e de como dado conceito acontece com a mulher no tempos modernos.

DE PAULA, Rosângela Pires. CAVAGNARI, Daniel Weigert Cavagnari. *A influência da mídia na construção da beleza* (2010): Os autores traçam um paralelo em relação aos momentos vividos pela moda, a retratação da mulher pela mídia e a construção da beleza feminina, relatando como dados conceitos influenciam também na imagem que a mulher tem a respeito de si mesma.

RODRIGUES, Bruna. *A mulher na revista Tpm: leituras e apropriações* (2013, Intercom): através de entrevistas com leitoras da revista, a autora traça um perfil do discurso trazido na publicação e reproduzido pelas suas consumidoras. Assim, entende os padrões de comportamento e beleza defendidos pela revista *TPM*.

TATIT, Uliane Lima. OLIVEIRA Filha, Elza Aparecida. *Jornalismo e moda: os critérios usados por Anna Wintour nos editoriais da revista Vogue*. (2014, Intercom): no artigo, os autores analisam os métodos utilizados pela jornalista Anna Wintour (Editora chefe da *Vogue* Estados Unidos desde 1998) nos editoriais da revista *Vogue* norte-americana.

VITOR, Sara Lemes Perenti. *Bressonianos: comprovando a influência do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson sobre fotojornalistas brasileiros atuais*. (2012, Dissertação de Mestrado): segundo a autora, a pesquisa busca "comprovar a influência do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson (1908-2004), considerado como o mestre do fotojornalismo, sobre alguns fotojornalistas brasileiros atuais,

mais especificamente sobre Flávio Damm (1928), Marcelo Buainain (1962) e Tuca Vieira (1974)". O estudo também apresenta as técnicas de fotografia, composição e tratamento utilizadas pelo fotojornalista Henri Cartier-Bresson.

MARQUES, Nairim Liz Bernardo. A mulher negra nas capas da Vogue Brasil. (2014): No artigo o autor resenha a respeito da representação da mulher negra nas edições Vogue Brasil, traçando também um paralelo entre o nível de representatividade na edição da revista nacional e nas edições internacionais.

4.1.3 Revistas

Foram analisadas seis capas (Setembro de 2017 a Fevereiro de 2018, tendo a exceção da revista *Tpm*, que não produz a revista no mês de Janeiro) das edições impressas mensais das revistas *Tpm*, *Vogue Brasil* e *Boa Forma*, no intuito de definir os modelos estabelecidos pela imprensa feminina da mulher ideal.

Também foram analisados os perfis da revista *Piauí*, a fim de se obter referências sobre produção do formato perfil.

4.1.4 Sites

Para informações de medidas (altura, peso, biotipo, etc) de modelos, atrizes ou outras personalidades citadas na pesquisa, foram utilizados os seguintes sites:

<https://www.vix.com/pt/bdm/estilo/audrey-hepburn-a-bela-do-seculo-1>

<http://www.jobmix.com.br/top/?Isabelli+Fontana-gruefhuqruh873r7y34>

<https://corpoacorpo.com.br/edicoes/237/artigo100191-2.asp>

<http://www.jobmix.com.br/top/?Caroline+Trentini-72947c30cffa03990802>

<http://gabrielapugliesi.com/raio-carol-trentini/>

<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidiano/48960-top-sul-africana-afirma-que-a-magreza-tem-que-ser-natural.shtml>

<http://www.wepick.com.br/beleza/conheca-as-medidas-das-modelos-mais-famosas/>

<http://www.womenmanagement.it/model/7876/valentina-sampaio/>

<https://www.imgmodels.com/bellahadid/milan/women/portfolio>

<http://socawlege.com/bella-hadid-height-weight-measurements/>

Para informações da Organização Mundial da Saúde, padrões de peso e altura, cálculos de medidas e tabelas de medidas do corpo, foram usados os seguintes sites:

<http://www.bbc.com/portuguese/geral-36892772>

<http://www.calculadorafacil.com.br/saude/calcular-imc>

<https://www.bonprix.com.br/servicos/guia-de-medidas/tabela-de-medidas-corpo/>

Também foram acessados textos jornalísticos que contribuíram para a discussão de conceitos e fundamentos apresentados no capítulo 2.

Entrevista com a editora chefe da Vogue Brasil:

<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1274518-7084,00.html>

Matéria sobre a fotógrafa Luisa Dorr:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/16/cultura/1505589878_718246.html

Matéria sobre os assassinatos da população trans:

<http://azmina.com.br/2018/02/uma-pessoa-trans-e-morta-a-cada-48-horas-no-brasil/>

4.2 Entrevistas

Como parte fundamental do desenvolvimento do produto, as entrevistas foram realizadas face a face, em sua maioria na casa da fonte, buscando um conhecimento de detalhes referentes ao cotidiano e até mesmo relativo à personalidade da fonte, presente em objetos e decorações do ambiente. Foram as entrevistas o fator primordial para obtenção de dados e um maior conhecimento a respeito de cada perfilada. As entrevistas foram realizadas em diversos encontros com as personagens, no intuito de absorver o máximo de informações a respeito delas e realizar o ensaio de forma espontânea.

Foram realizadas entrevistas com as seguintes pessoas:

Amanda Gallate: formada em Rádio e Tv pela Universidade Anhembí Morubi, já trabalhou como repórter. Atualmente é modelo e Miss Plus Size Guaxupé 2017 / Finalista do Miss Plus Size Minas Gerais.

Amara Moira: com 33 anos, é de Barão Geraldo, Campinas -Sp. Doutora em teoria literária pela Unicamp, autora do livro e blog "E se eu fosse Puta" e prostituta.

Junia Kimura: formada em *Design* Gráfico, é faixa preta em Aikido, tendo passado por diferentes lutas dentro das artes marciais. Atualmente é instrutora de *pole dance* na própria empresa, *PoleDance Bauru*.

Karen Uehara: nascida em Ogaki (Japão) atualmente mora em Bauru e cursa *Design* Gráfico na Unesp. Participou de rodas de conversa na universidade sobre feminismo asiático e é coautora de um livro infantil que será publicado em breve sobre igualdade de gênero.

Melina Lopes: praticante do esporte *Crossfit* desde 2015, levanta até 75 kg acima da cabeça, já foi funcionária da Polícia Militar e hoje participa de competições pelo Brasil. Profissionalmente, é consultora de negócios.

Michele Simões: atualmente com 35 anos, nasceu em São Bernardo do Campo e formou-se em *Design* de Moda, em 2005. No ano de 2006, sofreu um acidente que mudou completamente a relação consigo mesma. Em uma cadeira de rodas, Michele descobriu um novo corpo e formas de interagir com o mundo em uma cadeira de rodas. Fez um intercâmbio, fundou o blog “Viajante Cadeirante” e atualmente trabalha no projeto: "Meu corpo é real", lutando por uma maior representatividade e inclusão social do cadeirante.

Natália Mota: estudante de artes Visuais na Unesp Bauru, desde 2017, é artesã e participa de projetos de grafite na cidade de Bauru. Militante pelo feminismo negro, participa do coletivo Kimpa.

Salma Regina: nascida e criada na cidade Guaxupé (Sul de Minas Gerais) é mulher lésbica, médica e vereadora. Com dois filhos adotivos, ela briga pela guarda dos filhos, enquanto equilibra a vida entre medicina e política.

4.3 Criação das pautas

Foram desenvolvidas pautas relativas a cada perfilada, contendo uma pesquisa a respeito de cada entrevistada, o que favoreceu a fluidez da entrevista e forneceu informações que auxiliaram na hora da redação do perfil.

4.4 Ensaios fotográficos

Realizados com um equipamento de fotografia profissional, os ensaios foram dirigidos pela própria autora, a partir dos conceitos de composição e direção apresentados na fundamentação teórica.

4.5 Redação dos perfis jornalísticos

Os perfis foram redigidos a partir dos conceitos de jornalismo de perfil, discutidos no capítulo 2. Os perfis basearam-se num recorte momentâneo das perfiladas.

4.6 Edição e tratamento das fotos

As fotos passaram por um tratamento imagético através da plataforma Lightroom. Utilizando dos recursos apenas para trabalhar a imagem em questões de alinhamento, exposição e tratamento em preto e branco. Não houve qualquer alteração na imagem capturada das entrevistadas, ao contrário do que normalmente é feito em revistas que mascaram as "imperfeições" estéticas das personagens fotografadas. Entre 1500 fotos, foram selecionadas 65 para o produto, aquelas que se considerou mais representativas do "recorte do momento", bem como as que melhor revelavam a personalidade da fonte e o ambiente que esta vive, incluindo muitas vezes os animais de estimação citados no perfil.

4.7 Diagramação do livro

Visando construir um produto de *design* minimalista, a diagramação foi realizada pelo estudante de design Matheus Gonçalves, a partir do projeto gráfico idealizado pela autora.

4.8 Equipamentos

Os equipamentos utilizados nas fotografias foram: corpos das câmeras Canon 6D e da Câmera T5E, com lentes 50mm, 18-55mm e 28-135mm.

Para a captação de áudio das entrevistas (realizado para registro conferência de informações) foi utilizado um *Iphone 8 plus*.

Para armazenamento de conteúdo, utilizou-se o Google Drive, facilitando o acesso remoto do conteúdo, e, *back up* no HD pessoal da autora. A redação dos perfis foi feita no computador pessoal da autora, pelo Google Documentos. O computador pessoal também foi utilizado para os processos de edição e tratamento das imagens, realizados pelos softwares da *Adobe Photoshop* e *Lightroom*, e de diagramação, realizados pelos softwares da *Adobe Indesign* e *Photoshop*.

4.9 Custos do projeto

Os principais gastos relativos ao projeto foram deslocamentos para encontros com as fontes e a impressão do livro. Esta, por sinal, teve alto custo, uma vez que o livro teve de ser impresso em papel couché, pois continha fotos.

Tabela de Gastos

Descrição	Valor
Auxílio na diagramação do livro	R\$150, 00
Viagens de ida e volta para Guaxupé - MG (Combustível + Pedágio)	R\$ 250, 00
Viagens ida e volta para São Paulo - SP (Combustível + Pedágio)	R\$ 300,00
Impressão dos 4 exemplares do livro	R\$ 435,00
Impressão do relatório	R\$: 60,00
Total	R\$: 1.195,00

4.10 Cronograma de execução

	Março/ 2018	Abril/2018	Maió/2018	Junho/2018
Pesquisa bibliográfica, documental e fichamentos	x	x		
Reuniões com a orientadora	x	x	x	X
Elaboração das pautas		x		
Realização de entrevistas e ensaios		x	x	
Redação e edição dos perfis		x	x	
Redação dos textos complementares do livro		x		
Edição e tratamento das fotos			x	
Diagramação do livro			x	
Revisão final do produto para impressão			x	
Impressão do livro			x	
Redação do Relatório Parcial		x	x	
Revisão Final			x	
Defesa do TCC				x

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção do livro *Mulher e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina* mostrou-se um processo extremamente enriquecedor em diversos âmbitos: além do contato com diversas realidades e preconceitos enfrentados por mulheres, obtive grande crescimento dentro da área de entrevistas jornalísticas. Além disso, a pesquisa bibliográfica realizada para o projeto possibilitou-me adquirir um grande conhecimento a respeito da representação da mulher na mídia nacional.

Dentre as dificuldades encontradas durante a produção do livro, a abordagem de temas ainda recentes e pouco estudados, como transição de gênero, e termos como bissexualidade, dentre outros aspectos relativos a orientação sexual, mostrou-se desafiadora, principalmente para estabelecer uma explicação ao leitor leigo, o qual desconhece dadas diferenciações. Uma vez que os próprios meios de comunicação atuais trazem abordagens superficiais, quando não incorretas, dos termos, foi difícil realizar uma escolha de nomenclaturas, por isso, optou-se por usar as expressões conforme empregadas pelas fontes, como no caso de bissexual e pansexual, usados como sinônimo pela entrevistada Amara Moira.

Em relação à escolha de perfiladas, o processo também enfrentou certa dificuldade. Uma vez que o projeto propunha a inserção de fotos das personagens, algumas mulheres recusaram o convite à entrevista, pois não gostariam de ser fotografadas, principalmente mulheres com mais de 60 anos. Isso justifica a concentração de perfiladas em uma faixa etária entre 20 e 35 anos, ainda que haja uma personagem de 54 anos.

A transposição de conversas, geralmente realizadas em tom informal, para um texto formal e que tenta, na medida do possível, respeitar a norma culta da língua, foi um exercício desafiador também. Por fim, o prazo curto para elaboração dos perfis, uma vez que todo o material teve de ser enviado com bastante antecedência para a impressão, impediu muitas retomadas e revisões dos textos.

Apesar de dificuldades e desafios citados, a experiência de produção de um livro que objetiva a inclusão social de mulheres, mostrou-se proveitosa, permitindo à autora aprofundar seus conhecimentos sobre técnicas e teorias jornalísticas, como a entrevista e a fotografia de perfil, além de introduzir novos conhecimentos relacionados ao perfil jornalístico. Em relação ao crescimento pessoal, a realização

do trabalho estimulou diversas reflexões a respeito da cultura de gosto e do embelezamento vigente na sociedade. Por isso, a perspectiva da autora é de de continuar trabalhando o tema em projetos futuros, esperando também propor dadas reflexões nos leitores do produto, em vias de, através do público consumidor, provocar mudanças na atual concepção (única) de beleza e comportamento femininos.

6. REFERÊNCIAS

BORGES, Carlise Nascimento. BUENO, Murilo Gabriel Berardo. LIMA, Talita Maria Carvalho de. Consumo, estética e saúde feminina nas páginas e discursos da revista Boa Forma. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Campo Grande - MS, INTERCOM, 2012. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2013/resumos/R36-0362-1.pdf>. Acesso em: Acesso em 12 de abr. 2018.

BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Edições Loyola, 1981.

CARTIER-BRESSON, Henri. **The decisive moment**. Nova York: Simon & Shuster, 1952.

FENAJ. Código de **Ética dos Jornalistas Brasileiros, 2007**. Disponível em: http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/06/04-codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf. Acesso em: 18 abr. 2018.

ELMAN, Débora. Jornalismo e estilo de vida: o discurso da revista Vogue. Dissertação (mestrado) - UFRGS/Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2008.

FABRIS, Annateresa. Identidades virtuais: uma leitura do retrato fotográfico. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004;

GALLASI, Peter. **Henri Cartier-Bresson: o século moderno**. Cosacnaify, 2010.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PONTE DO JORNALISMO, Uma pessoa trans é morta a cada 48 horas no Brasil. Disponível em: <http://azmina.com.br/2018/02/uma-pessoa-trans-e-morta-a-cada-48-horas-no-brasil/>. Acesso em 18 de abr. de 2018.

MARTÍN, María: A fotógrafa brasileira que levou um iPhone à capa da 'Time'. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/16/cultura/1505589878_718246.html Acesso em 20 de abr. de 2017.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MELLO, J. M; ASSIS, F. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **RBCC- Intercom**, São Paulo, v.39, n.1, p.36-56, jan.mai., 2016. Disponível em: <<www.scielo.br/pdf/interc/v39n1/1809-5844-interc-39-1-0039.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

MELONI, Mariana. A Fetichização da Imagem da Mulher. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/375229268/A-Fetichizacao-da-Imagem-da-Mulher-pdf>. Acesso em 20 de abr. 2018.

DE PAULA, Rosângela Pires. CAVAGNARI, Daniel Weigert. *A influência da mídia na construção da beleza*. 2010 Disponível em: <http://tcconline.utp.br/media/tcc/2017/05/A-INFLUENCIA-DA-MIDIA-NA-CONSTRUCAO-DA-BELEZA.pdf> . Acessado em 12 de abr. de 2018

RODRIGUES, Bruna. A mulher na revista Tpm: leituras e apropriações. XXXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 36, 2013, Manaus. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1002-1.pdf>. Acesso em 12 de abr. de 2018

MIRANDA, Débora. Editora da Vogue reconhece que assistentes ralam. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,AA1274518-7084,00.html> Acesso em 18 de abr. de 2018.

SHERWOOD, Hugh C. **A entrevista jornalística**. São Paulo: Editora Mosaico, 1981.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

TATIT, Uliane Lima. OLIVEIRA Filha, Elza Aparecida. Jornalismo e moda: os critérios usados por Anna Wintour nos editoriais da revista Vogue. XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 36, 2014, Manaus. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2446-1.pdf>. Acesso em 12 de abr. de 2018

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus 2003.

VITOR, Sara Lemes Perenti. Bressonianos: comprovando a influência do fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson sobre fotojornalistas brasileiros atuais. 2012, 116f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2012.

MARQUES, Nairim Liz Bernardo. A mulher negra nas capas da Vogue Brasil. São Paulo, 2014. Disponível em: http://www.usp.br/cje/jorwiki/exibir.php?id_texto=121. Acesso em 20 de abr. 2018

7. ANEXOS

Anexo 1 – Pautas referentes aos perfis do Livro Mulheres e espelhos: ensaio sobre padrões midiáticos e autoestima feminina

Pauta 1

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: Autoestima e a mulher cadeirante

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTUALIZAÇÃO: Michele Simões, hoje com 35 anos, nasceu em São Bernardo do Campo e formou-se em Design de moda em 2005. No ano de 2006, sofreu um acidente que mudou completamente a relação consigo mesma. Em uma cadeira de rodas, Michele descobriu um novo corpo e formas de interagir com o mundo em uma cadeira de rodas. Fez um intercâmbio, fundou o blog: Viajante Cadeirante e atualmente trabalha no projeto: "Meu corpo é real" lutando por uma maior representatividade e inclusão social do cadeirante.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: De um corpo padrão à invisibilidade: trabalhar a relação da mulher cadeirante com o próprio corpo. Como foi o processo de autoaceitação, as formas como o acidente refletiu na autoestima e como foi feita a reabilitação social. Assim como, a importância da representatividade no mundo da moda e como abrir espaço para um público tão seletivo.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS

- Conte um pouco sobre a sua história e de onde você veio? Como é sua família?
- Como surgiu seu interesse pela moda? Como foi a escolha para essa área profissional?
- Como é a sua relação com os padrões trazidos pela moda? Você vê alguma influência na formação da sua autoestima?
- Como você avalia a representação midiática da mulher cadeirante?

- Como surgiu o blog "Cadeirante Viajante"? E o projeto "Meu corpo é real"?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<https://www.facebook.com/michele.simo.es.98>

https://www.youtube.com/watch?v=J2i_YTC86x8

<https://www.youtube.com/watch?v=UNIQGgDmvhc>

<http://guiadoviajantecadeirante.blogspot.com.br/>

<https://caianomundo.ci.com.br/entrevista-michele-simo.es-nossa-primeira-viajanteci-cadeirante/>

Pauta 2

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: Mulher na política, medicina e no espaço LGBT e a influência na autoestima

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTUALIZAÇÃO: Nascida e criada na cidade Guaxupé (Sul de Minas Gerais, 51 mil habitantes aproximadamente) Salma Regina Gallate, é a irmã do meio entre dois homens. Lésbica, Médica e Vereadora, Salma foi pioneira no tratamento de rins da cidade. Com dois filhos adotivos, ela briga pela guarda dos filhos, enquanto equilibra a vida entre medicina e política.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: Detentora de tantos rótulos, o objetivo do perfil é encontrar a mulher por trás dos títulos e paradigmas. Discutir autoestima feminina e a presença da mulher nas áreas da política, da medicina.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história e de onde você veio? Como é sua família?
- Como surgiu seu interesse pela medicina? Como foi a escolha para essa área profissional?
- Você já foi desmerecida profissionalmente por ser mulher ou por sua orientação sexual?
- Você cresceu em uma cidade pequena, entre dois irmãos. Como foi entender e assumir a sua sexualidade nesse contexto?
- Como você se envolveu com a política?
- Como você vê o espaço para a mulher tanto na política quanto na medicina?
- Como é a sua relação com a autoestima? A sua orientação sexual já afetou/afeta na imagem que você tem de si?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<https://www.facebook.com/profile.php?id=100003003262707>

<http://www.jornaljogoserio.com.br/noticia/politicas/3212/dra--salma-gallate-representara-a-regiao-no-estado;jsessionid=440AF10DB32CB4B8C0EE95EB3D7C74D9>

<http://casadelabrys.com/tudo-que-voce-precisa-saber-saude-sexual-de-mulheres-lesbicas/>

Pauta 3

REPÓRTER:

TEMA: A mulher forte: quebra de padrão da figura feminina como delicada e indefesa

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTO: Melina Lopes Ricci Parron. No Crossfit desde 2015, levanta até 75 kg acima da cabeça, já foi funcionária da polícia militar e hoje participa de competições pelo Brasil. Profissionalmente, é consultora de negócios.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: A mulher como exemplo de força em contraste ao ideal da fragilidade. A partir da construção de um corpo forte, ou seja, do desenvolvimento de músculos e até mesmo o biotipo de ombros largos, surge a crença da masculinização da mulher. O objetivo é mostrar como a fonte desmistificou essa crença em relação ao seu corpo e como trabalha a autoestima de um corpo fora dos padrões. Assim como, entender o espaço da mulher dentro do esporte Crossfit e sua experiência dentro da polícia militar.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história. De onde você veio? Como é sua família?
- Conte um pouco da sua experiência trabalhando na Polícia Militar. Como é o espaço para mulheres dentro da instituição?
- Você sempre foi ligada aos esportes?
- Como você conheceu o Crossfit?
- Você sentiu mudanças no seu corpo desde que começou a praticar o esporte?

- Como é o espaço para mulheres dentro do Crossfit?
- Quando e por que você começou a participar de competições?
- Como é a sua relação com o seu corpo e sua autoestima?
- Você já passou por algum tipo de comparação ou sofreu por pressão estética?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

https://www.facebook.com/melina.lopesricci?ref=br_rs

<https://games.crossfit.com/athlete/685701>

<https://www.facebook.com/crossfitironfox/>

<http://oliviaandriolo.com.br/beneficios-do-crossfit-para-mulheres/>

Pauta 4

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: A sexualidade da mulher e a fetichização

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTO: Junia Kimura, formada em Design Gráfico, faixa preta em Aikido. Atualmente instrutora de *pole dance* na própria empresa Pole Dance Bauru.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: A quebra do tabu da sexualidade e sensualidade feminina e a mulher buscando encontrar-se através de um esporte e dança considerados por muitos exótica. Além de instrutora de *pole dance*, Junia também já compôs espaços de lutas dentro das artes marciais. O perfil tem como objetivo abordar a construção da autoestima feminina dentro da sensualidade do *pole dance* e no espaço das artes marciais.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história. De onde você veio? Como é sua família?
- Você sempre praticou esportes?
- Você é faixa preta em Aikido e já praticou outras artes marciais. Quando você começou a se interessar pela luta?
- Como é espaço para mulher dentro das artes marciais?
- Quando e como você começou a se interessar pelo *pole dance*?
- Por ser um esporte que surgiu do Strepatease, existe muita comparação e até mesmo fetichização da mulher *pole dancer*. Você já sofreu algum tipo de assédio por causa da profissão?
- Há também a mistificação da sexualidade da mulher. Como você lida com essa pegada mais sensual do *pole dance*?
- Você acredita que o *pole dance* ajudou na sua autoestima? Como você caracteriza a sua autoestima antes e depois do esporte?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

https://www.facebook.com/juhjunia?fref=gs&dti=445074132332258&hc_location=group_dialog

<https://www.youtube.com/watch?v=Z03J8aSNKjo>

<http://lugardamulher.com/pole-dance-origem-significado-beneficios-e-dicas/>

<https://cosmikafit.com/2017/08/20/desmistificando-o-pole-dance/>

Pauta 5

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: A invisibilização da mulher negra e sua relação com a autoestima

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTO: Natália Mota, estudante de artes Visuais na Unesp Bauru desde 2017, é artesã e participa de projetos de Graffiti na cidade de Bauru. Militante pelo feminismo negro, participa do coletivo Kimpa.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: Como integrante do coletivo negro Kimpa, Natália participa ativamente de reuniões e ações no intuito combater o racismo, machismo e dominação. O perfil tem como objetivo discutir a autoestima da mulher negra que cresceu em meio à mídia impressa com exemplos majoritariamente brancos. Entender o processo de identificação social da perfilada e o papel do feminismo negro.

SUGESTÃO DE PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história. De onde você veio? Como é sua família?
- Você sempre foi engajada com causas sociais? Como surgiu o interesse?
- Como você conheceu o coletivo negro? De que formas vocês combatem o racismo?
- Grande parte das mídias impressas trazem modelos majoritariamente brancas, ditando padrões de beleza e comportamento. Você acredita que isso dificultou a sua identificação social?

- E no processo de construção da autoestima?
- Você acredita que a participação nos movimentos sociais e o feminismo negro em geral, influenciaram na imagem que você tem de si mesma hoje?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<https://www.facebook.com/coletivoKimpa/>

<https://www.geledes.org.br/a-representacao-da-mulher-negra-na-propaganda/>

<https://www.geledes.org.br/representacao-social-da-mulher-negra-nos-programas-de-tv-estereotipo-sexualizacao/>

https://www.youtube.com/watch?v=Nv4_OTWf4J0

<https://www.facebook.com/quenegaeessa/>

Pauta 6

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: A autoestima da mulher gorda em um mundo de padrões

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTO: Amanda Gallate, é formada em Rádio e Tv pela Anhembis Morubi, já trabalhou como repórter e atualmente é modelo e Miss Plus Size Guaxupé 2017 / Finalista do Miss Plus Size Minas Gerais.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: No mundo da moda há pouco tempo, Amanda conta em suas redes sociais como se descobriu nas passarelas e a importância das quebras de padrões de beleza. O objetivo é conversar com a

perfilada sobre a cultura da magreza e como dado padrão influenciou na imagem que formou de si mesma. Como também realçar a importância de uma moda mais inclusiva.

PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história. De onde você veio? Como é sua família?
- Você sempre quis ser modelo?
- Como surgiu a candidatura para Miss e a participação nos concursos?
- Como é a sua autoestima? Como você lida com o trabalho no mundo da moda?
- Nos últimos anos, a moda Plus Size ganhou força dentre as marcas de roupa, e as passarelas. Você acredita que isso influenciou positivamente na sua autoestima?
- Você já fez trabalhos para televisão. Você sentiu alguma cobrança estética em relação ao seu corpo?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<https://www.facebook.com/amanda.gallate/about?lst=100002066125129%3A100001029157223%3A1523546112§ion=education>

<https://elle.abril.com.br/moda/flavia-durante-transformou-a-moda-plus-size-no-brasil/>

<https://modaplussize.org/o-que-e-plus-size/>

<http://revistadonna.clicrbs.com.br/moda/autoestima-em-alta-como-plus-size-desafiam-os-padroes-e-fazem-moda-render-se-beleza-em-qualquer-tamanho/>

Pauta 7

Prostituta, Doutora e Escritora.

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: A mulher trans

FORMATO: Entrevista perfil

QUEM/CONTEXTO: Amara Moira, 33 anos nascida em Barão Geraldo. Doutora em teoria literária pela Unicamp, autora do livro e blog "E se eu fosse Puta" e prostituta.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: Debater o espaço que a mulher trans ocupa dentro da sociedade e os desafios encontrados pela quebra do padrão de gênero. Como se posiciona no mercado de trabalho, no dia a dia em geral e como construir uma autoestima a partir da transição de gênero.

PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua trajetória desde a sua transição até encontrar a Amara de hoje.
- Você é doutora pela Unicamp. Como é o espaço na universidade para a mulher trans?
- Você lançou um livro recentemente. Como surgiu a oportunidade?
- De acordo dados apontados por você em entrevistas, 90% da população trans acaba na prostituição seja para como fonte de renda ou renda complementar. Como você enxerga essa exclusão no mercado de trabalho?

- Nos seus textos você conta sua experiência como prostituta. Como é a sua relação com este estilo de vida?
- Como é a sua relação com autoestima hoje? Quais as diferenças da sua relação com a autoestima antes e depois do processo de transição?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2016/07/1793582-travesti-doutoranda-e-prostituta-amara-moira-narra-sua-vida-em-livro.shtml>

<http://azmina.com.br/author/amara-moira/>

<https://www.youtube.com/watch?v=KsQ3rWQDRZk>

<http://midianinja.org/author/amaramoira/>

<https://www.youtube.com/watch?v=WYBkm-9P93E>

Pauta 8

REPÓRTER: Camila Gallate

TEMA: A fetichização da mulher japonesa e sua relação com a autoestima

FORMATO: Entrevista perfil

CONTEXTO: Karen Uehara, nascida em Ogaki (Japão, aproximadamente 150 mil habitantes) atualmente mora em Bauru e cursa Design Gráfico na Unesp.

GANCHO/JUSTIFICATIVA DE ESCOLHA: Karen participou de diversas palestras pela militância do feminismo japonês, lutando contra fetichização da mulher oriental. O objetivo do perfil é debater a forma como a mulher japonesa é retratada

na mídia e suas consequências. Desmistificar o estereótipo e a cobrança excessiva da mulher, assim como entender a influência de tais padrões para autoestima.

PERGUNTAS:

- Conte um pouco sobre a sua história. De onde você veio? Como é sua família?
- Você acredita que as mulheres asiáticas são retratadas de alguma forma diferente na mídia impressa Brasileira?
- Conte sobre os seus projetos relativos à fetichização da mulher. Como surgiu a ideia?
- Você já sofreu algum tipo de assédio relativo aos seus traços orientais?
- Como é a sua autoestima?
- Como você se define hoje, profissionalmente e na sua vida pessoal?
- Você tem alguém que admira, que vê como exemplo?

LINKS DE APOIO:

<https://www.facebook.com/uekaris>

<https://agcomunique.wordpress.com/2017/11/16/o-problema-da-fetichizacao-da-mulher-asiatica-na-cultura-brasileira/>

<http://emails.estadao.com.br/blogs/nana-soares/voce-ja-ouviu-falar-de-feminismo-asiatico/>

<https://medium.com/@carolinericca.lee/feminismo-asi%C3%A1tico-identidade-ra%C3%A7a-e-g%C3%AAnero-27c9ca94ec2e>

<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v13n27/v13n27a06.pdf>

Anexo 2 – Perfis do livro *Mulheres e Espelhos*

Abertura

As inquietações de Camila

A partir da pesquisa científica "A construção midiática da autoestima da mulher pela expressão imagética (estudo de caso: *Revista Vogue*)", durante seis meses (setembro/2017 a fevereiro/2018), analisei as capas da revista *Vogue Brasil*, em tempo real de publicação, e encontrei um certo padrão estético nas modelos escolhidas para estampar a foto de portada de cada edição. De maneira geral, elas apresentavam entre 1,75m a 1,80m de altura, bem acima, portanto, da estatura média da mulher brasileira, que é de 1,60m, segundo uma pesquisa, publicada na revista científica *eLife*, que acompanhou crescimento de populações de 187 países, desde 1914. Outra característica das modelos era a magreza, pois elas pesavam de 54kg a 59kg, com manequins do 34 ao 38. Dessa forma, todas poderiam ser classificadas como abaixo do peso considerado normal pela Organização Mundial da Saúde, que toma por base o Índice de Massa Corporal (IMS), estabelecido a partir da equivalência altura/peso. Outro aspecto a se destacar é que todas apresentavam praticamente o mesmo biotipo, sendo ele o dos olhos claros, pele branca e cabelos lisos.

Instigada pelas discussões de Dulcília Buitoni, no livro *Mulheres de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*, bem como por entrevistas que realizei, com psicólogos, no intuito de entender de que maneira o estabelecimento e reforço constante de determinados padrões estéticos e de comportamento refletem na autoestima feminina, procurei compreender melhor se havia um perfil de representação da mulher nas publicações voltadas para o público feminino, daí o interesse em investigar a *Vogue Brasil*, publicação de referência no campo da moda e do *lifestyle* contemporâneo. A análise me permitiu concluir que a revista, ainda que proponha sutis mudanças ao longo do tempo, basicamente reproduz e reforça padrões estéticos, fisiológicos, comportamentais e

de consumo, para o público feminino, que se perpetuam há décadas, bem como os ideais de beleza, fragilidade, delicadeza e recato.

Essa conclusão corrobora estudos similares que tratam de outras publicações do universo da mulher, como as revistas *Boa Forma* e *TPM*. A *Boa Forma*, por exemplo, apresenta-se como revista de saúde, com oferta de cardápios de dietas, manuais de exercícios e uma série de conteúdos que defendem princípios de bem-estar e de corpo saudável. Ocorre, porém, que tudo isso estaria necessariamente atrelado a um corpo magro, tonificado, de músculos definidos, mas sem perder a delicadeza que, em tese, seria característica da silhueta feminina. É por isso que suas capas estão sempre estampadas por celebridades do mundo televisivo e digital, com seus corpos seminus, suas barrigas “chapadas”, seus cabelos brilhantes, ratificando a impressão de que é possível atingir o corpo ideal, como a das beldades que estampam suas portadas, com alimentação balanceada e muita malhação. A revista *TPM*, por sua vez, apresenta-se como uma publicação inovadora e libertária, que defende a quebra de estereótipos. Ainda assim, não cansa de trazer em suas capas atrizes e personalidades que reproduzem os parâmetros estéticos do universo da moda. Reside aí, portanto, o grande paradoxo da publicação: vende a imagem de uma mulher “livre”, ao mesmo tempo que perpetua uma única visão mercadológica de beleza feminina.

A profunda inquietação surgida dessas discussões foi o motor para a criação deste livro, um produto que busca contribuir com o debate sobre inclusão social de grupos ainda marginalizados e/ou invisibilizados pela produção midiática em geral, a qual cria padrões estéticos a serem seguidos e estabelece uma cultura de gosto e beleza altamente influenciada pela necessidade do consumo, transformando a informação em mercadoria. A mídia cria a “mulher ideal” e a publicidade vende os caminhos até ela, na forma de vestuário, cosméticos, medicamentos, tratamentos estéticos, alimentação, atividades físicas específicas etc.

O intuito da obra é apresentar uma abordagem jornalística menos tendenciosa em relação à imagem do feminino. Para tanto, ela traz o perfil de oito mulheres que, de alguma maneira, não representam os paradigmas físicos, comportamentais e de

orientação sexual comumente reiterados nos veículos de comunicação. Trata-se de pessoas que já sofreram as influências de determinados modelos e entraram em conflito consigo mesmas por causa deles, mas hoje aceitam sua própria imagem, ainda que ela pareça inadequada diante desses reiterados padrões. Os perfis são construídos fundamentalmente a partir de entrevistas que buscam apresentar o ponto de vista das personagens sobre sua vivência e questões como beleza, papéis sociais, inclusão e autoaceitação. Além disso, todos são acompanhados de fotos que tentam captar o “momento decisivo”, à moda de Cartier-Bresson, fragmentos espontâneos que reflitam os traços particulares de cada uma das mulheres.

O nome da modelo Gisele Bündchen apareceu, em pelo menos metade das entrevistas, como referência de beleza feminina, o que realça a hiperexploração de certos estereótipos. Conversas sobre autoestima desvelaram um trauma provocado por essa representação praticamente única nos meios de comunicação, rendendo histórias de mulheres que não conseguiam se enxergar bonitas ou nem ao menos entender o próprio reflexo no espelho.

A magreza, os cabelos lisos e a pele branca são, desde sempre, monarcas no reino das passarelas e nas revistas femininas, principalmente a partir da década de 1950, quando a mulher passou definitivamente à condição de (forte) mercado consumidor. A moda e a mídia ditam padrões físicos e comportamentais e contribuem para cristalizar uma *persona* feminina ideal, numa perspectiva que soa injusta com toda uma sociedade de mulheres, haja vista que boa parte das características exploradas *ad nauseam* nos veículos de comunicação e apresentadas como paradigmas a serem seguidos, a qualquer preço, muitas vezes dependem exclusivamente de fatores genéticos, como cor dos olhos, compleição física, raça etc. Além disso, nega-se à mulher a liberdade e o domínio sobre seu corpo e sua própria sexualidade.

Meu objetivo é produzir um livro feito por mulheres e para mulheres (afinal, sou apenas a mediadora entre essas personagens e suas leitoras), em que todas possam refletir sobre seus próprios corpos e sua vivência, e ressignificar o que seja

o feminino. **Mulheres e espelhos** é uma reflexão sobre amor próprio e um discurso sobre representatividade. É microfone, luz e câmera para mulheres que até então foram ofuscadas.

Perfil 1

A imagem de Amanda

Em voga no mundo da moda nos últimos anos, o termo *plus size* surgiu como enfrentamento à “ditadura” da magreza imposta pela indústria da moda, estimulada pelos veículos de comunicação em geral, e hoje se concretiza como um movimento que reivindica uma moda mais inclusiva. De acordo com dados do Ministério da Saúde, de 2016, 53,8% da população brasileira está acima do peso considerado normal, quando se leva em conta o Índice de Massa Corporal (IMS), que mede a equivalência peso/altura corporal. Embora haja o debate em relação às questões de saúde que cercam o problema da obesidade, é necessário entender que a estrutura corporal também é consequência de genética. Muitas pessoas, mesmo que mantenham uma alimentação saudável e uma rotina de exercícios, não conseguem alcançar o peso considerado normal e, muito menos, atender ao modelo físico que impera no mundo da moda. Por isso, exigir que mulheres com cintura larga caibam em um manequim 34 ou 38, padrão em que se inserem maciçamente as roupas das grandes marcas de vestuário, é praticamente uma tortura e motivo de frustração e infelicidade. Por esse motivo, surgiu um mercado de moda paralelo, o qual produz roupas que vestem a partir do número 44, para cinturas de 82 a 126 cm.

Formou-se um movimento de pessoas que buscam uma relação mais saudável com a própria imagem, que não se prendem a padrões estéticos enraizados. E dentro deste mercado, surgem nomes como o da modelo Candice Huffine, que luta para a visibilidade da mulher obesa e que combate doenças decorrentes de distúrbios alimentares. A moda *plus size* cresce abrangendo todas as áreas da moda tradicional, atingindo fotógrafos, marcas de roupas e concursos de beleza.

Totalmente inserida neste universo, Amanda Gallate é modelo *plus size* e miss da categoria na cidade de Guaxupé, sul de Minas Gerais. Nascida na cidade de São Paulo, mudou-se para o interior quando os pais saíram da capital. E nesta casa, na qual reside desde a mudança, ela me recebe junto aos três cachorros vira-latas. "Só o Ted é de casa", aponta. Os outros dois animais, Fidel e Frida, pertencem ao irmão mais velho, Danilo, que está viajando. A família é composta por ela, os pais e os dois irmãos mais velhos Thiago e Danilo, que moram em São Paulo. A relação entre todos é tranquila, particularidade que Amanda também carrega consigo constantemente.

Além de uma fala arrastada e com características do sotaque mineiro, Amanda possui cabelos castanhos lisos e compridos. Os olhos refletem uma tonalidade também castanha e seu rosto é arredondado, composto por traços bem definidos entre os lábios e o nariz. Sua personalidade é oposta à constante agitação paulistana, de fala suave e desacelerada, causa a impressão de que poderia conversar tranquilamente sobre qualquer assunto. Aos 30 anos, quase 31, não parece existir problema capaz de lhe tirar o sono.

Sua trajetória tem início longe das passarelas, ainda em sua cidade natal. Passando brevemente por uma faculdade de fisioterapia, conta que período de estágio foi decisivo para compreender a área e portanto, trancar o curso, uma vez que não se identificou com o tema. De volta às aulas de teatro, previamente estudado durante dois anos ainda na escola. Desenvolveu um trabalho para inibir a timidez e, ao mesmo tempo, entrou no meio artístico. O irmão mais velho Danilo acabara de se formar em Rádio TV, e a incentivou a seguir os mesmos caminhos. Com gosto pela área de produção audiovisual, Amanda formou-se então radialista, pela universidade Anhembi Morumbi. Sem emprego fixo, trabalhando apenas com alguns eventos esporádicos, quando os pais mudaram-se para Minas Gerais, acabou acompanhando-os na mudança. Em Guaxupé, trabalhou na Tv Sul, canal de televisão da cidade. Conta que seu trabalho englobava um pouco de tudo: desde atribuições de repórter até funções de produtora do jornal da emissora.

Acabou, porém, deixando a área e atualmente a vive do artesanato, ministrando aulas de decoração de objetos que variam de caixinhas de madeira a cadeiras.

Ao mesmo tempo que trabalhava em sua arte, começou a posar para uma marca de roupas *plus size* da cidade, sendo modelo fotográfico de uma loja durante dois anos. Com esse envolvimento na moda, cresceu como modelo e destacou-se, ganhando a atenção dos organizadores do concurso *Miss Plus Size Minas Gerais*, que a convidou para participar do concurso. Devido ao pouco engajamento do município com a temática (em Guaxupé não havia o concurso de miss), Amanda precisou solicitar um ofício da prefeitura, que lhe concedeu o título de primeira Miss Plus Size de Guaxupé. Participou do concurso em Belo Horizonte (MG), representando a cidade, e desde então envolveu-se com o universo das passarelas.

O processo, ela conta que aconteceu de forma repentina. Após receber o convite, viu-se em um emaranhado de questões burocráticas e em uma busca por patrocínio. Sem atingir o valor total, conseguiu financiamento suficiente para concorrer à faixa de Miss Minas Gerais. Embora não tenha sido a vencedora, Amanda desfrutou da experiência e levou consigo importantes amizades, além de entender melhor a moda *plus size*. Ouviu histórias de meninas que inicialmente não conseguiam usar shorts e “estavam lá no miss desfilando de maiô. Então foi bem legal”. Aprendeu sobre passarela e todo o processo de concursos, experiência que motivou outras meninas a procurarem Amanda para informações sobre moda *plus size*, desde indicações sobre onde comprar roupas até como ser modelo. Movida pela procura, criou um concurso de miss na cidade, aprovado pela prefeitura.

Embora tenha absorvido grande conhecimento ao longo de suas experiências, Amanda explica que ainda está se descobrindo na profissão. Para quem almeja fazer carreira como modelo, ela aconselha o desenvolvimento de um portfólio, sendo fundamental a escolha por profissionais especializados neste segmento. Alerta que as agências *fashion* prometem diversos trabalhos, mas, na realidade, em sua maioria, têm como único objetivo obter lucro através das modelos. Até nos concursos, ela realça a necessidade de manter-se atenta, porque "existe muita

picaretagem", como, por exemplo, a escolha prévia de vencedoras de concursos. Depois de todo processo produção de material, a divulgação nas redes sociais é parte importante para criar visibilidade para a modelo: "Você divulga através das redes sociais, com *hashtags*. E é meter a cara mesmo".

Amanda começou a se profissionalizar como modelo e dedicar seu tempo livre para evoluir na carreira. Foi para São Paulo fazer um *workshop*, onde foi convidada para participar da *Fashion Week Plus Size*. Lá, desfilou para a marca Maria Abacaxita, conta que "foi uma experiência muito legal, porque nunca tinha desfilado e é o maior evento *plus size* que tem no Brasil". O evento reúne grandes marcas e modelos do meio, criando imensa visibilidade para a moda inclusiva. "É diferente fotografar para uma marca aqui em Guaxupé e você estar em São Paulo desfilando para uma marca grande. Não tem como explicar, é outra coisa", ressalta empolgada. Também participou do concurso Aline Zatar para modelos *plus size*. Classificando-se entre as três finalistas, foi vice por apenas um voto de diferença, conta chateada. Mas persiste em sua busca pela vitória, e já possui novos concursos agendados: em outubro de 2018, representará o estado de Minas Gerais em um concurso *plus size*, com temática relacionada à ecologia.

Em se tratando de moda, outra questão que surge na entrevista é a padronização estética. Embora mais de 50% da população esteja acima do peso, Amanda afirma que esse público em específico não é visto como consumidor e são poucas marcas que desenvolvem produtos para um corpo além do número 44. "A mídia impõe uma coisa que não é real", e destaca que a discriminação existe inclusive dentro de lojas que se vendem como *plus size*, porque as medidas não condizem com a numeração na peça de roupa. "No dia a dia a gente vê, mesmo em São Paulo, você entra em lojas e não tem roupa. É um processo muito constrangedor". Para compor um guarda roupa que agrada, é preciso quebrar diversas barreiras. As peças que lhe servem, ela aponta que são, em sua maioria, mais caras do que as das lojas comuns. E sente falta de variedades e estilos que são facilmente encontrados por quem tem um corpo dentro do padrão de magreza: "A gente

também quer vestir uma roupa legal, também quer usar decote, uma roupa mais curta, mais apertadinha, claro que tudo dentro do nosso corpo".

Acredita que é possível alcançar uma moda inclusiva e vê perspectivas de melhoras para o futuro, através de eventos como o *Fashion Week Plus Size*, que, em seu ponto de vista, auxiliam o processo de validar a moda voltada para este público. Através da união de estilistas, modelos, e todos outros encargos (a exemplo de fotógrafos e marcas de roupa) dentro do mundo da moda, vê a possibilidade de produzir roupas com design moderno, e não apenas opções pouco trabalhadas e exclusivamente largas, sem vida, como as que imperam hoje no mercado. No evento, ela viu o resultado de um trabalho voltado para mulheres como ela e encanta-se ao descrever as linhas de lingerie, moda praia, como estilos desenvolvidos para o público mais jovem. Acreditando, portanto, que o caminho para validar o plus size como moda é através dessa união: "Mostrar que a gente tá aqui, que é consumidor e consome muito mais que a mídia impõe".

Outra problemática que destaca é que a moda *plus size* não é considerada moda convencional, como qualquer outro estilo voltado para corpos padronizados. "Ela [moda *plus size*] está sendo divulgada, mas a mídia faz questão de colocar como a moda diversificada dos gordinhos. A partir do momento que colocar naturalmente, vai agradar muito mais. Não precisar ter essa separação". Outra problemática que aponta, é a de que, os meios de comunicação, tratam esse recorte da moda e autoaceitação, como apologia à obesidade, contrapondo a visão de Amanda, que afirma que o "plus size não é isso. É você estar bem, com saúde dentro do seu corpo". Considera aceitar o próprio corpo como um processo de trabalho de autoestima, não desleixo com alimentação e exercícios físicos, argumentando que "o gordinho às vezes tem muito mais saúde que quem está anoréxico, anêmico. Essa semana mesmo eu fiz meus exames está tudo normal".

Por isso, acredita na moda como um processo de valorização da autoestima, uma vez que, em sua concepção, todo mundo tem a sua beleza, "só precisa descobrir. A partir do momento em que você se valorizar e descobrir a sua beleza, as pessoas vão ver também. Independente de ser gordo ou magro". A profissão de

modelo, entretanto, trouxe mais cobranças em relação à própria imagem, fazendo-a investir mais em produtos de beleza e tratamentos capilares. "Não é porque é *plus size* que você fica desleixada". Quando questionada sobre sua relação com a autoestima, acredita que desde os 12 anos, quando seu corpo começou a sofrer alterações de peso, teve certos problemas de aceitação. E apesar de diversas passagens em nutricionistas, adesão de dietas e até mesmo consumo de remédios para emagrecer, nunca conseguiu alcançar uma mudança muito além dos dois quilos a menos na balança. "Não dá, a minha estrutura corporal é assim, não tem como. Eu cresci assim, então não tem como eu emagrecer, ao menos que eu faça uma loucura como uma cirurgia. Mas, no meu caso não é necessário, os exames estão certinhos"

O processo de aceitação é automático para Amanda, sem conseguir vê-lo como um esforço ao longo dos anos. Apesar de não se sentir dentro dos padrões de magreza, conta com toda segurança que sempre se achou bonita. "Começar a entender como podia usar isso para mim, é mais recente", realça fazendo referência ao trabalho como modelo. "Nunca tive isso de me achar feia, foi tudo muito natural, não sofri nesse ponto". Consciente dos preconceitos vividos por colegas de trabalho, e por outras pessoas com um corpo menos desenvolvido, sente-se privilegiada por não ser alvo de comentários gordofóbicos que diminuem sua beleza. "Eu sou uma gordinha proporcional", medidas que, embora fora do padrão da magreza, ainda se encaixam de alguma forma ao mercado da moda, protegendo-a de maiores discriminações.

Situação que acredita ser menos branda dentro da moda *plus size*. As cobranças no meio, Amanda explica que estão atreladas ao fato de que qualquer mudança, como o número de manequim ou o até mesmo o corte de cabelo, exija a criação de um novo material de portfólio, como na moda comum: "Se você se vende como algo, você tem que manter, não pode engordar e não pode emagrecer. A gente que cuida da imagem trabalha isso, você acaba sendo um cabide para uma marca. Então tem que se cuidar". Todavia, salienta que o *plus size* além de quebrar estigmas de peso e tamanho corporal, não tem regras para idade das modelos.

"Porque a moda das magrinhas tem problemas que, com vinte e poucos anos, já não se pode mais desfilar, ter filho, tem medidas de altura". E no *plus size* ela explica que o processo é muitas vezes o oposto, em que a grande parte das mulheres adentra o universo das passarelas depois dos vinte anos, "porque é o momento que começam a se aceitar".

Devido à associação entre beleza e pessoas magras, Amanda destaca que, muitas vezes, faltam modelos com medidas corporais maiores. A exemplo do desfile que participou em São Paulo, em que algumas meninas desfilavam para diversas marcas, devido ao pequeno número de modelo *plus size*. Elucida que, embora o manequim comercial *plus size*, para catálogos, restrinja-se à numeração 48, para desfiles, as medidas vão do 44 até 56 ou além, porque há marcas específicas que procuram modelos que usam 60; "eles trabalham com numerações grandes".

Conceitos pouco abordados, que derivam de pouca discussão por meio dos veículos midiáticos. Além do recorte pouco inclusivo sobre a moda *plus size*, Amanda aponta que a visibilidade atingida pela grande mídia é mínima: "No *Fashion Week*, teve [apenas] uma matéria falando do *plus size*. E é uma em cada dez, vinte". Os principais responsáveis pela luta por representatividade, em sua concepção, são os influenciadores digitais, não sendo capaz de apontar grandes mudanças fora do meio online: "Ainda se vê muito pouco *plus size* na mídia, quando estão lá, são só aquelas modelos que estão no topo. Para quem está começando, é muito difícil", questionando também a falta de representatividade em produções cinematográficas e até mesmo do cotidiano: "Quantos gordos há na novela? São pouquíssimos personagens". Defendendo que dada separação entre gordos e magros reforça os padrões estéticos: "Eu acho que a luta é essa, é mostrar que a gente é igual a todo mundo".

Sem planos muito concretos para o futuro, Amanda persiste caminhando contra padronizações estéticas nas passarelas. Sem grandes certezas, planeja o dia seguinte sem medos e ou muitas antecipações, classificando-se dentre aqueles que vivem o presente, e, em seu calendário, existe apenas o planejamento para o

concurso Miss Ecologia 2018, que acontece em outubro. De resto, deixa o destino trilhar seus caminhos. Seja como modelo, como radialista ou artesã.

Perfil 2

Os títulos de Amara

Os termos travesti e transexual são utilizados para denominar pessoas que identificam-se com um gênero diferente ao que lhes foi atribuído de nascença. A transição de gênero, em sua maioria, tem como consequência a exposição do indivíduo a um julgamento moral por parte da sociedade, e que acarreta em atos de violência contra a população travesti e transexual. De acordo com dados da *União Nacional LGBT*, a estimativa de vida da população transexual no Brasil é de 35 anos, e o país está na liderança do ranking entre os países que mais matam travestis no mundo, segundo dados publicados pela *ONG Transgender Europe (TGEu)* em novembro de 2016.

Os movimentos sociais reivindicam condições melhores de vida para essas pessoas e um dos caminhos trilhados pela militância em busca de igualdade, deu-se através de debates e pela luta por visibilidade nos meios de comunicação. Algumas vitórias, já foram alcançadas, a exemplo do decreto de 2016, em que a presidenta Dilma reconhece a identidade de gênero de pessoas travestis ou transexuais no âmbito da administração pública federal e concede o direito ao nome social, isto é, aquele que a pessoa transexual adotou ao mudar de sexo. Amara Moira identifica-se como parte da população transexual brasileira. Ela reside em um apartamento localizado a apenas alguns passos do metrô da Saúde, na cidade de São Paulo. Um bairro relativamente tranquilo, para um sábado, a tarde na movimentada capital paulistana. Ela me recebe com certa timidez, uma das últimas características que esperaria de alguém com tamanha imponência. Educamente, oferece um "cafézinho" ao abrir a porta de sua casa. Serve o café sem açúcar e senta-se à mesa centralizada na sala.

Possui cabelos cacheados, que lhes caem aos ombros. Um rosto com traços bem acentuados e os ombros largos. Sua altura é suficiente para que qualquer pessoa em torno de 1,60 m, seja obrigada a levantar os pés ao cumprimentá-la. O sorriso e o temperamento, ainda carregam características da Amara interiorana, vinda de Barão Geraldo (Campinas-Sp), a qual recusa-se a render-se à inquietação e praticidade da população paulistana, que não abre brechas para conversas e afins. A voz que narra a história é aveludada, ponderada. Fala do passado ao mesmo tempo que entende a si mesma. Passado que acontece em uma narrativa que mescla primeira e terceira pessoa, revelando quem é Amara antes de tornar-se mulher e depois da transição de gênero, quase que em uma diferenciação minuciosa de quem define anos antes e depois de Cristo.

Aos 33 anos, Amara Moira é uma das travestis mais populares das redes sociais, além de ser alvo de diversas reportagens. A popularidade vem em partes pelo lançamento do livro "E se eu fosse puta", em 2016. Composto por quarenta e quatro textos e poemas, o livro resume-se em relatos de Amara sobre suas experiências como prostituta, que inicialmente escrevia em um blog. Após um de nossos encontros, tornou-se também doutora em teoria literária, sendo a primeira mulher transexual da Unicamp a alcançar o patamar. Formação que é refletida em sua fala, composta por um português impecável, que agrega à conversa um tom quase formal, mas sem demonstrar arrogância.

O sucesso parece seguir o caminho de Amara. Entre as prostitutas e travestis, destacou-se por estar envolvida com a militância e, por isso, foi convidada para debater a profissão em um congresso na Holanda. Dentre os motivos que justificaram o convite da organização para o congresso, também há um favoritismo decorrente do fato de que Amara era uma das únicas prostitutas fluentes na língua inglesa. Como escritora, sua obra foi consagrada como sucesso de venda dentre os sites de distribuição de livros. Como doutora, carrega consigo a conquista de elevar o nome da comunidade transexual dentro das universidades. E devido a sua grande visibilidade, Amara optou por utilizar as redes sociais como instrumento de

fala, principalmente em seu perfil no Facebook, onde afronta os preconceituosos e denuncia toda forma de discriminação que vive diariamente.

Medida defensiva que aprendeu ao longo dos últimos anos, desde que tornou-se mulher. A transição de gênero concretizou-se após algumas tentativas abortadas, enquanto ainda buscava "por espaço no mundo para Amara". Incentivada por pessoas transexuais presentes em revistas e programas de televisão, ela conta que o veredito relacionado à mudança de gênero, estabeleceu-se apenas após o contato com a cantora transexual Candy Mel, vocalista da Banda Uó, em um show em Campinas (SP). Após reconhecer-se como igual à Candy, adquiriu coragem para assumir sua nova forma, e conta que mantém a amizade com a cantora até os dias atuais. Baseada em sua história, argumenta sobre a importância da visibilidade transexual na mídia, uma vez que a representatividade abre espaço para que mais pessoas que sofrem pela opressão de gênero, possam se encontrar e se aceitar. Citando a atriz Roberta Close, que marcou sua vida nos anos 90, pois foi um dos primeiros nomes transexuais de que se recorda.

Considera que realizou a transição de gênero tardiamente, apontando como motivo do atrasado a dificuldade para compreender o universo que então se envolveria. "Aquela vida que me deram e me destinaram era uma vida que não fazia sentido e me violentava". Classificando sua existência como ser masculino em um período "particularmente desconfortável e doloroso". A falta de informação e debates a respeito de orientação sexual e orientação de gênero é fator que leva Amara a identificar angústias vividas no passado. "Nunca me disseram que eu podia ser trans, que eu podia ser bissexual. Sempre me disseram você é homem, heterossexual, cisgênero". Cada termo refere-se a aspectos diferentes da vida de uma pessoa. A palavra cisgênero é utilizada para definir quem se identifica com o gênero que nasceu, ao contrário da pessoa transexual e travesti. Essa identificação de gênero não deve ser confundida com orientação sexual, que diz respeito à atração física e relações afetivas. Isto é, classificam-se entre heterossexual, aqueles que sentem-se atraídos apenas pelo sexo oposto. Homossexuais, aqueles que se sentem atraídos por pessoas do mesmo sexo. Bissexual entendido como

aquele que se sente atraído por pessoas independentemente do gênero. E devido a tantas nomenclaturas e assuntos ainda recentes para sociedade como um todo, Amara afirma que "conseguir romper com isso (preconceitos) é todo um trabalho muito delicado".

Ao visitar o passado, entende sua vivência previamente masculina, como uma tentativa constante de enquadrar-se aos dos padrões socialmente aceitos, em que suas ações eram movidas por uma constante busca para que os outros a vissem como homem. "E aí eu comecei a me perguntar porque eu me importava tanto com a validação do outro". E entendeu a procura por validação como medida protetiva, pois temia as violências que a população trans é vítima constantemente. O medo a impedia de mostrar ao mundo quem realmente era, causando "uma sensação de estar constantemente vestindo uma máscara e viver um personagem".

Somado a tais questões, existia também o temor de que sua transição, a obrigasse a trilhar o caminho até a prostituição. Negava-se a aderir a profissão como algo obrigatório e temia lidar com a situação sem nenhuma preparação física ou psicológica. Condições precárias que são a realidade de quase 90% da população transexual, que recorre à prostituição como renda básica ou complementar, segundo estimativa feita pela *Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)*, devido à falta de espaço para essas pessoas no mercado de trabalho. Ao envolver-se com a militância, Amara compreendeu as lutas das outras mulheres em situações análogas à sua, conseqüentes de violência policial, abusos e exclusão da sociedade. E ao compreender dadas situações, começou a questionar-se o motivo da fuga do destino: "Eu queria fugir também porque existia esse estigma da prostituta, a putafobia que também me afetava, não estava imune à essa discriminação".

Transitando por esse universo, Amara iniciou portanto, um processo que classifica como de "desconstrução". Aproximou-se também de amigas que eram prostitutas, descobrindo um interesse por conhecer aquele universo particular. No início da transição, não permitia-se viver relacionamentos afetivos e, ao frequentar locais de prostituição, conviveu com clientes que a questionavam o porquê de não se

prostituir. "Tinha algo ali que mexia comigo, que me ofendia", criando em si uma relação ambígua com desejo dos homens pelo seu corpo. Se por um lado revoltava-se com a associação imediata de sua imagem de travesti à prostituição, por outro a categorização de prostituta que lhe faziam, não mais a associava a uma figura masculina. "O que ajudou muito no processo de transição, saber que pessoas desejavam o meu corpo, o meu sexo, conhecer minha intimidade". Concluindo que, por mais que fosse violento, tal assédio cumpriu um papel importante em sua segurança relativa à descoberta de si mesma. Em uma mistura de solidão, carência e incentivo do dinheiro que poderia ajudar a apressar sua transição, Amara viu-se prostituta.

Em meio à prostituição, nasceu concomitantemente a escritora. Através do blog "E se eu fosse Puta?", narrou experiências vividas dentro da prostituição, sabendo desde o início, a relevância dos textos que produzia: "No momento em que eu escrevi a primeira linha eu tinha noção de que era algo que estava mexendo com coisas muito delicadas e potentes". A princípio, Amara objetivava promover visibilidade à prostituição de travestis, "queria que as pessoas não só ficassem falando que aquilo era violento, precário e vulnerável, mas que tivessem uma noção em detalhe". E o *feedback* dos leitores traduzia um público ainda despreparado para lidar com o assunto. Os *posts* que divulgava em sua página na rede social Facebook, possuíam quase três mil visualizações, entretanto a interação do público com as postagens era mínima, devido ao tema. Os leitores se demonstravam fiéis, entretanto, não podiam assumir que liam seus textos. Ao longo de um ano e meio, Amara discorreu sobre os assuntos ao calor do momento, vivendo as experiências e rabiscando-as em notas e em seu diário pessoal. Após conversas com editoras, expressou o desejo de publicar os textos de seu blog em formato de livro. Depois de seis meses de edição, reescrevendo-o sob ótica contemporânea, "E se eu fosse Puta?" chegou às livrarias, como destaque do mês nos grandes sites de venda. Em um emaranhado de divagações, o livro consiste em uma resposta à pergunta do título, pois entende como "uma forma de chamar o leitor para ficar no meu lugar". Doutora em teoria literária, reitera que a

obra encaixa-se no âmbito da literatura, uma vez que fora feito "um trabalho árduo com a linguagem", e embora a literatura traga o elemento ficcional, a autora destaca que "isso (os relatos) são as experiências de que eu vivi e refletem o cotidiano de travestis no Brasil inteiro. Isso é a realidade da prostituição". E realça que a obra deve ser entendida como trabalho literário, mas também como um retrato que aponta para a realidade das ruas brasileiras.

Realidade que a motivou a lutar por melhorias através da política. Impulsionada por sua popularidade nas redes sociais, conta que almejava usar o nome que construiu para fazer mudanças na cidade de Campinas, onde nasceu e cresceu. Uma das grandes problemáticas por ela enfrentada foi a de que, apesar de destacar-se entre as maiores cidades do interior do estado de São Paulo, Campinas ainda é composta por uma população que, segundo Amara, não abre brechas para mulheres e a comunidade LGBT em geral, na política. Para justificar a importância da representatividade, cita o exemplo do deputado Jean Willys na luta das minorias. Afirma que dada preparação para debates e postura dentro da câmara é fundamental para a luta dos direitos iguais. E inspirada por ele, "queria reivindicar também um pouco do combate ao machismo, à LGBTfobia, ao racismo. O que nunca vai ser prioridade enquanto esses grupos não estiverem representados nesse espaço de tomada de decisão".

Com uma campanha direcionada para o meio online, Amara conquistou 1020 votos, financiada apenas pelo orçamento de 300 reais, oferecido pelo partido PSOL, através de panfletos. Apesar dos números não serem capazes de elegê-la vereadora, orgulha-se ao afirmar que foi a terceira candidata mais votada do partido. Dentre os motivos que a deixaram longe da vitória, ela aponta o machismo que enfrenta como mulher como um dos principais. Entre todos os candidatos eleitos no município, apenas uma mulher conseguiu se eleger.

Machismo que influencia em diversos aspectos da nova vida de Amara. Em contato com outros tipos de preconceito desde a transição, um dos que lhe incomodou foi a padronização estética feminina. Ao construir um novo corpo, que agora lhe serve e a faz feliz, também lutou contra os padrões únicos de beleza feminina. "Existe um

gesto de rebeldia, de militância em querer buscar o corpo que eu gostaria de ter e não o corpo que gostariam que eu tivesse". E argumenta que, no meio transsexual, o incentivo à construção de um corpo movido à cirurgias plásticas é constante, negando-se, portanto, a construir uma imagem de mulher com seios siliconados, lábios preenchidos e diversas outras mudanças estéticas. Amara quer amar seu corpo como é, reivindicando também o direito de ser vista mulher independente das formas que moldam seu corpo.

Mas enfrenta certas dificuldades ao construir sua autoestima como mulher. Por medo de ver seu passado masculino refletido no espelho, por vezes ainda evita o próprio reflexo, e sem muitas vaidades, mantém-se distante de maquiagens.

Entretanto, em seu primeiro dia como mulher, a maquiagem teve um papel fundamental para sua transição: "Uma *Drag Queen* me produziu e foi a primeira vez que eu olhei no espelho e vi uma figura feminina. E foi incrível, porque a partir daquele momento eu acreditei que era possível". Entretanto, após o ocorrido, foi necessário o trabalho da autoestima durante um ano, para que pudesse sentir-se bonita sem maquiagem.

Seu guarda roupa também é composto por poucas peças, entretanto com uma justificativa que ultrapassa o machismo enraizado na sociedade. O preconceito com a mulher transsexual é tamanho que influencia, inclusive, no processo de fazer compras e construir um guarda-roupas. Amara é vítima de atitudes transfóbicas em lojas de vestuários, não sendo aceita por exemplo, no provador feminino.

Dificuldades somadas ao fato de que ainda existe um mercado de moda que produz roupas associadas ao gênero, acarretando em medidas de roupas pouco inclusivas. Por ter uma estrutura corporal diferente de uma mulher cisgênera, não se encaixa nos manequins ditados pela moda. O que a afasta deste universo, sem muito gosto por vaidades.

A necessidade de se afirmar mulher e o medo por ser deslegitimada é uma atribulação também dentro de relacionamentos. Em seu primeiro ano de transição, questões como identidade de gênero e orientação sexual, por mais que fossem termos distintos, culminaram em uma encruzilhada. "Por exemplo, gostar de

homens é uma forma de, em uma sociedade heteronormativa, você se afirmar mulher". Por inseguranças e medo de ter sua imagem feminina anulada, Amara não manteve relacionamentos com mulheres de início. "Não é algo que eu não queria, eu não conseguia nem pensar nessa hipótese. Por medo de me ver deslegitimada enquanto Amara, enquanto travesti". Acondicionando-se, por isso, a apenas relações heteronormativas e todas dentro da prostituição.

Quando a primeira mulher adentrou em sua vida e lhe pediu um beijo, ela ficou sem reação, hoje, divertindo-se ao admitir a falta de tato com a situação: "Ela chegou e falou eu quero ficar com você, como eu faço? Eu respondi eu não sei! E nisso ela me beijou e venceu esse bloqueio". Bloqueio que Amara carregou durante muito tempo. Envolvendo-se então, apenas com mulheres que a procuravam, em partes por medo de reações transfóbicas de outras mulheres, caso a iniciativa partisse dela, pois algumas se sentem ofendidas quando uma travesti demonstra qualquer tipo de afeição. "Para mim, é sempre delicado mostrar interesse por qualquer pessoa", mesmo após vencer algumas barreiras, ainda acredita que a vida afetiva das pessoas transexuais é sempre complicada, pois "a sociedade nos cria para gostar de corpos e pessoas cisgêneras, se você não é, é sempre uma decisão delicada quando você se interessa ou se apaixona por alguém". Elucida que, em uma cultura baseada em sentir atração por homens com pênis e mulheres com vagina, "qualquer coisa que fuja dessa configuração é inconcebível que se torne objeto de seu afeto, seu desejo, seu amor".

O preconceito acontece inclusive dentro da comunidade LGBT, em que muitas pessoas negam a existência da transição de gênero e recusam-se a envolver-se com transexuais. Outra sigla invisibilizada no movimento LGBT é a letra B, dos bissexuais, orientação sexual na qual Amara se encaixa. O termo mistura-se à pansexualidade, causando dúvidas em quem está fora do movimento. Amara explica que, em sua concepção, a pansexualidade e a bissexualidade devem ser entendidas como sinônimos e que ambos referem-se às pessoas que se atraem por outras pessoas independente do gênero, porque "os dois remetem a isso. Mas

tem muita gente que é bissexual e fala que não se relaciona com pessoas *trans*, porque nesse momento a cultura sexista transfóbica fala mais alto".

Dos relacionamentos, ela volta a falar sobre a prostituição. Embora nenhum companheiro (a) afetivo (a) tenha lhe pedido diretamente para deixar de se prostituir, conta que em uma sociedade monogâmica, manter relações sexuais como profissão influencia diretamente em seus namoros. Por esse motivo, sentia-se censurando até a própria escrita, nos relatos do blog, sem poder contar que sentia prazer nas relações, o sexo ganhou uma concepção estrambótica para ela. "Minha vida sexual virou palco de debates e, ao mesmo tempo, pensei que não conseguiria mais ter relações". Influência da profissão que permanece até os dias atuais, em seu relacionamento, mesmo que não vivencie um namoro monogâmico. Tais consequência, contudo, não culminam em arrependimento relativo às suas escolhas. Amara considera a prostituição como algo muito revelador da condição humana, traduzindo o sexo como algo "divertido e prazeroso", quando os clientes a tratam bem. Por outro lado, salienta também os abusos existentes na profissão, explicando que a falta de respeito, muitas vezes tolera, pois lhe rende boas histórias e inspirações para escrever. Mas, os abusos de seu corpo a assustam: "Tem momentos que isso passa dos limites, como me obrigar a transar sem camisinha".

Realidade que é consequência da falta de leis trabalhistas, e proteção por parte das autoridades em relação às profissionais do sexo. Situação que, quando Amara compara ao exterior, vê um quadro diferente ao do nacional. Ao viajar para o congresso na Holanda, deparou-se com um lugar em que, além de sua profissão, as pessoas aceitam sua transexualidade. Enquanto no Brasil, sua presença ainda incomoda: "As pessoas notam que eu sou diferente e precisam olhar, apontar, discriminar".

Ao ofício de prostituta, também expressa gratidão, uma vez que descobriu-se escritora naquele ambiente: "Eu gosto de brincar com isso, acabei escritora tentando ser puta. E puta ao bancar a escritora. A prostituição banca a minhas escrita e a minha escrita me leva para esse lugar". Ela não se vê em um trabalho

comum, cumprindo horários de trabalho regulares, detestando a falta de autonomia.

Por fim, divaga sobre o papel da mulher atualmente, afirmando que: "A mulher é um reflexo do que ela pode fazer", sendo definida pelo momento histórico em que vive. E para Amara, o momento é de progresso. Evoluir como mulher, como travesti, como doutora e como puta. O que Amara representa tão maravilhosamente bem.

Perfil 3

Os rodopios de Junia

Hoje considerado um estilo de dança, o *pole dance* tem suas origens ligadas ao Mallakhamb, a ginástica indiana de força e equilíbrio, realizada sobre um poste de madeira. Nascida nas boates londrinas, em meados da década de 1980, a modalidade assemelhava-se a uma dança sensual, ainda mais porque suas primeiras praticantes foram as *strippers*. A popularização da prática deu-se após esta adquirir destaque no cinema, especialmente com a personagem Erin Grant, interpretada por Demi Moore, no filme norte-americano *Striptease*, de 1996. Desde então, a dança acrobática apareceu também em outras produções cinematográficas e foi protagonista em novelas e seriados de televisão, o que contribuiu para que adquirisse novos adeptos. No Brasil, ganhou destaque por meio da personagem Alzira, interpretada pela atriz Flávia Alessandra, na novela *Duas Caras*. Exibida pela Rede Globo de Televisão, entre 2007 e 2008, a atração ajudou a impulsionar a procura pela dança em solo nacional. Atualmente, são centenas de estúdios especializados em todo o país, sem falar nas aulas da modalidade ministradas em academias de ginástica tradicionais.

Geralmente, os estúdios de *pole dance* classificam-se em dois estilos: o *polefitness* e o *exotic*. O primeiro é caracterizado pelo uso de força e por explorar os alongamentos do corpo, levando seus adeptos a considerar a prática como esporte. Já o segundo segue a linha herdada dos clubes de *striptease* e tem a sensualidade como componente fundamental.

É por esse universo que Junia Kimura vem transitando há alguns anos. Sem travas na língua, a jovem de vinte e sete anos divaga sobre suas paixões, num sotaque

paulistano marcado e repleto de gírias, como o indefectível "tá ligado", e expressões que ela mesma se repreende, rindo, por usar: "tô falando muito palavrão, né?". Junia é instrutora de *pole dance* em Bauru (SP), onde reside. Ela tem os olhos de traços orientais, cabelos lisos ruivos tingidos e grandes óculos que ocupam boa parte do rosto arredondado. Outros dois traços marcantes da dançarina são as tatuagens: uma, na panturrilha, faz referência ao filme *Donnie Darko*; a outra é do gato de *Alice no país das maravilhas*, que sorri em suas costas. Não é raro que as roupas da instrutora enalteçam sua profissão, como a camiseta com a frase "Eu faço *pole dance*. Qual o seu superpoder?", que ela usava num dos nossos encontros. E é na própria sala de estar de seu apartamento, sem nenhum sofá, poltrona, televisão ou decoração, mas com apenas duas barras de ferro fixadas ao centro, que Junia ministra aulas semanais de *pole dance*. Além do instrumento fundamental para a prática da dança, o espaço tem apenas um enorme espelho, que cobre a totalidade de uma das paredes, e uma escrivaninha, sobre a qual repousa o *notebook* com a trilha sonora das aulas e onde a dançarina monta os horários dos alunos.

Junia é formada em *Design Gráfico* pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), de Bauru, profissão que exerceu durante um ano e alguns meses, trabalhando em uma agência de comunicação. Ela também é faixa preta em aikido e já praticou kung fu e krav maga. O gosto pelas artes marciais seria decorrente de sua personalidade inquieta, manifesta desde criança, segundo ela própria avalia. Junia conta que, na infância, gostava de brincar na rua com os dois irmãos, na pequena cidade de Pompeia, de 20 mil habitantes, no oeste paulista. "Até tinha umas bonecas, mas eu gostava mais de jogar bola, ralar o dedão na rua", relembra, rindo. Por causa da predileção da menina pelo lazer considerado masculino, a mãe temia pela sua 'feminilidade' e não a deixava praticar as artes marciais que a criança tanto admirava. "Ela falava que era coisa de menino e que meus irmãos podiam [lutar], mas eu não", revela.

Na mudança para a Bauru, para onde teve de ir depois que passou no vestibular, Junia viu a oportunidade de realizar as atividades que não podia enquanto estava morando com a mãe. A partir daí, experimentou diversas artes marciais, passando pelas tradições chinesa, japonesa e israelita. Começou praticando kung fu porque o preço das aulas era acessível e, mesmo não sendo bem o que queria de início, acabou gostando da modalidade e nela ficou por dois anos. Depois, lutou krav maga e aikido, além de praticar esporadicamente outras modalidades, tanto que,

por um certo período, chegou a lutar quatro estilos de arte marcial ao mesmo tempo, dedicando-se mais à luta do que à própria faculdade. Por causa disso, chegou até mesmo a considerar mudar o curso de graduação para Educação Física.

Quando lutava krav maga, diz que as posturas e os discursos extremamente conservadores e de extrema direita de pessoas do meio a desagradavam e a fizeram desanimar de praticar a modalidade. Apesar disso, reconhece que o espaço para a mulher nas artes marciais que abraçou sempre foi respeitado e nunca se sentiu desmerecida por causa de características como força ou habilidade, tanto que teve uma mestra de kung fu. "Tinha muito esse negócio de *girl power* e eu achava muito legal. Ela [a mestra] era muito foda".

Junia tornou-se faixa preta no aikido, que é oferecido pela Unesp semanalmente, em um espaço aberto para comunidade, e fala com carinho da diversidade que marcava as turmas: "não era só estudante. Tinha senhorzinho aposentado e que, ainda por cima, levava o neto [para as aulas]". Ela ressalta também que o aikido e as outras modalidades de luta são bastante interessantes para as mulheres, pois proporcionam técnicas de defesa pessoal.

No intuito por melhorar suas condições para a luta e aumentar sua força muscular, Junia acabou encontrando o *pole dance*. Maravilhada com as possibilidades de movimento, elasticidade e fortalecimento físico que percebia em fotos e vídeos sobre a modalidade, começou a praticar o esporte em uma busca por entender melhor seu corpo e conseguir realizar as sustentações e acrobacias que admirava. No início, Junia tentava se manter alheia à dimensão sensual da dança, até porque, confessa, tinha um certo preconceito ("eu não queria ficar rebolando"), por isso, resistia a aprender o estilo *exotic*, mesmo que a professora com quem estava aprendendo mesclasse dança e força, nas aulas. Em casa, treinando sozinha, a *designer* privilegiava os exercícios de potência muscular, mas foi percebendo, aos poucos, que "algo estava faltando", especialmente a leveza que ela percebia, nos vídeos a que assistia, nas praticantes que ensinavam os movimentos. Foi então que passou a identificar melhor os movimentos mais sensuais que marcam o estilo das *strippers* e a se encantar com eles. "Hoje é a parte de que eu mais gosto", revela, ao mesmo tempo que critica os adeptos do *polefitness* por discriminarem a prática do *exotic*, considerando-a menos 'nobre' por causa de sua origem em casas noturnas e boates de *striptease*. "O que não tem nada a ver. Eu sei que tem outras discussões em relação ao pessoal que vive disso [*striptease*] e que não tem outra

escolha [como profissão], mas as *strippers* que optam por esse estilo de vida, pelo *pole dance*, elas fazem isso porque gostam e se sentem foda! E elas fazem uma grana violenta com isso", admira-se.

O processo de desconstrução de preconceitos e o maior conhecimento sobre o esporte adquirido com o tempo e a prática refletem-se nas aulas que a própria Junia agora ministra. Com duração de uma hora e meia, elas são compostas por uma rotina de alongamentos, técnicas de força e trabalho com giros e movimentos de dança sensuais.

Junia iniciou sua carreira de instrutora de *pole dance* quando ainda trabalhava como *designer*. Entre os fatores que influenciaram a decisão de mudar sua vida profissional estavam o chefe, por ela considerado negligente, e o desestímulo que advinha da sempre demorada resposta dos clientes em relação aos *jobs*. Apesar disso, admite que o aprendizado no relacionamento com os clientes a auxilia hoje na relação com seus alunos e no planejamento das aulas. Para um desempenho melhor como professora, Junia investe em cursos e *workshops*, o que a faz viajar constantemente para Ribeirão Preto, no norte do Estado, e para a capital, São Paulo. Apesar do alto custo, ela considera o investimento extremamente válido, pois adquire cada vez mais segurança para ministrar as aulas.

A certeza pelo acerto da formação contínua veio recentemente, quando participou de um ensaio fotográfico profissional. Depois que ela colocou as fotos nas redes sociais, os amigos a parabenizaram pelo progresso e pela forma como se entrega ao que faz. "E eu gosto muito de receber esse *feedback*, porque quer dizer que eu estou fazendo o trabalho certo, quer dizer que eu não larguei o [curso de] *Design à toa*", afirma, rindo. O *design*, no entanto, continua presente em sua vida, mesmo que em menor dimensão, uma vez que compartilha alguns desenhos em redes sociais, bem como o logo de sua marca, a PoleDance Bauru, por ela desenvolvida. Em suas aulas, Junia opta por mesclar os estilos *polefitness* e *sensual* porque avalia ser importante trabalhar o corpo como um todo, da mesma forma que acredita ser o *pole dance* um caminho para o autoconhecimento e a aceitação. "A gente usa o *pole* como superação e formação pessoal e ele é uma ferramenta muito foda, porque é uma força e um potencial que você não sabia que existia em você. E ele te mostra que você consegue fazer coisas bonitas".

Segundo Junia, a consciência de si e da feminilidade vai de encontro à negação da sensualidade e da força imposta e ensinada às mulheres desde cedo. É como se a sensualidade fosse "coisa de mulher da vida, de mulher que não merece respeito".

“Isso aí é um machismo muito enraizado que a gente tem que quebrar”, afirma Junia, que tenta romper esses padrões por meio do trabalho que realiza. Trata-se de um processo lento, diário, mas o que a motiva a sempre continuar é ver o resultado nas alunas, como o que percebe numa delas: “ela é fora do ‘padrão’, não tem manequim de modelo. E quando está aqui [em aula], eu dou muita risada, porque ela fica se curtindo muito no espelho. É isso que eu quero das alunas, que elas se amem, que amem cada pedacinho dos seus corpos”.

Por causa dos preconceitos cristalizados socialmente, muitas mulheres que admiram o *poledance* e gostariam de praticá-lo, não o fazem por acreditarem que não têm o corpo ideal para tanto. Não há, porém, a necessidade de nenhum conhecimento prévio, nem um padrão estético específico para tomar posse da barra de ferro como suporte e apoio para os movimentos e a dança. “O lance é você alinhar seu corpo. Agora, se você está mais magra ou mais gorda, isso não importa”, explica Junia, ressaltando a importância do trabalho de desenvolvimento da autoestima das alunas e dela mesma. A descoberta do que seu corpo é capaz de fazer a deixa deslumbrada, e criar um espaço em que as mulheres se descobrem e aceitam é o que alimenta seu amor pela profissão. “Eu comecei a me aceitar mais também, porque nunca tive o corpo que eu gostaria de ter”, confessa. Embora seja consciente de que suas medidas não fogem tanto ao padrão estético geralmente propagado, revela que gostaria de ter um corpo com musculatura mais definida. “Mas eu não tenho porque eu gosto mais de comer do que de treinar”, admite, divertindo-se. Junia afirma que seu padrão físico tem como marcas as costas largas e os braços fortes, fora, portanto, do ideal de feminilidade delicada, fina, que sua mãe sempre pregou e que, de certa forma, reflete um modelo de beleza arraigado socialmente.

Quando conseguiu trabalhar seu corpo de forma a superar esse padrão, Junia diz que sua autoimagem melhorou muito. “E eu fui meio que desenvolvendo isso com o *pole*, porque depois não importava mais se eu tinha barriga saliente ou não; o importante era que eu conseguia fazer as coisas e foda-se”, assevera. Mesmo admitindo não ter hoje o corpo completamente definido como um dia desejou, é feliz com a própria imagem: “se eu conseguir virar de um jeito que eu consigo bater a minha cabeça na minha bunda, eu vou estar muito feliz, porque meu corpo vai estar alongado e forte deste tanto”. E mais: prefere esse corpo de traços fortes e flexível ao que se encaixaria nos padrões de beleza femininos preestabelecidos.

Outro tabu que rodeia o *pole dance* e os profissionais do segmento é a fetichização por parte de alguns homens, o que não raro resvala em assédio e desrespeito. Junia sente-se menos atingida porque, acredita, tem um relacionamento afetivo heterossexual. "Tem muito o lance de os caras te respeitarem mais porque você namora, e eu não sofro tanto [preconceito] por causa disso". Em sua avaliação, porém, esse 'respeito' é muito mais direcionado ao namorado que a ela mesma, tese reforçada pelo fato de amigas lésbicas, também profissionais de *poledance*, serem constantemente vítimas de abordagens impróprias, "pesadas". Frases com conotação sexual e associação do *pole dance* com sexo são comuns, especialmente quando se ressalta a flexibilidade de quem pratica a modalidade. Junia ironiza esse fetiche, pois considera a sensualidade característica da dança uma forma de a mulher se enxergar, sentir-se bem e bonita. "Os caras acham que rola uma super apresentação para o meu namorado, mas eu não faço *pole* para macho, eu faço *pole* pra mim", orgulha-se. E até mesmo seu namorado, Sakai, ironiza os comentários preconceituosos: quando o chamam de sortudo por ter uma namorada *poledancer*, ele desdenha e responde que só serve para tirar fotos da parceira enquanto ela dança.

Junia acredita que as fantasias e as percepções equivocadas que cercam o *pole dance* devem-se ao fato de ele ter se popularizado a partir da atuação de *strippers*, que empregam a dança como forma de fascinar os homens, agradá-los e conquistá-los, especialmente no caso de clientes. "Elas fazem para ganhar o dinheiro delas e porque se sentem foda fazendo aquilo", avalia, mas ressalta que algumas interessadas em aprender a prática somente com esse intuito acabam se frustrando com a modalidade. "É outra coisa, é mais um exercício mesmo. A gente condiciona o nosso corpo para conseguir dançar bonito, não é para dançar pros outros".

Perfil 4

Os traços de Karen

A mulher de ascendência asiática, que hoje reside no Brasil, muitas vezes é submetida a um processo de fetichização, além de sofrer preconceitos machistas, vindos de conceitos ainda fortemente ligados ao patriarcado. Muitas vezes

assimiladas, por parte de homens ocidentais, à objeto sexual, são vítimas de assédio e de fantasias eróticas. Como também alvo de piada, seja por sua dicção, traços físicos ou através dos estereótipos a respeito dos países orientais. A mulher de etnia asiática é retratada de formas diferentes pela indústria cultural. No ocidente, cria-se a imagem da mulher exótica, sempre envolvida com artes marciais e em temáticas relacionados ao sexo. Já nos países asiáticos, ela é submissa ao patriarcado que rege fortemente na região.

Os estereótipos vigentes a partir desta etnia, servem também para reforçar o racismo com a população negra brasileira, pois a partir do pretextos de que japoneses vieram ao Brasil em navios, em condições análogas à escravidão, racistas elaboram uma comparação de seu desenvolvimento. O estereótipo do oriental inteligente e bem sucedido financeiramente recaí sob a população negra com o questionamento de que, "se eles conseguiram, porque vocês não?" E embora não sejam alvo de agressões racializadas e perseguições policiais, a população com etnia asiática sofre uma xenofobia mascarada por piadas. São abordados constantemente com argumentos para retornarem aos seus países de origem. Ainda que, no Brasil existam diversas ascendências, a população marcada pelos olhos puxados, ainda é a primeira a ser associada ao estrangeirismo, isto é, ser vista como imigrante e não brasileiros. Sendo os olhos azuis e cabelos loiros europeus o padrão de beleza, os traços orientais se tornam motivos de piada, ridicularização.

Karen Uehara é uma jovem de tais traços marcantes; possui um rosto bem arredondado e composto por olhos pequenos e puxados, que perdem espaço para os lábios carnudos. Os cabelos são pretos e lisos; os fios cortados de uma forma meiga – composta por uma franja quase infantil. Detalhe que contrasta com as diversas tatuagens desenhadas em seus braços, com destaque para uma mulher no braço esquerdo, com um olhar que acompanha o espectador como faz Monalisa de Da Vinci. Os desenhos refletem sua personalidade e gostos, ora extravagante, ora delicada. Trajada com um vestido longo decotado, ela define seu estilo como mutante, vendo na moda uma forma de expressão.

Atualmente no quarto e último ano da graduação, é estudante de design gráfico na Unesp Bauru. Aos 22 anos, divide seus horários entre as aulas, a agência júnior de design da universidade, o desenvolvimento de um livro infantil e os diversos trabalhos que precisam ser desenvolvidos para as disciplinas. A rotina lota a agenda de segunda a sexta-feira até às 18 horas, mas Karen não transparece exaustão, pelo contrário, com uma voz grave e certa timidez, conversa com a tranquilidade de quem está em casa, embora confesse estar um pouco nervosa por causa da entrevista.

Originária do Japão, nasceu na cidade de Ogaki, mas considera-se brasileira de berço. Filha de pais brasileiros com sangue asiático, veio ao Brasil muito cedo, com apenas cinco anos. Sua certidão de nascimento é escrita em português, optando pela nacionalidade verde e amarela aos 21 anos, quando por questões burocráticas, precisou reivindicar um lugar de origem.

O endereço de Karen fica localizado na rua Rio Branco, da cidade de Bauru, interior de São Paulo. A casa é conhecida pelo nome de república *Txai*, onde ela me recebe abrindo o portão branco de uma entrada cheia de plantas, e me conduz até o quintal dos fundos, escolhendo conversar em meio às árvores e ao canto dos pássaros. O quintal é espaçoso, grande o suficiente para comportar festas universitárias marcantes para as gerações mais recentes de unespianos. Reside neste local apenas há 3 semanas, mas a familiaridade com os moradores e o ambiente discordam do tempo cronológico. Dentre os habitantes da casa, está presente a cachorra Nara, com pelos sedosos e olhos que combinam com as manchas em tom de mel pelo seu corpo. "A gente brinca que ela é a Gisele Bündchen dos cachorros", ri.

Seu caminho até estabelecer-se na república é composto por uma intensa odisseia de residências, que começou aos 19 anos quando mudou-se para Bauru, devido à aprovação no vestibular da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Depois de passar por um apartamento onde morava com pessoas que tinham "uma *vibe*" que não compatível com a sua, e por uma república que considerou anti-higiênica, encontrou um lar na avenida *Duque de Caxias*, morando com mais algumas

meninas. "A gente encontrou muito essa coisa de irmandade, de todo mundo desabafar. E fazia várias terapias em grupo na cozinha", mas a república se desfez quando as integrantes finalizaram a graduação. Neste processo de sucessivas mudanças, encontrou sua nova casa, onde se sente bem: "É legal isso de espaço coletivo e você aprender a lidar com pessoas bem diferentes de você".

Da saudade de casa, carrega os fortes laços com a avó, presentes na escolha do tempero para comida, no prazer ao cozinhar doces e nos diversos sabores de chá que consome para acalmar os nervos. "É um hábito que a minha vó construiu em mim, então eu me sinto conectada a ela". Rituais que busca no intuito de desacelerar intensa rotina que vive.

Discute sobre os diversos preconceitos que vive, incomodando-se pela constante associação de sua imagem ao estrangeirismo. Por questões burocráticas, não pode ter a cidadania japonesa e assim, optou pela cidadania brasileira. Mas devido aos seus traços, dificilmente é aceita como tal. Com uma árvore genealógica completamente mestiça, conta que a família materna possui traços menos acentuados e por isso são aceitos como brasileiros. Mas, tratando-se de si mesma, nunca é respeitada e constantemente é alvo de piadas envolvendo a língua e a cultura japonesa. Karen conta que, em festas que frequenta, por exemplo, muitas vezes é cumprimentada com saudações que ironizam sua etnia, sendo abordada por frases que chacotam suas origens.

Motivos que a levaram a buscar o feminismo asiático. A desumanização da mulher oriental é uma das pautas principais do feminismo que realiza este recorte de etnia. Debatendo o fato de que, se por um lado a cultura do oriente exige das mulheres asiáticas um comportamento submisso ao regime patriarcal, idealizando-as como seres para servirem ao lar e ao marido, por outro, no ocidente, a mulher asiática é vista como um produto exótico, vítima da fetichização consagrada pela mídia *Hollywoodiana*, que retrata a mulher asiática como uma guerreira exótica, mestre das artes marciais e do sexo. Estereótipos criados que refletem na forma como Karen é tratada diariamente. Ela relata que já foi a encontrar em que o único assunto que os homens esperavam dela, envolviam a cultura japonesa de animes

e jogos virtuais: "A pessoa tem que me tratar diferente porque eu tenho essa cara, mas eu ouço Tom Jobim. E ela não consegue me enxergar como ser humano normal, brasileiro aqui do Brasil".

A fetichização traz também como consequência o assédio à mulher de origem oriental. Ela revela que homens já gritaram na rua frases como "quem disse que Japão não faz coisas boa". E que não conseguem aceitar sua beleza como algo comum, ouvindo constantemente que é uma japonesa muito bonita. "Eu tenho que ser encaixada dentro da categoria japonesa pra falar que eu sou bonita. Não pode simplesmente falar que eu sou bonita. Ou então falam que a beleza é exótica". O que a leva afirmar que os homens a procuram por prazer estético e não em busca de um relacionamento.

Questões que passou a entender melhor quando conheceu o coletivo Lótus, coletivo virtual que descobriu através do *Facebook*. Lá, conversou com meninas que sofriam o mesmo tipo de preconceito e que realizavam um recorte do feminismo que ela não conseguia com as amigas brancas. A partir deste envolvimento, decidiu que queria englobar este debate à universidade e, através de reuniões, buscou trazer visibilidade à causa. "Na semana de arte japonesa da Unesp, a gente por exemplo fez uma roda de conversa. E as pessoas não japonesas ficaram chocadas com o que a gente falava. Elas não entendiam, não tinham parado pra pensar".

Fator também discutido por Karen, a reprodução exaustiva de um único padrão por parte dos meios de comunicação, refletiu ao longo dos anos na formação da própria imagem. "Por muito tempo eu cresci me achando muito feia. Porque querendo ou não a gente vive em um país com um padrão de beleza *Gisele Bündchen*. E aí eu achava muito horrível ter o rosto largo, o olho mais fechado". A falta de representação da mulher japonesa na mídia refletiu, portanto, nas referências estéticas de Karen. "Não achava para o meu tipo de olho, tutorial de maquiagem, ou os que tinham eram tentando imitar o olho ocidental". E desta forma, a mulher com traços orientais passa a ser invisível para todo um mercado da moda, e a cultura de kimonos e outros adereços orientais passam a ser

apropriados pela moda voltada para a mulher branca. "A gente acha isso muito ofensivo, porque quando a gente veste é motivo de piada, quando elas vestem é muito legal".

Na busca por se encaixar aos padrões estéticos e comportamentais, Karen apagou seus traços, tentando seguir uma moda feita por e voltada para mulheres brancas. "Pintei meu cabelo de loiro, eu ficava me achando diferente, então tentava agir de maneira diferente. Tudo porque eu tinha vergonha e medo das pessoas ficarem falando groselha sendo que a vida toda já falaram". A solução para ver-se bonita novamente, ela encontrou dentro do movimento feminista asiático, mecanismo que encontrou para a autoaceitação, recusando-se a aceitar um único padrão de beleza.

"Porque eu vivia sempre em estado de negação, então essa foi a chave pra eu encontrar uma paz de espírito e falar: 'tá tudo bem ser assim'".

Durante todo um processo de desconstrução e autoaceitação, Karen descobriu no salão de beleza da mãe, sua própria imagem. Entendia o processo de maquiar-se como montar um quebra cabeça, numa incessante busca por realçar e entender a própria beleza. "Aos poucos eu fui me soltando, e a maquiagem me ajudou muito." Processo criativo que trouxe também no seu modo de vestir-se: a procura de uma moda sem regras, hoje constrói seu guarda-roupas a partir de uma fusão de vestidos e jaquetas de couro, acreditando na moda como instrumento de comunicação e forma de expressão.

Paralelo às passarelas do São Paulo Fashion Week, enxerga um movimento que, embora não tão reconhecido, é composto por mulheres japonesas que criam na moda o rompimento do estigma da mulher "certinha", recatada. Uma das estilistas que admira é a Carolina Rica Lee, que faz quimonos no Brasil e usa a moda como questão própria para empoderamento. "Ela usa a favor de forma de expressão, de arte e tudo mais". A estilista também é fundadora do Coletivo Lótus, e participante do projeto Melissa Meio-Fio, que reúne jovens criativos com intuito de repensar e quebrar estereótipos na cidade de São Paulo.

Influência presente nos traços artísticos de Karen, através de seus desenhos. Leitora assídua dos quadrinhos japoneses conhecidos como mangás, busca inspiração em autoras que abordam o padrão de beleza imposto às mulheres asiáticas e, a partir de tais discussões, cria um estilo próprio de representar o feminino. "Tento puxar traços diferentes para elas (mulheres), às vezes tento retratar como criaturas. Elas possuem uma ligação com a natureza de alguma forma".

Traços atualmente voltados para um livro infantil, que discute igualdade de gênero na hora das brincadeiras, o qual desenvolveu junto a um grupo de amigos na faculdade. Incentivados pelo professor, o grupo se inscreveu em um edital promovido pela Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e ganharam o patrocínio para a publicação do livro. A produção do livro toma mais horários de sua agenda, deixando pouco tempo para as animações e filmes que gosta de ver na Netflix ou para os jogos online.

Sente-se realizada e traça planos para o futuro sem grandes preocupações. Sobre sua arte, considera uma luta constante pelo descobrimento: "É uma coisa visceral. Não é algo lógico que você explica e faz um mapa, você tem que criar, até você entender o porquê que você cria e achar um propósito para aquilo que você faz". E Karen segue se entendendo e se descobrindo, cada dia mais.

Perfil 5

As medidas de Melina

O cheiro de borracha domina o ambiente cheio de aparelhos de exercício, caixas de madeira e cordas penduradas pelo teto. Um senhor malha acompanhado pelo *personal*, às nove horas da manhã de um sábado, enquanto Melina está a caminho da academia de *crossfit* Iron Fox.

O esporte, que surgiu nos anos 2000, tem como criador oficial o ex-ginasta Greg Glassman. O Brasil destaca-se entre os países da América do Sul, pois aqui o número de academias especializadas aproxima-se de mil.

As competições de *crossfit* dividem os atletas em três categorias: Scale, Rx e Elite, classificações que correspondem aos termos básico, intermediário e avançado, respectivamente. Um dos maiores torneios em solo nacional é o Torneio CrossFit Brasil (TCB), realizado anualmente e com etapas seletivas em diversas cidades. No desenvolvimento da nova modalidade esportiva, Glassman mesclou exercícios considerados simples e funcionais, alinhando, por exemplo, a corrida ao levantamento de peso. Outro atrativo do esporte é a faixa etária inclusiva, a qual permite que ele seja praticado a partir dos três anos de idade, com especificações necessárias para cada fase da vida. A fuga da monotonia também é característica marcante, pois os treinos são compostos por uma nova sequência diária de exercícios, chamada de WOD (*Work Out of the Day*, ou exercício do dia, em tradução livre), que explora várias formas de exercitar o corpo.

Esse foi o motivo que levou Melina Lopes Ricci Parron a se encontrar no *crossfit*. Ela estaciona o carro cor de abóbora em frente à academia e vem ao meu encontro. Ao adentrar o local, Melina preenche o ambiente de forma extremamente natural, criando a impressão de que chega ao próprio lar. Com um sorriso, a anfitriã do ambiente cumprimenta os treinadores com um carinho fraternal e salienta que o clima dos treinos é sempre esse: "a gente tem grupos de amigos, é bem família mesmo, uma segunda casa".

Melina tem cabelos loiros penteados na altura dos ombros. Suas costas são largas e esculpidas por músculos. Os braços e as pernas também possuem uma musculatura bem desenvolvida, causando a impressão de uma presença imponente, ainda que a moça não seja tão alta, com seus 1,68m, bem de acordo com a estatura média da mulher brasileira, que é de 1,60m, segundo estudo publicado na revista científica *eLife*. Se, porém, o porte de Melina é forte e firme, sua simpatia e leveza de espírito contrastam com sua estatura.

A história de vida da jovem se passa na cidade de Bauru, interior de São Paulo. A casa em que residira ao longo da vida manteve a formação de quatro integrantes, contando com seus pais e seu irmão mais velho, hoje com 32 anos. Em 2012, o cenário mudou, com a separação dos pais, que resultou na saída do pai de casa. Mas, mesmo não morando mais com os filhos, ele esteve muito presente na vida da família. "Até porque meu irmão é cadeirante, então, ele [o pai] sempre esteve por perto para ajudar". Em 2015, a vida de Melina passou por mais duas grandes mudanças: o mesmo ano em que o pai faleceu a marcou pela entrada de um novo amor, seu atual marido, Matheus Parron. Hoje com 27 anos, ela é formada em

Tecnologia e Produção pela Faculdade de Tecnologia de Garça (Fatec) e trabalha como consultora de negócios.

O currículo de Melina, no entanto, reflete sua atuação em diversas outras áreas, além da de formação. Devido à influência materna, já foi soldado da Polícia Militar, de 2010 a 2012, primeiramente atendendo aos chamados do 190 e, depois, atuando na Base de Radiopatrulha Aérea Águia Bauru. Apesar de não se identificar com o ambiente policial, ali permanecia porque a mãe gostaria que a jovem seguisse carreira militar, tanto que a incentivou a prestar o processo para ser efetivada. Melina, porém, não via na PM nenhuma perspectiva de carreira e, por isso, deixou a instituição.

Sobre o período em que exerceu a função de policial, Melina revela que sua vaidade feminina era apagada nas horas de trabalho: "mulheres têm que evitar ao máximo se expor, têm que ser 'masculinizadas', vamos assim dizer. As normas da instituição estabelecem, por exemplo, que o cabelo longo deve estar sempre para trás, preso em coque. Não são permitidas também cores fortes de maquiagens, sendo que o máximo que pode é um batom vermelho. Nada de sombras exageradas". Brincos e adereços, só pequenos e não chamativos. Por trás dessas regras, na visão de Melina, estão paradigmas machistas. "Para não criar o desejo no homem, já que é uma instituição com muitos homens", avalia. Em relação ao espaço disponível para mulher na PM, ela acredita que já foi muito pior. "Hoje eu acho que essa questão do homem e da mulher é a mesma coisa", acreditando que o tratamento dentro da instituição seja igualitário. Todavia, acredita que, devido aos preconceitos "a policial feminina é mais 'carrasca'", mais firme e dura, pela necessidade de se impor em um meio que começou com homens.

Já o gosto por exercício físico a acompanha desde pequena, também através do incentivo materno. Embora nunca tenha se consagrado como atleta profissional, Melina praticou esportes durante toda sua vida, começando aos cinco anos, na natação. "No começo, eu não gostava porque era uma obrigação. Minha mãe falava que criança tinha que fazer um esporte, não podia só ficar na escola e televisão". Por ainda não achar diversão no exercício, passava mais tempo na rua, junto às crianças do bairro com as quais brincava de pega pega e rio vermelho, brincadeiras que instigavam seu espírito competitivo.

Competitividade que carrega consigo até hoje. Conheceu o crossfit por meio de um colega *personal trainer*, com quem trabalhou na unidade Águia Bauru, o Braga. Logo que começou a praticar o esporte, Melina esteve presente em competições:

"Eu entrei em março de 2015, então, em junho, eu já tava competindo no Rio de Janeiro". Disputava na categoria de base, mas hoje ela faz nome no módulo intermediário, mas não tem vontade de competir no estilo avançado, porque acredita que é uma categoria em que as competidoras são muito mais "brutas". Constantemente envolvida em campeonatos, competiu em um dos maiores do país, o Torneio CrossFit Brasil. Sempre na categoria de equipe, devido ao receio que tem de competir sozinha, admitindo um certo medo de se ver frustrada. "Eu não tenho psicológico para concorrer o individual, eu me cobro demais", revela. Embora as feições de Melina até se encaixem nos padrões estéticos mais comumente presentes na mídia, sua compleição física dista, de maneira significativa, da imagem de delicadeza angelical geralmente atrelada à representação de pessoas de olhos azuis e cabelos loiros, como os da atleta, em especial quando ela ergue 65kg acima da cabeça. "Já consegui levantar até 75 kg", orgulha-se. A facilidade e a alegria ao subir na corda são como as de uma criança brincando no *playground* e mostrando para mãe os desafios que consegue cumprir. A familiaridade com as barras de ferro traz um brilho aos olhos de Melina. E essa paixão pelo esporte é tamanha que se reflete até mesmo na construção da autoimagem, uma vez que a relação com o próprio corpo mudou e encontrou aceitação em meio aos metros quadrados repletos de borracha e ferro onde treina cotidianamente.

Desde que conheceu a modalidade esportiva *crossfit*, Melina passou por diversas mudanças. Em um primeiro momento, a prática afetou sua alimentação, trazendo uma nova rotina para o organismo. Entretanto, ela confessa que não abre mão de um doce de vez em quando, mas busca constantemente o equilíbrio e o desenvolvimento de novos hábitos alimentares, complementares ao exercício físico, sem dietas extremas.

Além de não se ater a "fórmulas mágicas" quanto o tema é saúde, Melina também questiona as especulações sobre o que seria o "corpo ideal de mulher", tão propagado pelos meios de comunicação. Ela acredita que um dos maiores medos enfrentados pelo público feminino no esporte é o de não conseguir conciliar a força e a musculatura inerentes à prática de atividades físicas com a silhueta delgada geralmente exigida para a mulher, ou seja, o medo da "masculinização" do corpo: "Existem mulheres que não querem fazer exercícios de braço porque não querem ficar com o braço forte", revela. No entanto, Melina esclarece que o

desenvolvimento dos músculos exige tempo e que não há motivos para temer tal perfil. Ainda assim, admite que os estereótipos equivocados acabam impactando a procura do esporte pelas mulheres: "Existem mais adeptos homens do que mulheres", acredita, justamente por causa do medo em relação às possíveis mudanças no corpo.

Essas são inseguranças que também a atingiram em algum momento: deixar de representar o preceito de que a mulher tem de ser magra, "ter o braço fino, deixar aparecer a clavícula, ter o pescoço muito fino". Mas, devido aos ombros e ossos largos herdados do pai, ela se viu obrigada a rever esses conceitos, ou passaria a não se reconhecer e aceitar. Quando entrou para o *crossfit*, enfrentou o primeiro desafio em relação aos padrões físicos socialmente enraizados. Começou a seguir o esporte pesando 62 kg, consequência também dos anos de corrida praticados anteriormente. Entretanto, após os primeiros treinos, iniciou uma luta contra a balança, pois seu peso subiu para 67 kg. Outro medo que ela enfrentou foi o crescimento de massa muscular nos braços: "falei para o [*personal trainer*] Braga: eu tô virando um homem, eu tô engordando". Em uma conversa franca, seu treinador esclareceu as diferenças de peso adquiridas ao longo dos treinos, explicando que subir em uma balança só faria mal para a autoestima da atleta. Para entender o crescimento corporal, seria preciso realizar uma análise referente à porcentagem de massa magra em comparação com a massa gorda. A explicação facilitou o processo de aceitação da própria estrutura corporal por parte de Melina. "Falei: 'quer saber? tenho que me aceitar assim e eu me gosto".

Outro recurso fundamental na construção de sua autoestima foi a desmistificação, para si mesma, dos modelos de beleza. Ao invés de buscar se enquadrar em um corpo de passarelas, buscou entender melhor seu biotipo. "Quando eu ficava me olhando, eu sozinha, perto de uma população, pensava: 'nossa gente, eu tô muito fora [do padrão] porque eu tenho o ombro largo". A solução que encontrou foi buscar modelos mais próximos de sua realidade, abrindo os olhos para a comunidade *crossfit* fora de sua região. Foi quando fez as pazes com o que via no espelho, refletindo sobre uma realidade, imposta pela mídia, que não é a do seu corpo, nem a de milhões de outras mulheres como ela: "existem mulheres que são

assim! A sociedade coloca na gente alguns padrões, a mulher magra, a mulher *Gisele Bündchen*, de cabelo loiro ondulado, de cabelo liso".

A resolução de aceitar-se como é e se admirar acima de tudo é trabalhada diariamente, com pequenas doses de amor próprio, abandonando os paradigmas impostos pela sociedade e buscando sempre viver bem consigo.

A mudança em relação à autoimagem ela acredita que acontece de forma gradativa e é um processo permanente, não sem dificuldades e temores, é claro: "foi difícil eu aceitar no começo, mas hoje eu estou ganhando massa magra e estou bem com isso". Atualmente, Melina ajuda também outras mulheres que passam pelas mesmas dúvidas e inseguranças no esporte. "Tem muito paradigma, a mídia impõe o que é padrão de beleza. Tem que se aceitar bem, procurar o que vai te fazer feliz", ressalta.

Atualmente, Melina compõe seu lar com o marido Matheus Parron, e o cachorro shih tzu Paçoca, e a história do casal está atrelada ao *crossfit*: os dois se conheceram durante os treinos, sem nunca ter tido nenhum tipo de contato antes. "Começamos a ficar, namorar noivamos e casamos", explica com uma simplicidade como quem conta que aprendeu a pular amarelinha. Morando juntos com o cachorro desde fevereiro de 2017, o casamento aconteceu em setembro do mesmo ano.

Os dois também dividem uma página na rede social Instagram, com o título Amor e Wod, onde divulgam um pouco de sua rotina, com fotos e vídeos praticando *crossfit*, imagens de comidas, novidades em relação às parcerias etc. Até o cachorro Paçoca tem seu espaço da *timeline* da rede social. A descrição que colocam para apresentar o perfil é: "Ela: desastrada, adora campeonatos. Ele: observador, apegado à técnica e cozinheiro *fitness* da relação".

Além do gosto pelo Crossfit e pela competição, ela afirma que a semelhança com o parceiro se dá principalmente através de um perfil sistemático. O que comprova-se através dos planos traçados para a vida em casal: "pretendo ter filho daqui um ano e meio, dois anos. Vamos curtir o casamento, nós dois e um cachorro. Cada coisa no seu lugar."

Profissionalmente, Melina também se sente realizada. Sempre gostou de lidar com administração. "Já comecei a faculdade com a ideia de ser consultora de empresas". Quando conheceu o Sebrae, encantou-se pela missão de ajudar os pequenos negócios. Depois de aprovada no processo seletivo, passou por cadeias

de analista: "hoje eu sou analista dois, pretendo passar para três para virar consultora um dia". Com o sorriso que manteve durante toda a conversa, ela finaliza dizendo que está bem consigo mesma.

*Informações retiradas a partir da entrevista com o ginasta realizada pela CBS news, disponível em <https://www.cbsnews.com/news/crossfit-creator-greg-glassman-60-minutes/>

*Dados: Cross Fit Map, disponíveis em: <https://map.crossfit.com/>

Perfil 6

A caminha de Michele

Os cabelos castanhos chegam a altura dos ombros e combinam com a tonalidade dos olhos. O rosto transparece alguns traços que são realçados sob a pele branca. Sob duas rodas e dois pés, existe uma mulher de sorriso espontâneo, que ao mesmo tempo em que demonstra um temperamento doce, transparece determinação. Sem medos e sem brechas para olhares de pena ou retratação de heroísmo, Michele é e quer ser uma mulher comum, sem paradigmas, sem regras. Ela me recepciona alegre, no sábado que antecede o domingo de páscoa, trajando uma blusa de mangas compridas, cortes excêntricos e em uma tonalidade amarelo gema, que combina vai de encontro a modernidade das calças jeans rasgadas. Para a entrevista, me encontra na casa da sogra Vânia, na pequena cidade de Guaxupé (Sul de Minas Gerais), onde realiza visitas entre feriados e datas comemorativas para reuniões de família. Michele e o companheiro Thiago moram hoje em São Paulo, dividindo o apartamento com o cachorro shih-tzu, que responde pelo nome de Gigante. Apesar de não ter suas origens atreladas à capital paulistana, fala com o típico sotaque da região, carregado de “erres” e de termos na língua inglesa.

Michele Simões dos Santos tem a trajetória de vida com início em São Bernardo do Campo. Aos nove anos, mudou-se para Rio Claro com os pais e a irmã Vanessa, onde vivenciou uma infância simples e hoje saudosa. Demonstra uma ânsia por ganhar o mundo, presente em quase toda geração vinda a partir dos anos 80. Já o

gosto pelo universo da moda, ela admite vir desde cedo: "Sempre tive essa ligação, fui muito voltada para desenho, arte, dessa linguagem total", com lembrando-se que vestia bonecas com as roupas que confeccionava a partir de papel crepon, e se divertia ao longo do processo criativo.

Tamanha era sua gana por desbravar o mundo, que mudou-se jovem para São Paulo, no intuito de cursar negócios da moda. Todavia, a experiência durou apenas seis meses, uma vez que Michele não se identificou com o ambiente: "não gostei da *vibe*, não era o que eu queria e voltei". Em uma conversa franca com a mãe, às vésperas da renovação da matrícula do curso em São Paulo, admitiu o desejo por vivenciar por completo a experiência universitária, o que não era possível na capital paulista, onde vivia com os avós. Decidida a mudar-se para Londrina e cursar design de moda, cogitou diversas possibilidades para manter-se caso os pais não lhe apoiassem, mas não foi necessário. Com o financiamento e a aprovação dos pais, graduou-se na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde aprendeu sobre moda e independência.

Optou por regressar à cidade de São Paulo em 2006, ano em que sua vida voltou-se ao avesso devido a um acidente de carro: ao fraturar a coluna, perdeu o movimento da cintura para baixo. O acidente a afastou do seu corpo e da moda: "Eu fiquei órfã de profissão, porque durante quatro anos eu estudei um corpo só. E da noite pro dia meu corpo tinha mudado, eu não sabia nada sobre ele, eu nunca tinha visto um cadeirante na moda".

Ressalva que a principal mudança foi a perda dos conforto fornecidos pelo seu corpo "padrão alta e magra", sem nunca havendo problemas para encontrar roupas. "Eu saí do mundo encantado da moda, no qual eu estava muito confortável no meu corpinho e fui entender que existe uma realidade muito além da minha". Realidade que descobriu dentro do hospital de reabilitação em São Paulo, que a ensinou a lidar com o novo corpo em que se encontrava. O espanto veio pela constante da falta de conhecimento e da falta de prática para manusear um corpo que de repente fora "desligado" da cintura para baixo. A transformação de tarefas, como idas ao banheiro, mudou sua rotina completamente. Constatou ainda, diversas outras mudanças das quais nunca estivera sujeita, como o inchaço nas pernas, a queda do pé e o próprio equilíbrio do corpo: "Você perde muito do seu dinamismo físico". A partir de sessões de fisioterapia, aprendeu a estabelecer uma nova rotina de vida, "ali foi o começo".

Começo que durou três meses de internação e quatro anos para sua postura se firmar na cadeira. Michele aprendeu a andar sob duas rodas e seus passos traçaram novos rumos. Afastada da moda, decidiu dar ouvidos à voz em seu interior que lhe gritava para explorar o mundo que a rodeava. Por falta de informação relativa ao turismo inclusivo, fundou o blog Guia do Viajante Cadeirante, no qual compartilhou sua experiência como intercambista em Boston. Deixou o Brasil acompanhada pelo namorado Thiago, mas ele não a acompanhou até o fim, permitindo a Michele, viver a completa experiência do intercâmbio, que lhe abriu novas perspectivas: "Eu vi que o problema não era ser deficiente, que era preciso compor as ruas e queria que as pessoas soubessem disso".

O blog tornou-se sucesso tão certo que, em meio a diversas entrevistas, viu-se convidada para ministrar uma palestra em Montreal, no Canadá. Enfrentando um novo desafio de embarcar sozinha para seu destino, diz rindo que sentiu "um cagaço do caralho". Em seu último dia da viagem, o destino lhe pregou uma surpresa, responsável por guiar seu caminho de volta à moda. Atrasada para retornar ao hotel, fazer as malas e pegar o voo para o Brasil, encontrava-se em um museu onde então descobrira que havia uma exposição sobre moda inclusiva e não foi capaz de resistir. Com brilho nos olhos e o entusiasmo crente no reencontro de um antigo amor, ela narra a história com uma empolgação minuciosa: "A hora em que eu entrei naquela exposição, ela falava comigo. Eu não acreditava. Porque eu não via uma moda que era voltada só para a pessoa funcional, era uma moda que podia vestir qualquer pessoa. E eram pessoas sendo vistas como pessoas, não tentando consertar alguém".

De volta a São Paulo, compareceu, despretensiosamente, à uma palestra na livraria Cultura, relacionada à moda. Lá, conheceu a então palestrante Jô Souza, que após algumas conversas, a colocou em contato com Patrícia Cardim, diretora geral da Faculdade Belas Artes. A diretora, movida pela história de Michele, lhe forneceu uma bolsa integral e na pós graduação em Comunicação e Cultura de Moda.

Inserida novamente ao âmbito da sala de aula, realizou grandes mudanças na turma de pós-graduação: "Quando eu comecei a pós, me deparei com uma sala que me olhava, mas não me entendia". Destacando-se como única cadeirante em sala de aula, Michele despertou a curiosidade de uma turma que nunca havia estado em contato com uma estilista cadeirante. Seus companheiros de sala, embora interessados em entender as vestimentas e a rotina de uma cadeirante,

eram impedidos pela vergonha e medo de serem taxados como preconceituosos. "Então eu mostrei a rotina da moda e comecei a entender que no sistema de ensino a gente ainda tem muitos gargalos". Lacunas que ainda precisa ser preenchida no sistema de educação, como o ensino dos professores, envolvendo todo o processo de como lidar com moda inclusiva, uma vez que o assunto ainda é tabu.

Impulsionada por dada experiência e questionamentos, desenvolveu dois projetos que hoje são grande parte de sua vida profissional, o *Fashion Day Inclusivo* e o *Meu Corpo é Real*. O primeiro, foi derivado do desejo de Michele em ajudar as pessoas do hospital em que realizou seu processo de reabilitação. "Porque eu também passei por esse momento de não conhecer o meu corpo". Reunindo diversas mulheres, no intuito de conhecer o mercado e analisar a escassez da moda inclusiva, criou o projeto, visando alcançar grandes marcas e fazê-las entenderem os deficientes como público consumidor, o sucesso foi tanto que olhos de Michele brilham quando conta sobre o dia em que a Avon patrocinou um kit de beleza inclusivo.

Motivada pela escassez de informação a despeito de deficientes, como também pela pouca representatividade por parte dos meio de comunicação, Michele idealizou o projeto "Meu Corpo é Real", que se transformou mais tarde em seu TCC (trabalho de conclusão de curso). Incomodada com uma única representação para pessoas com deficiência, em "sempre são retratadas numa redoma", demonstrou um enorme desejo por trabalhar a imagem dessa minoria, na qual se encaixa. Com o objetivo de dar voz à pessoas com deficiência, construiu, junto ao cunhado Danilo, uma nova narrativa, materializada em um documentário, no qual trabalhou ideias como moda conceitual e linguagem lúdica, trazendo uma nova perspectiva ao assunto: "Porque é batata, você fala que tem um trabalho com deficientes e a pessoa já segura o choro. E eu falei, não quero esse caralho, quero fazer alguma coisa diferente". A escolha pelo audiovisual aconteceu a partir do preceito do que ela classifica como "era da imagem". Em um mundo composto fundamentalmente pelo contato visual, acredita que é preciso mudar a forma como os deficientes são retratados, caso contrário, ninguém vai ter a curiosidade de "saber quem é aquela pessoa".

Por tanto impulsionar vozes, acabou ganhando destaque e foi convidada para palestrar nas conferências do famoso *TED Talks*, projeto de disseminação de ideias, com vídeos reproduzidos mundialmente através do site *Youtube*. Além de falar do projeto "Meu Corpo é Real", Michele traz uma discussão, a respeito da deficiência. Seu discurso visa alcançar maior grau de visibilidade e desmitificar estereótipos, sempre associados aos deficientes, além quebrar padrões estéticos previamente estabelecidos pelo mercado da moda como um todo.

A principal problemática se consuma pelo fato de que o deficiente é visto exclusivamente por sua deficiência, sendo negligenciado como ser humano. Não havendo, por exemplo, discussões acerca das minorias existentes dentro do universo das pessoas com deficiência. A sociedade analisa os deficientes como se fossem só isso, "mas eles fazem parte dessas minorias também. Você não tem um *plus size* deficiente, um gay, um negro, *whatever*". Parte do problema, ela acredita que também está ligado à falta de ativismo por parte das pessoas com deficiência. Como consequência da falta de representatividade, Michele aponta a de referencial, por parte daqueles portadores de alguma deficiência: "Essas pessoas são tão marginalizadas que elas não conseguem nem parar para pensar que elas não construíram uma imagem de referência, porque simplesmente não existe". Isso vale principalmente para quem nasceu com deficiência, pois esta pessoa nunca sentiu-se representada, e muitas vezes acaba não entendendo a própria imagem. Devido a falta de roupas acessíveis no universo *fashion* e o despreparo dos funcionários de lojas ao atender uma cadeirante, vestir-se e produzir uma roupa, processo antes prazeroso, tornou-se uma tortura para Michele: "Colocava roupas, tentava me olhar e me perceber, mas aquilo me dava uma raiva e uma tristeza".

Tudo que vestia antes do acidente tornou-se desconfortável e a experiência frequentar lojas também sofreu mudança de perspectivas, tornado-se constringidora: "O atendimento é péssimo porque as pessoas nem te olham, elas não sabem o que te oferecer então você constrange e se sente constrangida". Para alcançar as vias necessárias para a mudança dessa representação, ela acredita ser possível trilhar os caminhos dentro da moda. A partir da escolha de

tecidos, composição de vestuário, elementos vestidos e cores que utilizadas, acredita que é possível traduzir a sua personalidade nas peças. Michele defende que a desconstrução começa nos consumidores até as grandes marcas, com a quebra da hegemonia da beleza feminina padronizada. Enxerga e utiliza todo mercado *fashion* como forma de comunicar-se. "O que me dá tesão na moda é essa desconstrução que eu aprendi a fazer, ela me abriu muitas portas".

Sem conseguir escolher ao certo uma só palavra para si, opta por inquieta. Sua essência é composta por movimentos, sempre negando a acomodação, e teorias a respeito do que não é possível. Acreditando piamente de que, para viver, é preciso "dar cara à tapa", permanece em uma constante busca pela evolução, constituída de crescimento profissional e pessoal. Michele, hoje, enxerga o acidente como um desvio do destino para os caminhos que necessitava trilhar: "Eu não sei se não acontecesse isso que aconteceu comigo, se eu teria essa inquietação, porque eu estava muito confortável ali e não tinha noção do que as pessoas me falavam".

Conversando em eventos de moda, ainda descobre novos paradigmas e indigna-se com o preconceito e a falta de informação, sustentados pelo discurso de que a moda inclusiva não é viável financeiramente. Isso, em sua visão, acontece porque as minorias ainda não são compreendidas. A imagem construída pelos meios de comunicação, a respeito do deficiente, por exemplo, ela explica que está diretamente ligada à ideia de que o público não consome, não sai de casa, "ignorando os números que apontam que 24% da população possui algum tipo de deficiência", argumenta Michele. Em uma realidade de grandes avanços tecnológicos, a incomoda o fato de não haver um mercado que desenvolva roupas para pessoas com deficiência.

A paixão pelo que faz é o que abastece os motores de suas rodas: "Porque cara, tem horas que cansa. Você se depara com discursos e preconceitos gigantescos e não só na moda". Diariamente, Michele se vê atingida como cidadã e como mulher. Através de discursos embasados em um machismo arraigado, depara-se com pessoas que parabenizam seu companheiro por namorar uma mulher deficiente

física: "Como se eu tivesse que estar com uma pessoa com deficiência e o Thiago com alguém que ficasse em pé".

Embora afetada por diversos preconceitos, acredita que não consegue e nem deseja permanecer em sua "bolha", assistindo a filmes e negando uma realidade na qual os estereótipos acerca de sua imagem ainda são vigentes. Quando busca uma renovação espiritual, volta-se para sua crença nas energias: na falta do acaso e nas escolhas do destino. É comum voltar-se também ao lugar onde aprendeu tudo que sabe sobre si - os hospitais de reabilitação.

Aos 35 anos, Michele caminha em novos rumos e em novas direções, marcando sua presença de mulher extraordinária, capaz de enxergar a beleza e trazê-la em sua simplicidade. Quer ser vista e entendida da cabeça aos seus pés, como um ser completo e não ofuscada pela cadeira de rodas, que já fora prisão, mas hoje é companheira de desbravamento do mundo.

Perfil 7

As representações de Natália

Natália possui traços delicados que a deixam com feições de menina. Com ombros e estatura pequena, as linhas de sua face são desenhadas de uma forma a afinar seu queixo e seu nariz. Os cachos dão volume aos fios que se destacam à luz do sol, a cor dos cabelos, inicialmente castanha, ganha um brilho dourado quando se ilumina. O cacheado contorna seu rosto e, somado aos óculos quadrados, revela sua personalidade, destacada quando sorri. As roupas traduzem um estilo simples, que preza pelo conforto oferecido pela clássica combinação tênis, camiseta e calça jeans.

O tom de voz é agudo e expõe-se de forma tímida. Com simpatia, Natália me recebe através do portão branco, da casa em que reside, a qual ocupa a esquina da rua Rodrigo Romero com a rua Hermínio Pinto, na cidade de Bauru, interior de São Paulo. O cantor Tiago Iorc é parte da trilha sonora do lar quando adentramos pela cozinha, no caminho para o quintal. A gata Pã, de manchas cinzas, brancas e olhos azuis, nos acompanha até os fundos da casa. Sentamos em um espaço

semelhante a um terraço, onde a vista é encantadora, mostrando um mar de prédios e casas, possibilitando também acompanhar o movimento em uma das avenidas mais movimentadas da cidade, a Nações Unidas.

O sotaque de Natália é composto por uma fusão das gírias paulistanas e as acentuações baianas. Exemplifica tudo com o característico "tipo" da capital paulistana, e finaliza suas frases com o "sabe?", do estado da Bahia. Forma de falar que reflete sua origem: Seus pais deixaram a Bahia e se estabeleceram na cidade paulista, onde formaram uma família. Natália Mota nasceu e cresceu em Tiradentes, interior de São Paulo. Mudou-se para Bauru em 2017 aos 20 anos, para cursar Artes Visuais na Universidade Estadual Paulista (Unesp).

A escolha profissional se deu por influência de seu pai Adatan, artista plástico. Ele a conduziu pelo meio artístico instigando-a a conhecer o universo artístico e ensinando-a a pintar. Quando Natália considerou a área como profissão, o pai desaconselhou devido a fatores financeiros: "Ganha muito mal". Mas, apesar do impasse, decidiu tentar o vestibular em artes visuais porque tinha gosto pelo desenho e queria trabalhar com algo que gostasse. Após duas tentativas falhas em São Paulo, uma amiga lhe recomendou buscar novas regiões e então Natália conheceu Bauru.

Hoje, aos 21 anos, reside no interior de São Paulo há um ano. Encontrou na república onde mora uma irmandade, e no coletivo negro Kimpa que frequenta, uma segunda família. Conheceu o coletivo através do conterrâneo Gustavo e envolvida com a questão da militância, sempre esteve presente nas reuniões. Depois de inteirar-se sobre o primeiro encontro, Natália tornou-se frequentadora ávida do grupo. "É um dos espaços mais acolhedores que eu já tive na vida. De conversa, de estudos mesmo, sabe? Problemáticas que as vezes eu não conseguia entender".

Temas que envolvem o racismo, machismo com a mulher negra e toda relação com o patriarcado, são debatidos nos encontros, encabeçados pela aluna da Unesp Julia Conceição, eles acontecem todas as quintas-feiras na universidade. Lá, ela conta que os alunos discutem textos que envolvam a temática negra,

através de autores que combatem o racismo. O coletivo torna-se um fortalecimento político e emocional: "Por ser acolhedor, por saber que existem pessoas que gostam de você e sentem a sua dor. Isso nunca fez tanto sentido pra gente, enquanto coletivo".

Dor a qual acompanhou as fases da vida de Natália, principalmente em sua infância e adolescência. A falta de representatividade da mulher negra, por parte dos grandes meios de comunicação, criou uma autoimagem distorcida, impossibilitando-a de entender a beleza da própria pele. Filha de um casamento interracial, conta que nasceu mais clara que o pai e com traços mais finos, o que atrasou o processo de entendimento de sua raça, classificando-se por um bom tempo como parda. Como herança paterna, trouxe os cabelos crespos, os quais negou durante a adolescência, alisando-os em uma busca pelo pertencimento social. Lembra que sonhava com os cabelos ruivos iguais ao da atriz brasileira Marina Ruy Barbosa e por este motivo, além de alisar os fios, os coloria na tonalidade cobre, gastando muito dinheiro para alterar a própria imagem. Os anseios por mudança ela entende como consequência de uma imagem de beleza feminina criada por veículos de comunicação, ligada à repetição de um padrão hegemônico que define o que é belo e o que não é. "Claro que teve o lado psicológico também, de eu não me achar boa o suficiente, mas a questão estética foi muito forte". Concomitante ao alisamento dos fios, revela que passava por um processo de negação da própria cor, buscando alternativas em cremes para clarear a pele: "Não queria tomar sol porque sabia que a minha pele ia ficar não só da cor que já é, mas até mais escura ou mais viva". O medo influenciou na maneira como lidava com o próprio corpo, na autoaceitação. Não identificar-se aos padrões estéticos vigentes tinha como consequência a busca pelo embranquecimento de suas características: "Meu cabelo é até mais liso na raiz, mas pelo fato dele ser armado e as pontas do jeito que é, já era um motivo para eu querer alisar. Motivo para estar dentro de um padrão do qual eu não fazia parte".

Hoje Natália ri ao lembrar do período em que foi ruiva, mas categoriza as atitudes do passado como uma busca incessante por enxergar-se da mesma forma com

que via as mulheres representadas na TV. Sem referências femininas negras, buscava tutoriais na internet de como mudar o cabelo, nos quais mulheres aconselhavam que os cabelos ruivos fossem também sempre lisos: "Queria ser ruiva, mas como ser ruiva parecendo natural sendo que a minha cor não contrastava com a cor que eu queria de ruivo?".

Devido a todo este processo, as lembranças revivem uma época de frustração em sua vida, pois ao adentrar à sala de aula, ouvia comentários de chacota, em que os alunos ironizavam que sua "cor de argila" não contrastava aos "cabelos de fogo". A influência dos discursos midiáticos reproduzido nas opiniões dos jovens é classificada por ela como uma "entrada silenciosa (dos discursos padronizados) nas nossas vidas desde muito cedo". Afirma que existe um contato prematuro e muito incisivo com os padrões de beleza, a exemplo das bonecas extremamente maquiadas, em sua maioria brancas, cintura fina e cabelos lisos. Cita a própria boneca Barbie, referência para as crianças nascidas nos anos 90 como ela. Este primeiro contato tem suas consequências posteriormente, após o crescimento da criança, originando em uma autoimagem insatisfeita e em uma busca constante por encaixar-se aos padrões estéticos reproduzidos pelas plataformas midiáticas. "Enfim, a mídia interferiu nisso, na maneira como eu me mostro pro mundo e a maneira que eu me mostro pra mim mesma no espelho".

Timidamente, os olhos de Natália se enchem d'água ao lembrar de uma época que a obriga reviver certas dores. Após uma pausa, ela retoma a história narrando o período de autoaceitação e desconstrução de imagens que lhe influenciaram durante a vida. A iniciativa paterna foi fundamental para as descobertas de Natália. "Eu sempre fiz progressiva ou escova em casa, aí quando meu pai via, ele falava não faz isso Nat, vai estragar o cabelo, deixar ele todo opaco, esse liso não está com nada". E como a maioria dos adolescentes em fase rebelde, não atentava-se ao que o pai dizia. Em sua concepção à época, os pais só lhe apresentavam um olhar de proteção; ela mesma não era capaz de se ver bonita dentro de suas características naturais. O que a convenceu definitivamente a desistir da mudança estética foi o cansaço, as horas alisando os cabelos com a "chapinha", cansavam

seus braços e seus ombros, e por causa da dor, começou a mudar a maneira como construía a própria imagem, trazendo seus fios de volta ao natural. "Foi aí que vi que as pessoas começaram a aceitar o próprio cabelo, esse empoderamento estético das pessoas que tinham cabelos cacheados e crespos". Através deste movimento, Natália foi descobrindo-se e aceitando-se.

Um dos mecanismos fundamentais para tal entendimento foi encontrar-se através de grupos na rede social *Facebook*, na qual mulheres que também passavam por esse processo de transição compartilhavam dicas, explicando como realizar a troca do cabelo liso para o cacheado. Esta troca, é feita através do corte químico, chamado também de *BC*, responsável pela mudança nos fios. Realça que é importante se informar em relação às mudanças, porque os primeiros cachos nascem diferentes e necessitam de cosméticos especializados para o processo.

Ao completar 18 anos, Natália renovou-se. Fez o primeiro corte químico, deixando os cabelos à altura dos ombros. Começou a se reconhecer no espelho, onde via traços muito semelhantes aos do pai: "Eu comecei a reparar nisso e me perguntar o que eu sou". O pai sempre lhe dizia que ambos eram pardos, mas através da militância negra na internet, Natália passou identificar-se com outros jovens, porque "eram da mesma tonalidade e mesmo traços que eu". Em meio à toda resistência e "àquela militância da porra", ela fala que começou a questionar algumas frases que ouvia na infância, passando a entender como o racismo fora sutil em sua vida, e viu na aceitação uma forma de luta. Não se reconhecendo branca e classificando pardo como uma raça não existente, afirmou-se e aceitou-se como mulher negra. Natália alegre-se ao citar o movimento negro na atuação de mulheres famosas como Taís Araújo ou a rapper Mc Soffia, que tem hoje 14 anos de idade. A representatividade que surgira em seu horizonte a encantou, uma vez que o negro começa a ser visto nas novelas com outros olhos. "Uma vida boa, não servindo alguém ou à mercê da violência". Critica o fato de a mulher negra só ser vista como doméstica, explicando que o problema não é a profissão, mas sim que a população negra esteja exclusivamente atrelada à esta representação. Há importância nas representações externas como um conforto para a própria imagem, porque ver que

peessoas, com as mesmas característica que a sua, conseguem alcançar o patamar da fama e do sucesso é importante para o movimento. "A mídia influencia sim, e acho que a representatividade é tão importante quanto você se olhar no espelho". Espelho que reflete uma beleza que hoje ela consegue entender, uma representação que quebra o medo de ser quem é, e enxerga como um chamado para autodeclaração e identificação.

Conceitos que carrega em sua produção artística. Influenciada pela cultura forte do *hip hop* em Tiradentes e através da arte de rua, Natália envolveu-se com o grafite. Enxergando os muros como "um papel gigante para desenhar", expõe mensagens de empoderamento para a população negra. Aprendeu a grafitar em 2016, quando a amiga Helen a convidou para pedir muros aos moradores da cidade, para que pudessem treinar. Apesar da primeira tentativa não render um bom desenho, decidiu melhorar sua tática, estudando técnicas do grafite. Viveu um relacionamento breve com um rapaz que lhe trouxe várias ideias e uma visão com a qual começou a se identificar. "Então me apaixonei, porque é muito legal essa brincadeira de se fazer na rua, colorir a rua é muito rico". Diverte-se com a interação do público que a vê pintando, principalmente com as crianças que pedem explicação das figuras que grafita: "São perguntas de fora que você começa a refletir depois. Vai pra casa e fica pensando, porque eu to desenhando isso?"

Através da arte, Natália trilhou sua caminhada na militância, e, aos poucos, se reconheceu. Conta que quando começou a grafitar, frequentava um "cursinho" de artes em São Paulo e teve contato com um professor negro que discutia a representatividade, falando da importância de ser vista não como escrava ou outros termos depreciativos. Com pesquisas na internet, entendeu que as ruas eram o espaço que mais exaltava a sua raça, explicando que existem diferença na exaltação da mulher negra. Os únicos traços que são representados pelos meio de comunicação em geral, são aqueles menos acentuados. Natália então elucidada que, o tipo de racismo sofrido por mulheres com traços mais acentuados, negróides, é mais violento e escancarado e para discutir racismo e padrão estético, é preciso entender que dentro do movimento existem diversos conceitos de beleza negra,

não somente um único traço delicado e pele mais clara."São várias belezas, é um leque muito grande". Encontrou no grafite, a possibilidade de desenhar personagens que não são submetidos à hegemonia das imagens padronizadas: "Como eu gosto muito da questão de mãe África, então trago a África nos traços mais puros possíveis e acabo jogando isso para o grafite. Os desenhos que faço se originam nos meus traços, no meu passado e em outras mulheres. É o que me deixa mais feliz de representar na rua. Saber que alguém vai passar ali de manhã e se identificar".

Desta forma, sente-se bem consigo mesma e hoje é capaz de enxergar-se e de encontrar liberdade na desconstrução que fez durante sua vida, com uma autoestima saudável, que passa por alguns baques, mas tem segurança em quem realmente é. "É bom ver isso, você se sentir assim, nada é melhor do que a gente estar bem consigo mesma". Ela brinca que pode não estar cem por cento em relação às questões estéticas, mas garante pelo menos noventa e cinco por cento de si.

Perfil 8

A estante de Salma

Aos 54 anos de idade, Salma Regina Gallate mantém os cabelos pretos e curtos, tendo cultivado-os durante a vida, como mostram as fotos nos porta-retratos em sua estante. Possui olhos castanhos pequenos, que perdem-se em meio às bochechas, que saltam às maçãs do rosto, e desenham-se pela sua pele clara. De estatura relativamente alta, ombros largos e sorriso carinhoso, veste branco como uniforme de profissão. O guarda-roupa assemelha-se aos dos personagens de desenho animado: nos cabides, peças da mesma paleta de cor, mantendo um estilo único, de quem se veste religiosamente da mesma maneira, todos os dias. Com calças jeans e camisa social, Salma aderiu o estilo a sua personalidade. Eleita no ano de 2016, exerce atualmente o cargo de vereadora na pequena cidade de Guaxupé (MG), com quase 52 mil habitantes. Elegeu-se em sexto lugar, com

806 votos e, recentemente, foi escolhida pela população como vereadora mais atuante, ganhando a medalha Alferes Tiradentes, pelo instituto Tiradentes em Belo Horizonte. Entretanto, nunca deixou a profissão de médica, mantendo a relação amorosa com a medicina há 28 anos. Intercala seus horários entre a câmara dos vereadores e os plantões médicos, na clínica geral do hospital Santa Casa de Misericórdia.

Com uma vida amorosa complexa e cheia de indecisões, Salma é uma mulher lésbica e, no decorrer de seus relacionamentos, tornou-se mãe. O primogênito é o Marcelo, filho biológico da ex-namorada Jordânia; hoje, um rapaz de 16 anos. Recentemente adotou Ellen, filha biológica da ex-namorada Ana – com quem manteve um relacionamento por quase sete anos. Mas, em nenhum dos casos de adoção, seu nome foi registrado nos documentos das crianças, o que dificulta o processo pela guarda compartilhada.

Na rua, doutora Salma é figura pública: até quem pede por esmola para comprar um cigarro a chama pelo nome, sempre acompanhado de "doutora". Uma parada breve na farmácia para comprar a insulina, que controla o diabetes, dura ao menos 15 minutos. “A gente vai ficando velho e farmácia vira ponto de encontro” ela ri, justificando a fama.

Única mulher nascida entre os três filhos de Carlos e Rosimeire, veio ao mundo pelas mãos de duas freiras, faltando dez minutos para meia noite, no dia 27 (quase 28) de Julho de 1963. Salma chegou ao mundo na pequena Guaxupé e por ali cresceu. Possui um sotaque mineiro polido, revelado apenas na acentuação de algumas palavras. De sorriso e fala fácil, relembra sua história saudosa: "Era uma vida muito boa". E durante a entrevista, suas prioridades e gostos ficam claros, sem ao menos precisar de indagação: trabalho é crescimento pessoal e a medicina é uma amiga íntima de infância.

Ao adentrar a própria casa, uma televisão fala sozinha no quarto enquanto os alarmes disparam. Ela explica que foram instalados após dois assaltos seguidos. A violência no lugar que outrora fora calmo a desanima. Conta que houveram diversas entradas forçadas em sua residência, mas apenas na última vez levaram

algo que realmente tinha valor sentimental: o faqueiro de prata que a mãe deixara quando faleceu. Levaram também a televisão de 52 polegadas, que havia terminado de quitar.

Com sua entrada, os cachorros ficam eufóricos em sincronia ao alarme. A sinfônica canina é composta pela São Bernardo Laika, que entra molhada na casa depois de um mergulho na piscina, pelo Poodle Pingo, vestindo uma gravata verde brilhante, e pela maltês Vitória (ou Totóia), que já a acompanhava desde a saída do carro Fiat 500c branco.

Os livros espalhados pela estante de Salma vão desde Einstein e questões da ética filosófica até os clássicos da medicina. Gosto esse, que originou-se na infância, quando o vendedor que passava de porta em porta, lhe oferecia livros. "Mamãe sempre me chamava pra escolher", lembra da Barsa e de outras coleções que possuía. O apego aos livros nasceu da falta de acesso aos mesmos no início da vida. Por isso, passava o dia na biblioteca, onde estudava e lia de "tudo". E este "tudo" refere-se inclusive à sua sexualidade. O material didático classificado como "assunto proibido", ela escondia meio aos outros livros para uma leitura secreta sobre sexo e homossexualidade. Ela faz questão de esclarecer que era uma busca científica e não pornográfica e conta que foi através deles, que viu sentido na sua orientação sexual: "Eu queria entender! Sabia que eu não era uma aberração, então pegava artigos, aquelas revistinhas que tem todos os pensadores, psicólogos, sociólogos, antropólogos. Esses temas que ninguém falava".

Salma discute representatividade nos grandes meios de comunicação, considera um conforto para quem se vê diferente de alguns padrões sociais. Distorções dessa representatividade a incomodam: "Ainda se (fala da causa LGBT) de maneira abusiva, escrachada e não se vai ao âmago da questão. Aquilo que vai te permitir ser o que você quer ser", reflete. Inconforma-se com a má divulgação de informações e afirma que dado recorte realizado tem como consequência conflitos internos em pessoas LGBT. Um exemplo é a falta de discussão a respeito das diferenças entre orientação sexual, relativa aos relacionamentos amorosos, e identificação de gênero, relativa à identidade de homem ou mulher (ou até mesmo

não identificar-se em apenas um gênero). A atribuição de padrões de vestimenta para homens e mulheres lhe causava confusão, pois sempre se achou mais bonita de calça e não de vestido. Olhava para as revistas que traziam mulheres de salto e vestido e se perguntava: “como eu vou vestir isso?”. Seu estilo sempre assemelhou-se muito mais às roupas atribuídas aos homens, como terno e tênis. Esse gosto a enquadrava em uma categoria masculina, a qual nunca pertenceu. “A homossexualidade é ampla demais! E uma vestimenta não quer dizer eu queira ser homem, eu sou uma mulher que gosta de ser vestida desse jeito”. Conceitos pouco abordados durante a infância que trouxeram confusão nas memórias de criança: “Você não sabe se é admiração ou atração que sentia pelas suas amigas, por exemplo”.

São questões que refletem até hoje em sua vida. Dentre seus muitos títulos – de médica a vereadora – um em especial é ofuscado pelos holofotes do preconceito: Mãe Salma. Ela encontra grandes dificuldades na briga pela guarda dos seus filhos. Já ouviu da justiça que precisa “parar com essa palhaçada”. Mas argumenta: “Você cria uma criança desde bebê, junto com a mãe biológica, e, em uma separação de dois adultos, a criança vai com a outra mãe só porque ela a pariu? E a outra mãe?”, questiona. “A justiça tem que estar junto com a gente, tem que olhar pra gente com os dois olhos”. A briga que envolve desde medidas protetivas e a guarda compartilhada dos filhos, leva embora a calma estampada no rosto. “Estou com dor de barriga”, confessa. E o diagnóstico, baseado em 28 anos de experiência em medicina, é preciso: “nervosismo. Encontrei ontem a ex”.

Relações difíceis que arrastam-se pelas crianças: “que horas a justiça vai me ouvir?”. Salma conta que a filha Ellen a questiona, desde que decidiu que queria morar com a mãe não biológica. Com Marcelo, as coisas se encaminham mais facilmente, devido aos seus recém completados 16 anos; o menino já pode realizar a escolha de morar com mãe Salma.

Quanto à educação dos filhos, ela preza pelo diálogo: “Eles tem que saber antes de qualquer coisa, que os pais são amigos”. Acredita no amor incondicional, sempre apoiando-os no que quiserem ser ou fazer, desde que não façam mal ou

agradam o direito dos outros. "O que faz diferença é o amor! O importante é que a criança seja amada, protegida".

Salma defende a igualdade de gênero como fundamental à educação das crianças. Lembra das diferenças na infância e como estas influenciaram seu processo de amadurecimento: "Eu brincava de boneca; tive Susi, Susi Mexicana, Emília! Mas eu brincava na rua com os meninos também, jogava bolinha de gude". Ela enxerga essa divisão de brinquedos por gênero como punição, impedindo o desenvolvimento infantil de maneira integral, relacionado diretamente à formação do raciocínio. Neste quesito, ela acredita que os filhos são ainda mais evoluídos do que seus próprios conceitos: "Brinquei com meu filho, vai colocar camiseta cor de rosa? E ele me respondeu que é só uma cor mãe", lembra rindo.

O carinho e a prioridade pela família estão estampados também em sua estante, através das fotos dos sobrinhos, que já não são mais aquelas crianças em seu colo, e dos filhos, retratados de forma cômica. Ellen com suas pintinhas e roupa de festa junina ainda criança e Marcelo saindo pela cabeça de um tubarão em uma daquelas montagens que fizeram sucesso nos anos 2000.

Concepção amorosa que veio da mãe. O amor e a saudade por Rosimeire Farah, mãe de Salma, estão presentes na mesma estante. Saudade presente ainda no antigo piano esquecido e desafinado na sala de estar, onde repousa um poema em decomposição assinado por sua mãe. Há também no ambiente pinturas feitas por ela antes de falecer. Salma revela que tinham uma ligação muito forte desde dentro da barriga: "ela já me chamava de Salma Regininha e naquela época nem tinha ultrassom!", diverte-se. A lembrança que tem da mãe existe de forma carinhosa, aludindo a uma pessoa muito presente, que não batia, mas educava. Era alguém que fazia de tudo para poupar os filhos, fornecendo sempre o conforto necessário. Salma vê na figura materna uma amiga, uma confidente e por esse motivo, a preservava de alguns assuntos para não fazê-la sofrer. Preocupação que era recíproca: "Eu fui uma criança muito preservada da maldade do mundo, das calúnias, das difamações". Conta que eram crianças que precisavam de proteção assim como de brincadeiras, estudos e viagens com os pais.

Salma menciona que Rosemeire investia muito na educação dos filhos, tendo sido uma grande incentivadora de seus estudos. A certeza pela medicina existiu desde pequena, e a presença incondicional da mãe marcou sua carreira até seus últimos dias. Escolheu a área dos rins como especialização da medicina movida pela falência renal da mãe, consequência do diabetes que acompanha a árvore genealógica da família Gallate. O diagnóstico da mãe veio de dentro da sala de aula, quando, após reparar perda de proteínas no exame de urina da mãe, levou os resultados para uma professora. A confirmação trouxe uma cobrança: "Eu achei que eu tinha que salvar a minha mãe! É lógico. Eu, médica, ia deixar minha mãe morrer?".

Depois de um incessante caminho percorrido por monitorias e frequências em nefrologia, Salma acumulou conhecimento para tratar a doença da mãe. "Depois que mamãe morreu, acabei gostando disso tudo também, quando fui trabalhar no Beneficência [Hospital Beneficência Portuguesa, em São Paulo-SP]. Senti que cumpri minha missão e fui trabalhar, ganhar dinheiro". Trabalhou durante muito tempo como clínica geral em São Paulo, porém a área da nefrologia ainda era de sua preferência. Encantada até hoje pela especialização, conta que é uma especialidade maravilhosa, profunda, intensa e ampla demais: "O bom nefrologista é um bom clínico, todas as outras doenças passam pelos rins". O que a motivou a retornar para casa, sendo pioneira em Guaxupé e região no trabalho desta especialidade. Sem modéstia, orgulha-se do trabalho alcançando, afirmando que: "Não foi dinheiro, nem posição política que trouxeram essas atividades a Guaxupé. Foi o meu trabalho. Foi dizer isso é possível e que nós podemos ter isso aqui".

Escondido entre todas as fotos, repousa na estante o retrato de uma mulher recostada na janela. A mulher é Whoopi Goldberg, interpretando a personagem Celie, no filme *A Cor Púrpura*. "Um dos primeiros filmes dramáticos que vi. É bonito". O pequeno retrato é uma lembrança constante da importância do contato com a temática LGBT. Devido aos pensamentos ainda mais conservadores na época de estreia do longa, ela acredita que o relacionamento lésbico fora retratado de forma discreta.

Trafegando por assuntos, os pequenos olhos castanhos então enchem-se de orgulho ao contar que foi escolhida como a vereadora mais atuante da cidade. A causa LGBT, também está presente nas suas lutas por Guaxupé: "Não é despesa, não exige nada! É só um direito, para pessoa se ver como quer. Ser amada e respeitada, parece tão simples!". Mas o conservadorismo da cidade interiorana ainda a impede de ser transgressora. Conta que tentou aprovar uma lei referente ao uso do nome social pela população transexual e para sua grande decepção, a lei não foi aprovada na câmara dos vereadores.

Por diversos motivos, a política veio como consequência de sua vida. Visando trabalhar na sua cidade, Salma almejava trazer novidades para um lugar ainda retrógrado na área da saúde e dos direitos iguais. No entanto, considera a luta por espaço uma batalha repleta de complicações. "É muito difícil. Eu falo que às vezes as mulheres precisam falar e não são ouvidas, até que um homem venha e fale o que você falou a vida inteira". O que não a impede de continuar lutando por mudanças, uma vez que enxerga a política como o único mecanismo capaz de mudar a sociedade, através de leis e do direito de cada cidadão ter acesso às necessidades básicas. Embora algumas vezes desanimada, alegra-se ao ver perspectivas de mudanças no horizonte e insiste em fazer-se presente dentro da política: "Eles (homens) sabem que precisam das mulheres na política, mas somos tratadas com desprezo. Os homens sabem do que nós somos capazes, sempre souberam. Eles têm medo de serem engolidos".

Mas o momento atual é de paz consigo mesma, sentindo-se muito mais forte do que outros tempos. E reflete nesse sentimento, a serenidade com a própria imagem: "Para mim, autoestima é você saber e conhecer o que você está falando, o tempo que isso vai levar". Sem nunca desistir, ela elucida. E encontra nessa persistência e aceitação, o seu conceito para autoestima: "Você não desistir da sua aparência, do seu modo de existir, do seu modo de pensar, querer as coisas sabendo que um dia isso vai bastar pra você. E é isto que tem que ser, bastar pra você". Quanto ao futuro, enxerga seus 54 anos vida, e os próximos que virão, sempre como um novo começo, trabalhando e nunca desistindo da política. Tem

vontade de ser deputada. Quando olha para o passado, para sua estante e seu lar, alegra-se: “É aquele tipo de filme que só eu gosto”, ri sozinha olhando para o retrato do filme *A Cor Púrpura*.

Anexo 4 – Capas das revistas Vogue, TPM e Boa Forma







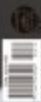


MONAS VERMELHAS
AMARA MOIRA
 SOUTORA EM LITERATURA, TRANSG E EX-PROSTITUTA, "É perigoso olhar uma moçoquinha: dentro tem coisa, cabelo tem coisa, revista tem coisa. É só uma mensagem: não se ficar reclusa a isso!"

TP
 100% FEMININO
 JULHO

O FUTURO É FEMININO?

POR QUE ESTAMOS TÃO ANGSTIADAS?
 POR QUE NÃO NOS SENTIMOS LIVRES? O QUE DEU ERRADO? E COM MORGUINHOU POR MESES NAS PROFUNDEZAS DE ALGUMAS DAS MAIS ORIGINAIS CABEÇAS DO PAÍS, LANÇADAS EM CONSULTÓRIOS, DENRAs, BIBLIOTECAS, SALAS, COLÔNIAS E ESQUINAS, PARA TENTAR ENCONTRAR RESPOSTAS. O RESULTADO VOCE VÊ AQUI!



GUERREIROS!

A CORRER E A PEREGRINAÇÃO DE QUEM LUTA PELO QUE ACREDITA

TRIP

NADA A DECLARAR
 A LEM DOS CIENTISTAS BRASILEIROS QUE PRECISAM CONTRABANDAR ANTICORPOS, MÓDULO E CÉLULAS PARA RECEBER O QUE RESTOU DA CIÊNCIA NO PAÍS

TIRAS BRISADOS
 UM GRUPO DE POLICIAIS PEQUENA COMO E POR QUE RESOLVE PLASTAR MÓDULO

ORLANDO ZACCONE, o delegado que defende a legislação das drogas e a humanização da polícia e bandidos

GRILLO SALGADO DA JORNALISTA GABRIELA PESARA AO PISTE DE PRINCIPAL TREINADOR DE SURF MUNDIAL, A OSMARIN DE LEONARDO BONA

PACINOS VERBAS CONVOCADO PARA O POLÍCIA DA PLEIA, ELE FOI IMPEDIDO DE COMPARECER POR UMA AMEAÇA DE MORTE. Quem é, de onde vem e como pensa o cronista

ANDERSON FRANÇA, que diverte a sociedade igualmente a esportista e a drágo

BRUNA LINZMEYER x MORALISMO











